



PE. FÁBIO DE MELO

QUANDO O
SOFRIMENTO
BATER À SUA PORTA

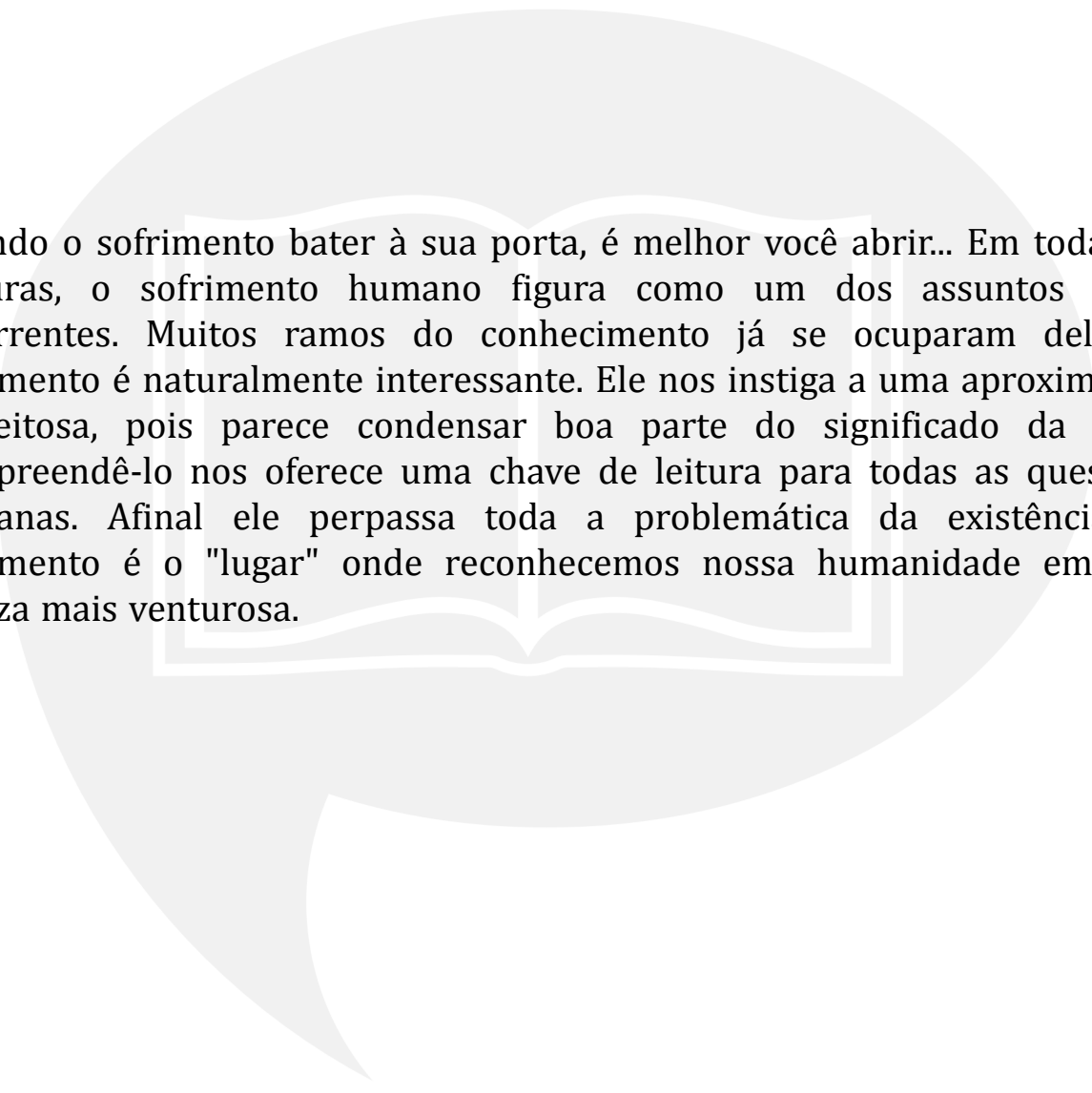


Canção Nova
EDITORA



Planeta





Quando o sofrimento bater à sua porta, é melhor você abrir... Em todas as culturas, o sofrimento humano figura como um dos assuntos mais recorrentes. Muitos ramos do conhecimento já se ocuparam dele. O sofrimento é naturalmente interessante. Ele nos instiga a uma aproximação respeitosa, pois parece condensar boa parte do significado da vida. Compreendê-lo nos oferece uma chave de leitura para todas as questões humanas. Afinal ele perpassa toda a problemática da existência. O sofrimento é o "lugar" onde reconhecemos nossa humanidade em sua crueza mais venturosa.

*Quando o sofrimento bater à sua porta...
é melhor abrir.*

*Tristes ainda seremos por muito tempo,
embora de uma nobre tristeza,
nós, os que o sol e a lua todos os dias encontram
no espelho do silêncio refletidos,
neste longo exercício de alma.*

Cecília Meireles

Essência de vidro

Quando os nossos pés descalços se colocam diante das duras pedras do sofrimento...

quando a fragilidade de nossa condição nos leva a trilhar o inevitável caminho das sombras...

quando a vida nos revela que somos portadores de uma essência de vidro...

é importante que a gente se livre da pressa e da facilidade das respostas prontas...

porque, diante da dor sofrida, mais vale um silêncio, uma pausa, que uma palavra inoportuna.

Primeiras palavras...

Sofrer é como experimentar as inadequações da vida. Elas estão por toda parte. São geradas pelas nossas escolhas, mas também pelos condicionamentos dos quais somos vítimas.

Sufrimento é destino inevitável, porque é fruto do processo que nos torna humanos. O grande desafio é saber identificar o sofrimento que vale a pena ser sofrido.

Perdemos boa parte da vida com sofrimentos desnecessários, resultados de nossos desajustes, precariedades e falta de sabedoria. São os sofrimentos que nascem de nossa acomodação, quando, por força do hábito, nos acostumamos com o que temos de pior em nós mesmos.

Perdemos a oportunidade de saborear a vida apenas porque não aprendemos a ciência de administrar os problemas que nos afetam. Invertemos a ordem e a importância das coisas. Sofremos demais por aquilo que é de menos.

E sofremos de menos por aquilo que seria realmente importante sofrer um pouco mais.

Sofrer é o mesmo que purificar. Só conhecemos verdadeiramente a essência das coisas à medida que as purificamos. O mesmo acontece na nossa vida. Nossos valores mais essenciais só serão conhecidos por nós mesmos se os submetermos ao processo da purificação.

Talvez assim descubramos um jeito de reconhecer as realidades que são essenciais em nossa vida. Para isso, basta desvendarmos e elencarmos os maiores sofrimentos que já enfrentamos e quais foram os frutos que deles nasceram. Nossos maiores valores costumam florescer a partir de nossos maiores sofrimentos, os mais agudos. Por isso se transformam em valores.

O sofrimento parece conferir um selo de qualidade à vida, porque tem o dom de revesti-la de sacralidade, de retirá-la do comum e de elevá-la à condição de sacrifício.

Sacrifícios e sofrimentos são faces de uma mesma realidade. O sofrimento pode ser também reconhecido como sacrifício, e sacrificar é o ato de retirar do lugar comum, tornar sagrado, fazer santo.

Esta é a mística cristã a respeito do sofrimento humano. Não há nada nesta vida, por mais trágico que possa nos parecer, que não esteja prenhe de motivos e ensinamentos que nos tornarão melhores. Tudo depende da lente que usamos para enxergar o que nos acontece. Tudo depende do que deixamos demorar em nós.

Spinoza escreveu: “Percebi que todas as coisas que temia e receava só continham algo de bom ou de mau na medida em que o ânimo se deixava afetar por elas”.

O filósofo tem razão. A alegria ou a tristeza só poderão continuar dentro de nós se nos deixarmos afetar por suas causas. É questão de escolha. Dura, eu sei. Difícil, reconheço. Mas ninguém nos prometeu que seria fácil.

Se hoje a vida lhe apresenta motivos para sofrer, ouse olhá-los de uma forma diferente. Não aceite todo esse contexto de vida como causa já determinada para o seu fracasso. Não, não precisa ser assim.

Deixe-se afetar de um jeito novo por tudo isso que já parece tão velho. Sofrimentos não precisam ser estados definitivos. Eles podem ser apenas pontes, locais de travessia. Daqui a pouco você já estará do outro lado; modificado, amadurecido.

Certa vez, um velho sábio disse ao seu aluno que, ao longo da vida, descobriu ter dentro de si dois cães — um bravo e violento e o outro manso, muito dócil.

Diante daquela pequena história o aluno resolveu perguntar:

– E qual é o mais forte?

O sábio respondeu:

– O que eu alimentar.

O mesmo acontecerá conosco na lida com os sofrimentos da vida. Dentro de

nós haverá sempre um embate estabelecido entre problema e solução. Vencerá aquele que decidirmos alimentar...

CAPÍTULO 1

As múltiplas faces do sofrimento

Nas estradas da vida, o sofrimento é uma passagem obrigatória.

Origem de muitos dizeres, motivo de muitos motivos, o sofrimento humano figura nas mais diversas culturas como um dos assuntos mais recorrentes. Muitos ramos do conhecimento já se ocuparam dele. Ramos diferenciados, evidenciando suas inúmeras faces.

O sofrimento é naturalmente interessante. Ele nos instiga a uma aproximação respeitosa, pois parece condensar boa parte do significado da vida. Compreender o sofrimento parece nos oferecer uma chave de leitura para todas as questões humanas, afinal, ele perpassa toda a problemática da existência. Ele é o “lugar” onde reconhecemos nossa humanidade em sua crueza mais venturosa.

A filosofia, desde sua matriz grega até os dias de hoje, empenhou-se profundamente em suas tentativas de compreender o sofrimento e suas causas mais profundas.

A teologia sempre se esmerou em articular a problemática da Revelação de Deus, centro de suas investigações, com sua busca incansável por respostas a respeito do sofrimento da condição humana.

A psicologia sempre se mostrou desejosa de fornecer caminhos que aliviassem o peso de nossas mazelas. O objetivo de sua pesquisa é favorecer ao humano uma estrutura psíquica um pouco mais harmoniosa, livrando-o das neuroses e ajudando-o a conviver melhor com os limites que lhe são próprios.

A medicina, enquanto ciência capacitada para dissecar a morfologia do sofrimento, isto é, o corpo que padece, avançou por territórios interessantíssimos na luta contra a dor. Ela trabalha com o corpo e sua condição de “matéria temporária”.

O corpo é matéria limitada, isto é, ele é propenso aos limites e às regras do meio em que está localizado. O corpo, quando exposto ao calor, sofrerá as consequências do aquecimento. Quando exposto ao frio, sofrerá as consequências do resfriamento. Somos vulneráveis, e essa vulnerabilidade é a porta de muitos sofrimentos.

O corpo é o território da dor. É nele que o sofrimento e todas as suas faces se concretizam. Quando violentado por alguma causa, o corpo responde com a dor.

A dor é uma resposta natural. Ela sinaliza para os nossos limites. É por isso que desde muito cedo aprendemos a driblá-los. É simples. Minimizar os limites é uma tentativa de evitar a dor. Este aprendizado nós o fizemos a partir de regras práticas do nosso dia a dia. Desde criança ouvimos a frase: “Não ponha a mão no fogo porque queima!”.

O imperativo da expressão era uma forma de apontar os limites que nos são próprios. Não temos uma pele resistente ao calor das chamas. Possuímos esse limite, e com ele teremos que conviver.

A medicina, ao ocupar-se das fragilidades do corpo, busca encontrar caminhos para superar, ainda que temporariamente, os poderes de sua finitude. O corpo, por estar sujeito à regra que postula que “tudo o que é vivo um dia morrerá”, experimenta constantemente o perigo da interrupção de sua duração. Este é o objeto da medicina. O corpo é a matéria da pesquisa, dos avanços e também dos fracassos.

A medicina não para de buscar caminhos. Nas últimas décadas, temos acompanhado uma forte campanha dermatológica que solicita à população que incorpore à sua rotina o uso do protetor solar. Com o problema das fendas na camada de ozônio, o aquecimento global nos legou, além dos muitos que já temos, um novo limite. Nossa pele não suporta a incidência dos raios que chegam diretamente até nós. Sem a camada de proteção natural, que foi

destruída pelas constantes agressões de nossas sociedades industrializadas, somos agora obrigados a buscar um recurso que nos proteja dos raios nocivos do sol.

É a medicina tentando driblar o limite do corpo. É a tecnologia aplicada à preservação da saúde. É a tentativa de minimizar os sofrimentos físicos, aqueles que as radiografias detectam e que os exames revelam. É o corpo e suas possibilidades de dor. É a carne humana e sua fragilidade exposta; é o ser vivo e sua luta desesperada contra a morte.

Mas não temos o desejo de nos ater a essas questões. O nosso querer é menos pretensioso. Queremos, com simplicidade, tecer uma reflexão que nos mostre uma maneira de acolher os sofrimentos que nos afligem sem permitir que eles nos destruam ou nos retirem a vontade de viver.

Para favorecer este nosso desejo e torná-lo possível, consideraremos o sofrimento a partir da díade corpo-alma. Dessa forma, ficará mais seguro continuar no caminho que desejamos.

Os sofrimentos do corpo são os diretamente ligados ao contexto da dor localizada, da dor material, física. O corpo que envelhece, o corpo que padece com os limites do tempo.

Já os sofrimentos da alma são os que se referem aos desatinos dos afetos, aos conflitos espirituais, emocionais, morais, enfim, a tudo o que dói na vida humana e que não tem materialidade, isto é, não pode ser radiografado, tampouco identificado por meio de exames laboratoriais.

Quando o nosso sofrimento é localizado e pode ser curado mediante prescrições de remédios, estamos diante de problemas para os quais a medicina já encontrou a solução. Se temos uma enfermidade psíquica, fruto de desordens químicas que geram tristezas ou de distúrbios emocionais provenientes de nossos distúrbios cerebrais, a medicina oferece inúmeros caminhos e possibilidades para sararmos essas questões.

Mas o que podemos fazer quando estamos diante dos limites que são próprios da vida e para os quais não existem remédios? Como reagir diante dos acontecimentos trágicos a que toda pessoa está sujeita? Como podemos nos

posicionar diante de tudo o que nos infelicitiza nestes tempos tão marcados por inseguranças e violências?

Há algum jeito, alguma forma de fortalecer nossa estrutura humana para que o sofrimento seja enfrentado sem que se torne a causa de nossa ruína?

É possível administrar os sofrimentos e minimizar suas ações sobre nós? A dor pode nos ensinar alguma coisa? Podemos aprender alguma lição com os limites que são próprios da vida?

É sobre estas questões que queremos refletir.

CAPÍTULO 2

A natureza do sofrimento

Quando o sofrimento bater à sua porta, é melhor abrir. Resistir ou negá-lo é apenas um jeito de fugir do que mais cedo ou mais tarde você terá que enfrentar.

Sufrimentos são naturais na vida humana. Eles se dão no percurso dos acontecimentos que nos envolvem.

Quando dizemos que algo é “natural”, nós o fazemos para demonstrar que esse algo não foi acrescentado, mas faz parte da vida. É natural porque pertence ou se refere às leis que nos regem e configuram a nossa condição humana. É natural porque pertence à ordem das coisas que nascem espontaneamente.

Um dos grandes nomes da filosofia contemporânea, o filósofo Schopenhauer, em um ensaio intitulado “Dos Fundamentos da Moralidade”, faz a seguinte pergunta: “Como é possível que o sofrimento que nem é meu nem me interessa me afete de imediato como se fosse meu e com força tal a ponto de impelir-me à ação?”.

A pergunta do filósofo é instigante. Para ele, o contato com o sofrimento do outro nos recorda quem somos. O sofrimento é uma espécie de espelho onde nos enxergamos a partir do outro. No outro que sofre o meu eu está refletido em sua totalidade. Ao encontrar o outro e sua precariedade, nele descubro a minha verdade fundamental, a minha condição expressa e viva em toda criatura.

O filósofo teoriza aquilo que todos experimentamos na prática. O sofrimento

é uma das molduras que dão sustento à nossa existência. É o tecido que envolve a vida.

Nós o experimentamos desde o momento de nossa concepção. Pesquisas comprovam que muitas crianças, no processo de gestação, já sofrem com a ansiedade e com alguma forma de sofrimento da mãe. Muitos medos e inseguranças manifestados ao longo da vida parecem ter raízes em rejeições acontecidas ainda na vida intrauterina. Nem mesmo na proteção de nossa primeira morada estamos livres do sofrimento.

O nascimento também é uma experiência de sofrimento. O parto não é doloroso somente para a mãe, mas também para o filho.

Nascemos a partir do movimento das contrações, isto é, movimentos de estreitamento, compressão, encolhimento. As contrações são o movimento do ato de nascer. É por meio delas que a criança se encaminha para o mundo. A mãe sofre o processo de expulsar o filho de seu ventre. Toda a musculatura trabalha com um mesmo objetivo – encaminhar a criança para o nascimento.

Ao perceber o movimento que a retira do ventre, a criança também inicia um processo de dor. Terá que sair da tranquilidade do útero, do lugar da segurança, para passar pelo estreito caminho materno que a conduzirá ao novo mundo.

Nascer já é uma forma de sofrer. Sofrimento físico e psicológico. Físico porque envolve o movimento de esforço muscular, rompimentos, sangramentos. Psicológico porque representa uma mudança de fase para a mãe e para a criança.

O caminho estreito pelo qual chegamos ao mundo já parece ser uma metáfora do que será a nossa vida. Nem sempre as passagens são amplas, facilitadas.

Outra questão que nos coloca diante de sofrimentos inevitáveis é a nossa condição de seres inacabados. Os especialistas nos ensinam que o ser humano é o ser vivo que nasce mais incompleto. Nossa incompletude nos expõe a muitos sofrimentos naturais, próprios de quem precisa de cuidados para sobreviver.

Nascemos incapazes de ficar eretos por nós mesmos, diferentemente de tantos outros animais que já se equilibram sozinhos logo após o nascimento.

Sofremos cólicas terríveis nos primeiros meses de vida. São os movimentos de ajuste que a natureza faz aos poucos, conduzindo-nos às adaptações necessárias para cada fase.

Sofremos quando vivemos à distância dos que amamos. Sofremos com os afastamentos temporários, as primeiras experiências de solidão, quando, por necessidades comuns à vida de todos nós, temos que ser cuidados por estranhos.

Sofremos e assim nos firmamos como humanos. Homens e mulheres que recolhem diariamente o sentido de ser o que são e de sentir o que sentem.

É inegável: o sofrimento é humano, o sofrimento é natural.

*Os limites do mundo os meus pés não
ultrapassam, mas o que de mais alto
existe, minha alma alcança.*

Fábio de Melo

CAPÍTULO 3

O sofrimento como experiência de limite

Sufrimentos nascem de limites. Toda vez que precisamos lidar com tudo o que não podemos, é natural que sejamos acometidos por sofrimentos.

Gosto de compreender o conceito de limite como fronteira. Fronteiras podem representar o fim, mas também o início. Tudo depende de como a fronteira é vista por nós.

Dizem que no interior do Amapá, no limite extremo do país, um homem pescava em uma pequena canoa quando foi avistado por alguns homens que estavam em outro barco, que lhe perguntaram: “É aqui que o Brasil termina?”. E ele respondeu: “Não, é aqui que ele começa!”.

As perspectivas eram diferentes. O lugar apontado por alguns como fim, para outros era apenas o início. Isso é fronteira.

Pode ser que em alguns momentos da nossa vida tenhamos experimentado a mesma coisa. Estivemos diante de fatos que poderiam ter representado o fim, mas que se transformaram em início. Dependerá de como os interpretamos.

É a experiência do limite como fronteira. Momentos em que teríamos tudo para desistir, mas que se transformaram em impulsos para novas iniciativas somente porque os enxergamos de uma nova forma.

A vida é constante experiência de limites, isto é, de fronteiras. Estamos em êxodos intermináveis, passagens que realizamos todos os dias. São portas que se fecham, outras que se abrem. Pessoas que se vão, pessoas que chegam. Oportunidades que terminam, outras que começam.

O importante é não transformarmos as passagens em realidades definitivas, é perceber que a vida segue um movimento natural que nos encaminha sempre. É nesse sentido que precisamos aprender a lidar com as fronteiras, com os limites.

Olhar para o que não podemos e nisso permanecer é, de alguma forma, prendermo-nos ao maior de todos os limites.

Somos frágeis, vulneráveis, e sabemos disso. Temos um limite que nos marca, mas esse limite não pode nos determinar. Não é esse o seu papel. Ele pode servir como sinal para as mudanças que dele nascem.

Uma vez apreendido como impulso positivo para a vida, o limite perde o seu caráter definitivo e destruidor. É dessa forma que podemos minimizar os efeitos dos sofrimentos que nascem de nossos limites.

Primeiramente, precisamos ter esta consciência — sofrer é o mesmo que estar vivo. Sofremos por diversas causas e motivos; sofremos de diversas formas. Há sofrimentos físicos, sofrimentos psíquicos, mentais. Por vezes doem separados. Em alguns momentos, nós os experimentamos juntos, concatenados em um mesmo movimento.

Sofremos porque somos limitados. Não temos como negar esta realidade. O que precisamos é assumi-la, mas do jeito certo.

O que não podemos é transformar o fato de termos limites em uma limitação ainda maior. Sabermo-nos limitados é apenas um jeito de acolher a condição. Ao reconhecerno-nos assim, isso não nos coloca na condição de um limite absoluto, cerceador. Não, muito pelo contrário. O conceito de limite é positivo, pois nos dá a capacidade de reconhecer o que podemos e o que não podemos.

É neste primeiro acolhimento da condição que passamos a lidar bem com os sofrimentos que nascem dos nossos limites. Limites, quando assumidos, podem nos direcionar a um processo de constante aperfeiçoamento; mas, se negados, podem nos fazer regredir e até mesmo inviabilizar a nossa realização humana.

A psicologia nos ensina que negar uma realidade, cuja matéria são o limite e o sofrimento que dele decorre, tende a torná-la ainda mais torturante e opressiva. A negação é um recurso que não minimiza o limite; ao contrário, ela o

fortalece, potencializa-o.

O exemplo é simples, mas pode ajudar. Um atleta não deve negar os limites que possui. Não pode, porém, enxergar neles o fim de suas possibilidades. Ele sabe que sua condição é marcada pelo limite, mas só poderá saber onde está o limite do seu limite se investir em superações constantes, mediante os treinamentos.

Os obstáculos não podem ser o motivo da sua desistência. Eles devem figurar em sua vida como um sinal de tudo aquilo que ainda será melhor.

Ao respeitar as limitações que lhe são próprias e ao deixar de temê-las, ele se colocará no caminho para sua superação. Mas, ao superar aquele limite, outro se colocará em seu caminho. E novamente o processo se sucederá, de maneira que o atleta nunca se sentirá pronto.

Essa forma de lidar com as limitações é sempre positiva. Reparem que, nessa perspectiva, a interpretação do limite é feita a partir de dois aspectos. Em primeiro lugar, nós o consideramos uma condição. É nossa marca, faz parte de nosso estatuto. Em um segundo momento, esse primeiro limite se manifesta em outros que fazem parte do nosso cotidiano.

Somos limitados e não podemos mudar isso. Funcionamos a partir desta regra. O limite é humano. Mas os desdobramentos dele, estes, sim, podem ser superados.

É o caso do atleta. Ele tem como limitação um corpo que se cansa, que sofre dores, que precisa de repouso e que não pode ser desconsiderado em sua fragilidade. Mesmo assim, nunca deixa de vencer o que pode, dentro dos limites que possui. Ele se respeita e, ao se respeitar, se supera.

Ele cria o seu paraíso, isto é, o lugar de suas possibilidades, e dentro desse paraíso busca a superação constante de tudo o que pode fazê-lo fracassar.

CAPÍTULO 4

Aprofundando o conceito de limite

Há uma reflexão interessante sobre a questão do limite e a origem dos sofrimentos que podemos fazer a partir da Antropologia Teológica.

Todos sabemos que a Sagrada Escritura, mais precisamente em Gênesis 3, postula a entrada do sofrimento no mundo a partir do que hoje compreendemos como pecado original.

O contexto do pecado original é a desobediência dos primeiros humanos. Adão e Eva, no relato da primeira queda, são os protagonistas do acontecimento que mudou a história da humanidade. Um erro que ainda repercute em nós, uma vez que não estamos mais livres da condição de pecadores.

Dessa forma, o pecado original ficou diretamente associado à entrada do sofrimento no mundo. A expulsão do paraíso é a metáfora dessa nova condição. Antes, a vida era livre de sofrimentos, livre de dores. Depois da queda, a vida se tornou um fardo; os filhos passaram a nascer em meio a dores, e o suor do rosto passou a ser a condição para que o alimento seja conquistado.

Veja bem, não queremos fazer uma exegese desse texto. O que queremos é buscar o significado do pecado original e colocá-lo ao lado do conceito de limite. Este paralelo pode favorecer uma abordagem bastante sugestiva para nossa compreensão a respeito do sofrimento.

O termo pecado é muito bem compreendido por todos nós. Somos pecadores e temos conhecimento de causa quando se trata do que ele representa em nossa vida. Pecado é todo ato falho cometido de forma consciente, que tem o poder de

repercutir em Deus, em nós e na sociedade em que vivemos.

O pecado entrou no mundo e nos deixou uma herança. Sou pecador naquele que pecou primeiro. Temos uma herança adâmica, isto é, entramos no testamento de Adão. Queiramos ou não.

Tudo bem. Somos pecadores por condição. Mas nem sempre empregamos os termos pecador e pecado de modo correto. Talvez seja por isso que existam tantos equívocos a respeito do assunto.

Ao olhar uma criança recém-nascida, é possível dizer que aquela criança é pecadora? Que teologia estranha é essa que atribui culpa a alguém que ainda desfruta da bonita fase da inocência?

Pois bem, aqui está a grande questão. Ao dizer que uma criança é pecadora, a teologia cristã pretende dizer que ela participa da herança do primeiro pecado e que, portanto, possui as marcas do primeiro erro. Tais marcas tornam essa criança predisposta ao pecado sem ainda ter cometido nenhum ato pecaminoso. Ou é pecado ser gente?

Note. Essa questão é muito sutil e precisa ser bem explicada. Um recém-nascido não cometeu absolutamente nada que o fizesse ser considerado pecador. Ele ainda não cometeu o pecado, mas é possuidor do limite que poderá fazê-lo pecar.

Não sabemos quando essa criança verdadeiramente cometerá o primeiro pecado na vida, afinal, a teologia nos diz que para ser pecador é preciso que se tenha consciência do erro cometido. Uma criança ainda não pode ter consciência do que é certo ou errado. Tudo isso ela aprenderá com o desenvolvimento do seu juízo moral.

Agora, e se trocarmos o termo pecador por limitado? Não ficaria mais fácil de compreender? Olhamos para uma criança e dizemos que ela possui o limite original. Ela tem uma condição da qual não poderá se libertar. Ela é finita. Será vulnerável ao tempo, ao envelhecimento, à dor e ao erro.

Não existe aquele ditado popular que diz que errar é humano? É disso que estamos falando.

Há uma canção¹ interessante que traduz bem essa condição do ser humano.

Aparentemente ela parece ofensiva aos que pregam os valores do céu, mas não é. Apenas reivindica o direito de se alegrar com o fato de sermos precários. Vejamos...

*A alegria do pecado às vezes toma conta de mim
e é tão bom não ser divina.
Me cobrir de humanidade me fascina e
me aproxima do céu.*

Repare que os autores utilizam o termo pecado, mas, se você analisar a letra a partir do que já refletimos, poderá concluir que o termo pecado quer referir-se ao conceito de limite. A letra recorda a alegria que o limite pode provocar, caso seja compreendido de maneira positiva. Ao dizer que “é bom não ser divina”, a personagem da canção não desvaloriza a condição divina, mas apenas reivindica o direito de ser humana. Reivindica o direito de ser o que pode e naturalmente de se livrar do peso de ser quem não é.

A canção continua:

*Eu gosto de estar na terra cada vez mais
minha boca se abre e espera
o direito, ainda que profano,
do mundo ser sempre mais humano*

É tão lindo identificar nestes versos aparentemente agressivos, dedicados ao Sagrado, o desejo de colocar a vida em ordem. Sejam sinceros. O discurso religioso desconsiderou muitas vezes a nossa humanidade, uma vez que queria que nos transformássemos em anjos. Mas não nascemos para isso. Os versos pedem que o mundo seja mais humano. O formato angelical não funcionou. Deus não conseguiu entrar no mundo porque as asas de nossa pretensa santidade não permitiram que Ele pisasse o nosso chão. A experiência religiosa, a partir de uma mística desencarnada, expulsou Deus da história. Deixamos de viver o bonito processo da continuidade da encarnação de Jesus, o Cristo, na

encarnação de nossa vida.

A confissão continua...

Perfeição demais me agita os instintos.

Quem se diz muito perfeito

na certa encontrou um jeito insosso

pra não ser de carne e osso, pra não ser de carne e osso.

Mergulhe nestes versos finais. Quantas vezes reconhecemos em nós essa fuga dos defeitos a partir de máscaras perfeitas?

Por que temos tanta dificuldade em lidar com nossas precariedades? Por que negamos tanto nossa condição humana e os limites que nascem dela?

É pecado ser humano? Não. É apenas ser limitado. Mas este limite não precisa causar infelicidade. O limite original se desdobrará em outros limites, pois a vida do limitado é assim, mas isso não o prenderá, tampouco precisará destruir suas possibilidades.

É na carne, é nos ossos que a vida é possível. Toda a promessa escatológica, esta que nos promete o céu como herança, tem na história o seu começo. O céu começa é nas pedras, na dura experiência de ser humano. Ele nasce do sofrimento, da luta diária estabelecida para superarmos o que nos ameaça sem dar trégua.

Do limite da condição humana nascem os sofrimentos, mas esse limite, ao se desdobrar no dia a dia de nossa vida, pode funcionar como impulso para nossas superações constantes.

Tudo depende de como nos posicionamos diante dos desdobramentos. A personagem da música pode nos sugerir algo interessante? Creio que sim. Primeiramente, permitindo que a alegria do limite tome conta de nós. É preciso deixar de ver a fragilidade como um defeito. Não somos defeituosos porque somos frágeis. Tudo o que é frágil merece maior atenção. Um cristal é frágil. Quem o possui sabe muito bem que precisa cuidar dele. A fragilidade inspira cuidado, e não outra coisa.

Acolha o cristal que há em você. Alegre-se por ser frágil. Quem sabe assim você se abra para bonitas experiências de cuidados.

Revista-se de humanidade. Descubra nas pequenas coisas o quanto é precioso ser humano. Não queira ser anjo. Cuidado com os pesados fardos que presume serem caminhos de santidade. Não se esqueça de que Deus não o quer perfeito. Deus o quer santo. Só isso.

Ser perfeito é coisa muito sem graça! Tudo o que é perfeito não pode ser alterado, e por isso vira peça de museu. Não creio que esse seja o projeto para a sua vida. Deixe de sofrer pelas metas absurdas a que se propôs. Busque a santidade por meio de caminhos possíveis, simples. Nós complicamos demais a vida, e por esse motivo sofremos tanto.

Deus é simples. Prefere os caminhos inusitados. Olhe ao seu redor. Veja o que é pequeno, humano e torto. Ele costuma se esconder nesses lugares. Por vezes encontramos as pessoas buscando Deus em realidades sobrenaturais e esperando que Ele realize acontecimentos maravilhosos para que possam Nele crer. Não acredito que esse seja o caminho.

As questões humanas, as mais naturais, são os lugares preferidos da revelação de Deus. Um corte no dedo, uma ferida que sangra, uma dor que nos atinge, em tudo isso Deus pode ser encontrado. A dor humana é lugar de revelação divina.

Não é preciso que milagres grandiosos sejam realizados. Basta vermos quem somos e termos razões de sobra para professar a fé na grandeza de Deus. Grandeza que se mostra em detalhes miúdos e aparentemente insignificantes.

Há um jeito bonito de descobrir a Deus a partir dos nossos limites, porque, quando o sofrimento nos atinge, é natural que a alma grite pela sua origem. É natural que ela se desprenda de seus subterfúgios e volte ao lugar de sua primeira morada, sua primeira segurança.

Ao experimentar-se limitado, o ser humano vive a bonita possibilidade de descobrir a Deus como resposta e complemento para tudo o que lhe é ausente. Ele prova de Deus. Experimenta sua força a sustentá-lo, porque, ao olhar nos olhos de seus limites, surpreendentemente ele consegue descobrir os olhos do

Criador.

Estar diante dos limites é como estar diante da necessidade de Deus. É como o filho que diante do perigo grita pela presença do pai.

*Não tenho nada que me prove a
existência de Deus, mas mesmo assim Ele
continua sendo o absoluto dos meus dias.
Nunca choveu maná no quintal de minha
casa e a imagem que tenho da Virgem
Maria nunca derramou uma lágrima.
O que tenho aqui é esta mão machucada,
este dedo sangrando,
este nó na garganta,
este humano desconsolo,
esta dor,
esta cor
e este olhar desconcertante de Deus,
deixando-me sem jeito, ao dizer que me
ama.*

Fábio de Melo

CAPÍTULO 5

Respeitar os limites, mas nunca temê-los

Respeito e medo são duas realidades distintas. Diante dos nossos limites, costumamos reagir com esses dois impulsos. Movidos pelo respeito ou pelo medo.

É interessante que a experiência religiosa passe pelos mesmos caminhos. Ou respeitamos a Deus ou o tememos. Isso porque descobrimos o respeito e o medo a partir das realidades que são superiores a nós. Por exemplo, os pais, os professores que já tivemos, as autoridades exercidas sobre nós. Todas essas situações nos educaram para o respeito ou para o medo. Tudo depende de como fomos expostos a elas.

Nem sempre a religião consegue nos ensinar o respeito a Deus. É mais fácil ensinar o medo, e por isso o discurso religioso deixou de atingir a muitos ou os atingiu de uma forma danosa.

Olhar nos olhos de Deus no momento da fragilidade requer maturidade. Crer que Deus nos reconhece frágeis, pecadores, e mesmo assim continua nos amando, é desafio de considerável grandeza.

Mas uma coisa é certa: conhecer Deus a partir do amor é garantia de experiência frutuosa. A religião que se pauta no discurso da misericórdia tem grandes possibilidades de formar um ser humano preparado para compreender os limites de forma positiva e interpretá-los de acordo com a lógica do respeito.

Quando descobrimos nos olhos de Deus o amor e o acolhimento,

reconhecemos naquele que nos olha o respeito por quem somos. Deus não nos faz sucumbir, não nos nega como humanos nem nos quer anjos; ao contrário, Ele nos promove. Por isso não é capaz de desprezar-nos em nossa fraqueza. Ao reconhecermo-nos amados por Ele, cresce dentro de nós, como resposta a esse amor, o respeito por Ele.

Essa experiência de amor a Deus pode nos encaminhar para o verdadeiro aprendizado do respeito aos limites.

Respeitar os limites é considerá-los, isto é, consiste em agir de acordo com eles. Temer os limites é o mesmo que se curvar a eles.

Respeito é totalmente diferente de medo. Exemplo simples é a vida social e suas regras. Quando dizemos: “Não jogo lixo na rua porque sei que a cidade não é um bem particular, mas coletivo”, é possível perceber uma consciência estabelecida a partir de um valor. A regra é referência de um comportamento que considero saudável. O limite que a regra me recorda é positivo. A cidade não é somente minha.

Mas se, por acaso, diante da regra eu não tivesse descoberto o valor do limite, pode ser até que não jogasse lixo na rua, mas não o faria por um valor, e, sim, pelo medo de ser descoberto e conseqüentemente repreendido por minha atitude.

Nesse caso não haveria um valor orientando minha conduta, mas, sim, a força imperativa do medo. O limite não seria compreendido como algo positivo.

Um outro exemplo.

Mariana era uma menina que tinha dificuldade de aprender matemática. Ela temia os números e suas equações, até o dia em que descobriu que a matemática não merecia o seu medo, mas, sim, o seu respeito.

Como assim? Estudando um pouco mais.

Até aquele dia sua vida escolar estava pautada pelo medo. Quanto menos sabia matemática, menos ela estudava. Quanto menor era o seu conhecimento, maior era o medo que sentia. Perceba que o medo a conduzia por um caminho vicioso e sem saída.

Mariana tinha medo dos livros, por isso não os abria. Tinha medo de ter

contato com o limite de não aprender.

De repente a visão de Mariana foi modificada. Ela sabia que aquela área do conhecimento não precisava ser temida, mas sim respeitada. Ela precisava modificar a lógica de suas ações. Se não sabia, precisava se empenhar para saber mais.

Ao descobrir que precisava amenizar o medo que sentia, Mariana percebeu a necessidade de levar um pouco mais a sério sua relação com os números. Precisava se empenhar em dobro. Em outras palavras, precisava respeitar o inimigo.

Esse respeito se desdobrou em sofrimentos. Mariana não gostava de estudar aquela disciplina. Mas não se prendeu ao medo de sofrer. Enfrentou o desafio de aprender e, assim, começou a ver os resultados do seu sofrimento.

Ao respeitar seu limite e investir em sua superação, Mariana compreendeu que a matemática não era o monstro que ela sempre imaginou que fosse.

Apenas assim pôde perder o medo e aprender melhor a lógica dos números. Mariana adentrou o lado positivo do limite que possuía. Perdeu o medo e assumiu o respeito.

O mesmo precisa acontecer conosco. Sei que você também sente medo de muitas coisas! O medo não pode mudar a realidade, mas o respeito sim, pois ele sugere atitude. Medos nos paralisam. O respeito nos impulsiona de forma responsável.

Da mesma forma que precisamos respeitar a Deus, mediante a experiência do amor, também precisamos respeitar os nossos limites mediante a experiência do cuidado com eles.

O respeito nos autoriza a lutar. O medo nos paralisa diante do inimigo. O respeito nos mostra o limite como ele verdadeiramente é, ao passo que o medo o dilata porque funciona como lente de aumento. Por isso, o menor dos medos pode transformar a vida em um obstáculo intransponível.

Tudo depende de como encaramos os nossos limites. Se o nosso olhar for respeitoso, certamente obteremos um melhor resultado na lida com eles, mas se o nosso olhar for marcado pelo medo, eles certamente se tornarão maiores do

que nós.

CAPÍTULO 6

O limite como possibilidade

É interessante descobrirmos os caminhos sugeridos pelos limites. Na fraqueza que experimentamos, há sempre uma força sendo gestada. Essa regra está nos jardins. No silêncio da terra, as sementes precisam se entregar ao duro movimento da morte para que possam se transformar em frutos.

A teologia do pecado original não pode ser lida sem o paralelo com a cristologia. O limite humano só tem sentido se costurado no manto redentor de Cristo. É nele que descobrimos o significado de nossa fraqueza, é nele e a partir dele que nos encorajamos a olhar nos olhos dos nossos limites.

Cristo é o novo Adão. É nele que a humanidade é reconstruída. A história encontra em sua pessoa um novo começo.

O que antes era fardo — limite original — torna-se agora causa de vida nova. Em Cristo, o nosso limite se transforma em possibilidade, pois Ele nos ensina um jeito diferente de compreender as nossas fragilidades.

Ao lançar os olhos para aquele que nos fortalece, o limite se transforma em motivo de aproximação.

A condição de necessitado não precisa ser vergonhosa. Ao descobrir nossas inadequações, o nosso olhar se lança sobre aquele que é fonte de toda harmonia e nele descobre a parte que nos falta.

A experiência humana ensina que as nossas carências podem nos impulsionar para a admirável relação do cuidado. Carecer é o mesmo que necessitar. Não me refiro às carências desordenadas, fruto de nossas desordens

afetivas, mas, sim, à carência que nos coloca como seres de uma asa só, que, para voar, precisam se abraçar.

Cristo está para o ser humano assim como a asa está para o pássaro. É Ele quem nos eleva. Ele é quem nos retira da miséria de nossos limites para nos oferecer possibilidades. Essa retirada não é mágica. Ela se dá pela força do aperfeiçoamento humano, tão expresso no cuidado. Cuidar do que somos é o mesmo que cultivar o que o Cristo nos faz ser. Por isso a experiência do cuidado é tão presente na mística cristã.

A vida fraterna é marcada pela superação dos sofrimentos que nascem dos limites, mediante os cuidados que nos dispensamos. Cuidar é socorrer o mundo de suas incompletudes. O gesto humano, por mais imperfeito que seja, sempre tem o poder de completar no mundo o gesto criativo de Deus.

O amor humano tem sua raiz no amor divino, mas se desdobra e passa a ter movimento próprio. O amor de Deus não nos condiciona, não nos obriga, apenas nos motiva. Trataremos melhor disso adiante.

Viver a dinâmica da cristificação, isto é, vivenciar o desafio de deixar Cristo viver em nós, é uma bonita forma de superar os limites que geram os sofrimentos. Ao assumir o limite como possibilidade, os condicionamentos do passado se transformam em ferramentas para o nosso crescimento.

É simples. Descubra o seu maior defeito. Comece a trabalhar nele. Não permita que ele sufoque as suas possibilidades. Faça com que ele seja seu, e não o contrário. Há pessoas que não possuem defeitos porque, na verdade, são eles que as possuem; não administram, pois são eles que o fazem.

Não seja assim. Trabalhe incansavelmente no seu principal defeito. Não o perca de vista. Seja bastante sincero com você mesmo. Faça o que for necessário para que ele fique sob controle. Se é raiva, pense duas vezes antes de se deixar irritar. Se é ciúme, relativize um pouco mais a situação antes de criar o conflito. É inveja? Pare de olhar para o que é conquista dos outros e busque conquistar o que pode ser seu.

Enfim, faça algo que neutralize o poder que o defeito tem sobre você.

Aos poucos, perceberá que ele está cedendo espaço, perdendo força, e então

você assumirá o controle.

Desse defeito sob controle é bem provável que nasça uma virtude. Defeitos podem ser sementes de virtudes, se bem cuidados. A beleza de um jardim depende da qualidade do solo. Estercos são realidades precárias, mas são eles que potencializam as plantações. O precário que não vemos é o que impulsiona o crescimento da rosa que admiramos. Nesse caso, o que era precário virou possibilidade. Compreendemos, dessa forma, que podemos sofrer menos com os nossos limites. Acredite. Muitas situações que nos fazem sofrer perderiam o seu poder sobre nós, caso transformássemos o limite em possibilidade. Simples? Sei que não é. Se fosse simples, o mundo estaria repleto de pessoas felizes e equilibradas.

*Antes de chorar pelos limites que possui,
antes de reclamar de suas inadequações
e fadar o seu destino ao fim, aceita o
desafio de pousar os olhos sobre este
aparente estado de fraqueza e ouse
acreditar que, mesmo em estradas de
pavimentação precária, há sempre um
destino que poderá nos levar ao local
onde o sol se põe tão cheio de beleza.*

Fábio de Melo

CAPÍTULO 7

O amor que nasce do limite

Amar é como emprestar sentido. É o mesmo que socorrer o outro de suas necessidades mais profundas. Quando bem interpretada, a experiência do limite nos impulsiona para a experiência do cuidado. E cuidar é o mesmo que amar.

Em Jesus, todas as nossas fragilidades encontram repouso. Nele o amor é fonte e impera. O olhar de Cristo sobre nossas fraquezas não é um olhar que nos envergonha; ao contrário, ele nos encoraja.

A mística cristã nos impõe a responsabilidade de fazer o mesmo. Diante da fragilidade do outro, o primeiro ato precisa ser de acolhimento. Transformações não podem nascer somente de exigências. É preciso que a exigência seja amorosa.

Do limite pode nascer o amor. Diante da fraqueza que nos envolve, o amor nasce como solução. É o princípio da compaixão, que consiste em sentir junto. Corações empenhados em uma mesma causa. A dor que não é nossa nos atinge e nos envolve. Não somos indiferentes.

Por isso, não podemos dissociar o amor do sofrimento. Quanto mais amamos, mais sofremos por aqueles que amamos. É natural, inevitável. É o princípio da alteridade. O outro que sofre nos provoca. Algo que é dele nos atinge. E, diante do seu sofrimento, reagimos.

O poeta lusitano Luís de Camões descreve de maneira belíssima os efeitos do amor: “O amor é fogo que arde sem se ver./ É ferida que dói e não se sente./ É um contentamento descontente./ É dor que desatina sem doer”.

Não é raro encontrar na literatura universal a associação direta do amor com o sofrimento. Grandes clássicos foram escritos sob esse prisma. O amor como processo alquímico.

Nossa literatura também está repleta dessas associações. A poetisa mineira Adélia Prado intuiu de maneira religiosa e acertada ao dizer: “Amar é sofrimento de decantação”². Decantar é purificar. A autora, em seu processo criativo, coloca o amor como realidade que decanta a alma dos sedimentos viciosos. O amor é elemento que forja, isto é, fabrica uma nova condição.

Esse movimento do amor só pode ser compreendido a partir da convicção de que novas condições serão sempre fruto de lutas e esforços. Sabemos, por experiência, que tudo o que se configura na vida como luta é naturalmente sofrido. A expressão lutar é carregada de sentido, pois evoca um contexto de esforços e movimentos. Ninguém luta sem dor. Sempre que precisamos travar lutas, é natural que sofrimentos aconteçam.

É justamente diante do sofrimento dos que amamos que descobrimos o amor como desdobramento da dor, e esta como desdobramento do amor. Quem quiser amar terá que saber que não há amor sem sofrimento. E nisso há uma sabedoria interessante. Ao experimentar o amor como sofrimento, não estamos estabelecendo o dolorismo do amor. Não se trata disso. O que queremos salientar é que o amor é uma força capaz de nos levar a sacrifícios concretos, a ponto de tocarmos a nossa humanidade mais profunda.

Sempre que amamos de verdade extraímos o que temos de mais puro em nós. O amor nos faz chegar a lugares nunca antes imaginados.

É o que expressa de maneira tão pura e verdadeira o poeta: “Se eu não te amasse tanto assim,/ talvez perdesse os sonhos dentro de mim,/ e vivesse na escuridão./ Se eu não te amasse tanto assim,/ talvez não visse flores por onde eu vi,/ dentro do meu coração”³.

Veja que o amor tem o poder de socorrer, resgatar, redimir. A confissão é sincera. Não fosse o amor, a personagem correria o risco de morrer sem conhecer os sonhos que estavam adormecidos em sua vida. Não fosse o amor, as estradas não teriam revelado os jardins floridos no mais profundo do coração.

O poeta tem razão. Aliás, os poetas costumam ter sempre razão. O amor humano parece figurar na vida como um recurso que nos socorre de nossas incompletudes. O que enxergamos no outro como encanto é o que de alguma forma experimentamos em nós como ausência. O que nos fascina no outro é o que nos falta.

O amor nos salva de nossas carências, de nossas necessidades. É uma forma de suprir nossas limitações de maneira honesta e responsável. Não se trata de uma projeção. Não se trata de jogar sobre os outros a responsabilidade de suprir todas as nossas lacunas. Não, o amor não é isso. Trata-se de tomar emprestada a asa que nos é ausente.

Ao reconhecer no outro o que me falta, descubro dentro de mim, a partir dele, o recurso para encontrar a saída. Esse é o papel de Cristo em nós. Ele não vive por nós, mas sustenta o nosso viver. Ele nos impulsiona para as transformações necessárias que nos aprimorarão como pessoa.

Esse aprimoramento só é possível mediante a experiência da luta e dos consequentes sofrimentos que dela brotam. É o sofrimento por amor. Por amor a nós mesmos, por amor aos outros.

Um pai que ama os filhos, por eles é capaz de sacrificar-se. Essa é a prova mais concreta do amor que sente. Por eles será capaz de mudar os hábitos, a conduta, porque encontra neles um motivo para ser melhor. Tudo o que sofrerá nesse processo estará belamente justificado no amor que sente. Só quem ama é capaz de sacrifícios. É a regra.

É a partir desse princípio que estabelecemos a arquitetura do amor. E qualquer sacrifício que nascer dessa arquitetura será considerado um detalhe que enriquece a construção.

*Só o amor pode nos socorrer de nossas
misérias.*

*Só ele pode nos alcançar no fosso de
nossas vergonhas.*

*O que me redime é o amor que amo
porque nele Deus me encontra com seu
poder de complementos.*

Fábio de Melo

CAPÍTULO 8

Por que sofrer?

Esta é uma pergunta-chave que a humanidade se faz constantemente. Já foi até formulada de forma incisiva em título de livro: “Por que pessoas boas sofrem?” Ou então: “Por que coisas ruins acontecem com pessoas boas?”.

Diria que são perguntas que não servem para nada. Afinal, quem foi que disse que a bondade pode livrar alguém da condição de ser limitado? A bondade não é uma bolha de proteção que tem o poder de livrar as pessoas das fatalidades da vida.

Em suma, pessoas más sofrem, coisas ruins também acontecem a elas. Todo mundo sofre. Pode ser que o sofrimento da pessoa boa fique mais evidente porque as más não costumam contar o que lhes acontece. É o jogo.

O fato é que a pergunta nasce espontaneamente cada vez que o sofrimento esbarra o nosso caminho. Perguntamos porque somos seres capazes de investigar o sentido das coisas. Nossa capacidade cognitiva, elemento que nos diferencia de todas as outras criaturas, é o que nos dá condições de refletir sobre o que nos aflige.

Refletir sobre o sofrimento é essencialmente refletir sobre os limites, isto porque tudo o que nos limita, de alguma forma, nos expõe a um contexto de angústias, ansiedades e questionamentos.

É o que há de humano em nós querendo descobrir o sentido do que se passa em nossa vida. Ao tocar a dura realidade dos sofrimentos, ao formular essa pergunta-chave, ao investigar o porquê, acabamos encontrando uma

multiplicidade de respostas, ou não.

Sofremos porque não podemos tudo o que queremos. Sofremos porque temos um corpo que está condicionado aos limites de sua estrutura e de suas possibilidades. Sofremos porque somos afetados constantemente por situações que nos desinstalam e nos entristecem. Sofremos porque não conseguimos abarcar a totalidade dos fatos, ou porque nem sempre podemos compreendê-los. Sofremos porque não encontramos as respostas de que necessitamos ou porque nos deparamos com respostas que nos assustam.

Sofremos porque não somos capazes de fazer tudo sozinhos; somos dependentes dos outros e, por mais que queiramos, não temos como dar conta de tudo sem que os outros interfiram. Sofremos porque carecemos, porque somos incompletos, inacabados.

Sofremos porque nem sempre podemos mudar a ordem das coisas, a sequência dos acontecimentos. Sofremos porque não sabemos dizer não. Sofremos porque não sabemos dizer sim. Sofremos porque dizemos sim em ocasiões em que deveríamos dizer não. Sofremos porque dizemos não em ocasiões em que deveríamos dizer sim.

Sofremos porque nos apegamos aos outros e por vezes os afastamentos são inevitáveis. Sofremos porque nos traímos, nos abandonamos. Sofremos porque somos injustamente julgados, ofendidos, caluniados. Sofremos porque experimentamos a morte em sua porção diária. Sofremos porque vemos a violência ao nosso lado e em nós. Enfim, sofremos por uma infinidade de coisas, e não temos como mudar o fato de sermos naturalmente afetados pelos desajustes da vida.

Tudo bem, mas se não podemos evitar o sofrimento, o que podemos fazer para aprendermos a lidar com ele?

CAPÍTULO 9

Como sofrer?

É diante dessa pergunta que procuramos buscar um novo caminho. Se não temos como mudar a vida, então precisamos descobrir um jeito de nos deixarmos transformar por ela.

Se eu não posso mudar o fato de que vou sofrer, então posso encontrar um modo de sofrer. É mais uma vez uma proposta de mudança de foco.

Muitos dos sofrimentos que nos atingem são otimizados pela nossa maneira de encará-los. A matéria que nos faz sofrer nem sempre é tão grave. O problema é a forma de lidarmos com ela. O revestimento que damos aos nossos problemas torna-se maior do que o próprio problema.

Fazemos tempestades em copos de água com muita facilidade, porque nos falta sabedoria na lida com os acontecimentos que estimulam os nossos limites. Mesmo que seja natural, o sofrimento ainda é enfrentado como se fosse um inimigo.

É claro que não queremos sofrer. A resposta humana diante dos desafios da vida é sempre de proteção. O ser humano vive para proteger-se dos limites que tem, mas não podemos fugir desta verdade — eles são parte integrante de nossa condição e não podemos mudar isso.

Diante de tudo o que não podemos mudar, porém, há sempre o que podemos aprender e compreender. Talvez seja esse o movimento possível diante da dor. Encontrar nela alguma resposta, ainda que silenciosa, que nos sugira e proporcione um aprendizado.

A sabedoria nos ensina que, diante de uma vida que sofre, as perguntas podem parecer inoportunas. Uma atitude vale muito mais. Apressamo-nos muito em fazer perguntas no momento da dor. Por que isso nos aconteceu? Por que estamos passando por isso? Por que pessoas boas sofrem tanto?

O grande risco é que essa multiplicidade de perguntas não permita o nascimento de sabedorias, afinal, a sabedoria costuma acontecer a partir da experiência da contemplação.

Temos aprendido, a duras penas, que o bom da vida não está em chegar às respostas, mas sim em aprender a conviver com as perguntas. Nem sempre nos tornamos aliados dessa forma de sabedoria.

Insistimos muito em querer respostas, e com isso perdemos a mística das boas perguntas. Há perguntas que podem nos alimentar de maneira positiva durante uma vida inteira.

Nem sempre as respostas possuem esse poder, pois caem no esquecimento com muita facilidade. As perguntas não. Elas duram o tempo da busca. E há buscas que não cabem no tempo. Elas possuem o dom de nos alimentar durante toda a nossa história.

São perguntas que nos seguram na dinâmica da vida. Não são perguntas que se alimentam de respostas, mas perguntas que se alimentam de esperanças. Elas se transformam em motivos, que podem ser sempre novos, porque um motivo vai alimentando outro.

Os sábios sabem disso. Às vezes encontramos histórias de homens e mulheres refugiados em seus eremitérios, lugares reservados à solidão, distantes das exigências da vida contemporânea. Pessoas que abandonaram o mundo e sua fabricação de respostas rápidas, transitórias, para se refugiar com suas perguntas silenciosas.

Essas pessoas não querem respostas rápidas, produzidas em série. Querem as perguntas que se transformam em motivos. Querem as perguntas artesanais, aquelas que são construídas aos poucos, na calma que nutre a sabedoria.

Não temem o que ainda não sabem, mas descobrem neste lugar da vida a beleza da contemplação. O não saber não é uma prisão; ao contrário, é uma

fonte de liberdade.

A diferença está na forma como olham para o que ainda não sabem. Em vez de se alimentarem do desejo de responder, mergulham na pergunta que merece calma e nela permanecem. Essas pessoas descobrem a mística do questionamento e com isso se livram do sofrimento infértil que nasce da ansiedade de chegar à resposta. Descobrem no processo do não saber um jeito bonito de permanecerem.

Muitos sofrimentos nascem de nossa incapacidade de permanecermos na pergunta. O grande problema é quando a insistência da pergunta nos incapacita para descobrir a resposta. É nesse momento que corremos o risco de mergulhar em uma modalidade de sofrimento que é absolutamente infértil.

*Para alguns a vida sepulta mais que a
morte.*

Mia Couto

CAPÍTULO 10

O sofrimento de não ter resposta

Já encontrei muitas pessoas que se perderam em seus mares de sofrimento justamente porque queriam respostas. Com isso, a vida passou a sepultar mais do que a própria morte. Foi o caso de Maria Clara...

O acontecimento foi terrível. Laura era uma criança muito amada. Com apenas cinco anos de idade, aquela pequena criatura representava boa parte do mundo de seus pais. Era a filha mais velha de Maria Clara e Roberto. Eles passavam o domingo na casa do pai de Maria Clara. Laura brincava com os primos na quadra, enquanto a família se encontrava nas proximidades da piscina, esperando pela hora do almoço.

De repente, um barulho estranho foi ouvido. Vinha de onde estavam as crianças. Maria Clara correu até o local e, quando chegou, não pôde acreditar no que havia acontecido. Um carro desgovernado havia batido no muro da casa e parte dele caiu sobre a quadra, nas proximidades da trave. As crianças gritavam, assustadas. Maria Clara, então, começou a procurar por Laura e não a encontrava no meio das outras crianças. Nesse momento, um dos garotos anunciou, apavorado: “O muro caiu em cima da Laurinha, tia!”. Um silêncio sepulcral se estabeleceu dentro de Maria Clara.

Laura estava morta. A criança tão alegre, tão cheia de futuro, tivera sua vida interrompida por uma fatalidade terrível.

Tive a oportunidade de me encontrar com a família dois anos depois do acontecido. Maria Clara ficou mais de um ano muda. O trauma lhe tirou a fala.

Muda somente por fora, pois por dentro aquela mulher gritava constantemente, querendo saber as razões daquele acontecimento tão trágico.

Clara precisou de muito tratamento para que a voz pudesse voltar. Os problemas eram muitos. O filho mais novo estava sofrendo de uma doença estranha que lhe cobria a pele de manchas frequentemente. O pai estava mergulhado em uma espécie de apatia, como se tivesse perdido o sentido da vida. Parecia não reagir ao sofrimento nem à possibilidade de alguma alegria. Estava indiferente.

O grande silêncio de Maria Clara foi uma experiência pavorosa para ela. Contou-me que o seu desejo era gritar, gritar muito, mas não era capaz de pronunciar nenhuma palavra. Durante aquele duro período de silêncio, Maria Clara se ocupava de uma única pergunta: Por que aquela tragédia acontecera com sua filha? Confessou, envergonhada, que muitas vezes se pegou alimentando um pensamento mesquinho: “Com tantas crianças na quadra, por que justamente a minha filha?”.

Maria Clara se fazia uma pergunta muito comum a todos nós. Toda vez que experimentamos uma tragédia dessa natureza, é comum querermos saber o porquê. É a primeira coisa que nos ocorre, a primeira questão que nos atormenta.

Mas é necessário reconhecer uma coisa: trata-se de uma pergunta infértil, uma vez que não muda absolutamente nada diante do ocorrido. Não acredito que o sofrimento de alguém seja minimizado no momento em que se descobre a causa da tragédia. Mesmo porque com frequência fatores técnicos são o que desencadeia os fatos: falha no sistema de freio do veículo, negligência do condutor por estar embriagado e tantas outras possibilidades. Portanto, decifrar o enigma do acidente não resolve o nosso sofrimento.

A causa que insistimos em descobrir não pertence à ordem das coisas que nossos olhos encontram ou que nossa perícia possa apurar. Estamos falando de razões que nossa linguagem não consegue acessar com muita facilidade.

A origem da indignação e da pergunta é a sensação de termos sido injustiçados. O golpe da vida é recebido como absurdo. Por isso nasce a

primeira pergunta tão cheia de ânsia e pressa.

Diante da necessidade de suportar a dor do primeiro impacto, é bem provável que a gente descubra um jeito simplista de resolver a questão e, com isso, acabe perdendo a oportunidade de crescimento que a pergunta poderia nos proporcionar.

Maria Clara estava convivendo com o amargo de uma resposta estranha. A resposta que encontrou para aquela tragédia foi muito simples: “Deus é injusto. Matou a minha filha. Não a poupou daquela morte terrível!”. Só que havia um problema. Aquela resposta não estimulou nenhum movimento que favorecesse a superação daquela tragédia; ao contrário, paralisou de forma cruel a organização do seu luto. Diante de sua não reação, a família sofreu em dobro. As consequências estavam ali. O marido apático e o filho com uma doença psicossomática, fruto do esquecimento a que a mãe o relegou.

Mas o grande problema de Maria Clara não estava na resposta encontrada, e, sim, na pergunta formulada. Ela quis saber o porquê de sua filha ter morrido daquela forma. É impossível responder essa pergunta.

Culpar Deus pela tragédia foi a maneira mais fácil de resolver a questão. Diante dos sofrimentos agudos, sobretudo os involuntários — porque não nascem de nossas decisões —, é muito comum responsabilizarmos alguém. Achar um culpado para a nossa desgraça é apenas uma tentativa de solucionar o que nos aflige. Mas é em vão. Responsabilizar culpados pode até nos aliviar de alguma forma, mas definitivamente não pode nos curar de nossas ausências.

Ao se fazer uma pergunta infértil, Maria Clara perdeu a oportunidade de superar aquele momento terrível e evitar que pequenas tragédias continuassem acontecendo em sua vida, como consequências daquela que havia vitimado a sua pequena Laura.

É estranho, mas muitas vezes ficamos sofrendo com o amargo de respostas erradas apenas porque ainda não tivemos a sabedoria para fazer a pergunta certa.

Diante da morte da filha, Maria Clara poderia ter assumido outra postura. Primeiramente, era preciso sofrer a perda. Todos temos o direito de sofrer por

quem amamos. Sofrer é o mesmo que purgar, o mesmo que purificar. Sofrer é expulsar a indignação. As lágrimas possuem o dom de colocar para fora o acontecimento que intoxicou a nossa alma. Mas juntamente com o choro é preciso que haja o movimento da superação. As pessoas só podem superar as tragédias se elas se empenharem na busca de um sentido para continuar vivas. Foi o que Clara não fez.

Em vez de se perguntar: “Por que isso aconteceu com a minha filha?”, Clara deveria ter se perguntado: “O que posso fazer para superar a sua morte?”. Duas perguntas diferentes. Uma infértil, incapaz de mudar qualquer detalhe do fato, e outra fecunda, também incapaz de mudar o fato, mas cheia de possibilidades de lhe atribuir algum sentido.

Perguntas inférteis fazem parte da vida. Elas aparecem com frequência nos momentos trágicos e fazem parte do impacto das primeiras horas e dos primeiros dias. É uma reação natural de quem sofre. O grande problema é quando elas se estendem no tempo, pois impedem o processo de superação.

Clara continuou se fazendo a pergunta das primeiras horas por longos dois anos. O que vimos foi a extensão de sua tragédia. Durante dois anos amargurou a si e aos que estavam a sua volta. Perdeu a oportunidade de mudar de pergunta. Preferiu a pergunta infértil. Não permitiu que Laura ressuscitasse. Estendeu o seu velório. Impediu o sepultamento e sua consequente ressurreição.

Mas nem sempre as coisas se dão dessa forma. Pude acompanhar uma história que marcou profundamente a minha compreensão de tudo isto que agora partilho.

*Muitas pessoas tropeçam pela vida até a
beira do abismo sem saber aonde estão
indo.*

*Às vezes, isso acontece porque aqueles
cuja vocação é dar expressão cultural
aos seus pensamentos
deixaram de examinar a verdade,
preferindo a resposta rápida ao esforço
da indagação paciente sobre o que torna
a vida digna de ser vivida.*

João Paulo II

CAPÍTULO 11

A serenidade de saber conviver com a pergunta

Wânia é uma mulher que precisou enfrentar a morte de um filho, assim como Maria Clara.

Ao sair de férias, no mês de dezembro, Gustavo, o mais velho de seus três filhos, sofreu um acidente trágico e morreu no auge de seus quatorze anos.

A história abalou profundamente a pequena cidade de Terra Boa, no interior do Paraná. A morte de uma pessoa jovem é sempre traumática. Parece ferir as regras da vida, uma vez que a morte, por natureza, está ligada à idade avançada.

O desespero se abateu sobre aquela família, mas os desdobramentos não foram como os da primeira história. Wânia reagiu de forma diferente. Ao perder o filho Gustavo, resolveu fazer justiça à sua morte tão prematura.

Ivan Karamazov, personagem de Dostoievski, a certa altura diz que “a morte de uma criança lhe dá ganas de devolver ao universo o seu bilhete de entrada. Mas ele não o faz. Ele continua a lutar e a amar. Ele continua a continuar”.

Wânia, mesmo sem saber, atualizou em sua vida a força das palavras da personagem do grande autor russo: optou por continuar lutando e amando.

Sofreu. Sofreu muito. Mas não se prendeu à pergunta infértil que nasceu logo após à tragédia. Em vez de pensar na causa de tudo aquilo, Wânia reorganizou o que lhe sobrara. Fez artesanato da dor. Reuniu os retalhos da vida e, assim como as mulheres que tecem colchas com restos de tecidos, pôs-se a costurar os significados que ainda tinha nas mãos.

Olhou para os filhos Thaís e Alécio e descobriu neles a continuidade de sua maternidade ameaçada. Perder um filho é um parto às avessas, é como se a morte possuísse a força de arrancar do ventre a memória do amor um dia fecundado.

Segurou firme as mãos do marido Antônio Carlos, descobriu nele as porções de Gustavo que ainda estavam vivas e decidiu prosseguir. Era o início da ressurreição, o anúncio de que o túmulo estava vazio.

De maneira nenhuma ela escondia o sofrimento. Não criou personagens nem simulou uma coragem que não tinha. Apenas confiou na certeza de que a morte de Gustavo não poderia significar a morte da família. O sofrimento vivido não poderia se transformar no inferno de uma vida inteira. Não permitiu que a vida sepultasse mais do que a própria morte.

O único jeito de prosseguir era se ater às perguntas alimentadas por esperanças. O que Wânia precisava se perguntar não era sobre as razões de seu filho ter partido tão cedo. O que ela precisava fazer, e fez, era olhar-se no espelho do tempo e perguntar-se: “E agora, o que tenho do Gustavo em mim? O que me restou desse menino para que eu possa recomeçar? O que eu poderia escutar do Gustavo nessa hora? ‘Mãe, pare a vida e viva para chorar a minha morte’ ou ‘Mãe, cuide dos meus irmãos e do meu pai por mim’?”.

Wânia escolheu a segunda opção e encarou a sua dor como motivo, e não como pergunta. Projetou o seu processo de reconstrução e se colocou na luta.

Alguns anos depois, tive a oportunidade de estar com eles, em uma boa madrugada de conversa, e perguntei: “Foi muito duro perder o Gustavo, não foi?”. Ela me respondeu: “Sem dúvida, foi muito duro, mas foi também muito especial!”. Olhei-a assustado. E ela continuou: “Ao experimentar a dor de perder meu filho, pude chegar a alguns lugares da minha alma a que nenhuma alegria havia me levado! Ao ter que sepultar o meu filho, tive que descobrir coisas que estavam escondidas dentro de mim e que eu não sabia possuir. Descobri uma força que estava guardada e que só aquela dor poderia ter revelado”.

Wânia me surpreendeu com aquela resposta. Eu ainda não tinha escutado que perder um filho, além de trágico, poderia ser também especial. Tudo

depende de como encaramos o fato, de como interpretamos o acontecido e de como damos continuidade aos fatos decorrentes.

Wânia poderia ter se prostrado diante do calvário e ali permanecido pelo tempo que quisesse. A dor que sentia era forte o suficiente para garantir uma maneira de justificar sua atitude, mas ela não quis.

Preferiu o desafio de prosseguir, de repetir no tempo a coragem que está impressa na expressão da Pietá, a Virgem que segura o filho morto nos braços. Segura-o com expressão de dor, mas ao mesmo tempo de serenidade, pois está presa à certeza da ressurreição.

Não, não me refiro à ressurreição dos últimos dias, marcada pela esperança futura, mas àquela que podemos promover no momento em que assumimos a dor com espírito resignado e nos pomos a costurar os retalhos da vida que ainda nos restou.

Refiro-me à ressurreição que podemos promover no cotidiano, quando assumimos a vida como forma de fazer justiça àqueles que partiram de forma inesperada.

Mia Couto, grande autor moçambicano, coloca na boca de uma personagem a seguinte expressão: “Injustiça é o mundo prosseguir assim mesmo quando desaparece quem mais amamos”⁴.

Foi justamente isso que pude identificar nas palavras de um pai que perdera o filho afogado nas águas de um rio, no Mato Grosso, e que foram endereçadas a uma revista para a qual eu escrevia.

CAPÍTULO 12

O pai, o menino e o rio...

Achei interessante. O homem reivindicava a notícia da morte do filho. Experimentava a injustiça de ver o mundo prosseguir enquanto ele chorava a morte de seu filho. As palavras eram poucas. Quase nada diante da dor de saber que o rio havia engolido a vida e os sonhos de seu menino, já crescido.

O nome do homem é João. O do menino morto, Lucas. Dois nomes pertencentes ao contexto evangélico. João significa agraciado por Deus.

Curioso que, na pesquisa realizada por mim, o nome João também estivesse associado à impulsividade. Geralmente os impulsivos correm o risco de ser mal interpretados.

Lucas significa aquele que veio da Lucânia. Mas também diz respeito àqueles que fazem da vida uma grande aventura, justamente porque não suportam a rotina.

Significados à parte, a vida é o que vale nessa hora. A vida que existe e a vida que não existe mais. A vida dos dois evangelistas. A do senhor João, o homem que chora à margem do rio, e a de Lucas, que se despediu dela por causa da imprudência de ter entrado no barco sem o colete salva-vidas.

O que o senhor João nos solicitava era algo bonito demais para que passasse em branco, despercebido. Ele tinha razão de nos pedir o que pedia. O filho era estudante da congregação mantenedora da revista e ele se via no direito de ver noticiada a partida dele.

Foi por isso que eu quis, por iniciativa própria, não com o desejo de defender

a revista, e, sim, movido pelo sentimento bonito despertado pelas palavras do senhor João em mim, dizer alguma coisa sobre o menino que o rio levou.

Toda vez que alguém vai embora da nossa vida, de alguma forma precisamos descobrir um jeito de iniciar o seu processo de ressurreição. Os evangelhos foram escritos com essa intenção. A vida de Jesus não poderia cair no esquecimento. Por isso seus amigos escreveram sobre Ele.

João foi um deles. Ele viu de perto o coração de Jesus e fez questão de deixar palavras que nos ajudassem a vê-lo também.

A palavra tem o poder de fazer renascer o que está morto. Recurso interessante que nos coloca no embate constante com o tempo e sua sina de nos roubar aos poucos. Diante do roubo, resta-nos a busca da palavra, que tem o poder da devolução.

Não conheci o Lucas, filho do senhor João. O que sei sobre ele é o que posso intuir. Foi um rapaz de coragem, companheiro de todas as horas, disponível, prestativo, decidido.

Quem presta serviço à congregação na região do Mato Grosso, lugar onde ele morreu, é gente diferenciada por um ardor missionário bonito. Lucas devia saber pouco sobre o perigo daquelas águas, ou, se sabia, desconsiderou os riscos, caso contrário teria ele mesmo buscado o colete para a aventura da pesca.

Lucas certamente não queria morrer. Tinha uma vida inteira pela frente. Estava construindo aos poucos o seu sacerdócio, vivendo o passo a passo do processo formativo, mas infelizmente a tragédia aconteceu.

Tragédias são realidades absurdas. E absurdo é tudo aquilo que parece não ter coerência, porque fere radicalmente o sentido das coisas. O senhor João não trouxe Lucas ao mundo para morrer jovem. Mas infelizmente foi assim. É natural que, diante do absurdo, queiramos encontrar resposta para as nossas perguntas. Tenho certeza de que o senhor João tem muitas delas. Todos nós teríamos também, se estivéssemos na mesma situação que ele.

Gostaria de ter o dom de ressuscitar o Lucas, mas não tenho. O que tenho é o recurso das palavras, então fiz o que pude. Escrevi um pouquinho só. Um nada,

diante de tudo o que Lucas merecia que fosse escrito sobre ele.

Minhas poucas palavras foram estas:

“Senhor João, seja o evangelista da vida de seu filho, assim como João foi da vida de Jesus. Descubra as palavras que poderão retirar o acontecimento da condição de absurdo e, assim, quem sabe, o senhor reencontre o sentido da vida. Não deixe que seu filho morra em vão. Torne-se melhor por ele. Ame o que ele amava. Cuide do que ele gostaria de ter cuidado. Conheça os lugares que ele gostaria de ter conhecido. Ajude a colocar coletes nos meninos que estão desprotegidos [...]”.

É a vida. É o tempo. É a agonia de cada rosto. É o rio. É o menino. É o pai. É o pedido. É a resposta que não responde.

CAPÍTULO 13

Os frutos que podemos colher

Sei que as minhas poucas palavras não resolvem a dor do coração desse pai, mas preciso reconhecer que acredito mesmo no poder verdadeiro que há nelas. A dinâmica da ressurreição só acontecerá na vida do senhor João no momento em que ele se dispuser a conviver com a tragédia de forma criativa. O sofrimento só será suportável à medida que as perguntas inférteis deixarem de ser feitas.

Não há nada, absolutamente nada, que poderá trazer o Lucas de volta. O que resta para essa família é encontrar um caminho para o recomeço. Sei que não é fácil. Reassumir a vida depois de uma tragédia é sempre um desafio sofrido. O interessante é percebermos que grandes iniciativas sociais podem nascer de experiências traumáticas e dolorosas.

É o caso de tantas instituições que são criadas a partir de dores particulares. Nasceram como reação de pessoas que não se entregam ao sofrimento aniquilador. Encaram-no como redenção, purificação, e se colocam no movimento de transformação do que causou a tragédia dos seus.

Tive a oportunidade de conhecer Maria Helena e Maria José, duas mães que perderam suas filhas de maneira muito cruel.

Mirela e Daniela saíam de uma festa quando foram vítimas de um atropelamento. Segundo a perícia, o condutor que atropelou as meninas estava sob efeito de álcool. Ele não parou para prestar socorro.

O sofrimento daquelas mulheres se transformou em movimento social.

Lutam até hoje para que sejam criadas medidas severas de punição aos que dirigem embriagados. Elas não estão revestidas de ódio, apenas querem que as mortes das filhas não tenham sido em vão.

São incapazes de ressuscitar as filhas que se foram, mas podem acordar os vivos, fazer com que se mobilizem para que outras pessoas não continuem sendo vitimadas pela irresponsabilidade tão comum nos dias de hoje.

Elas não se prenderam àquilo que não podiam. Não transformaram as suas vidas num calvário eterno nem se revestiram de um espírito de vítima. A perda maior já tinha acontecido.

Essas mães não poderiam continuar vivendo a morte das filhas. O tempo era de ressurreição. E essa nova vida só poderia chegar mediante a defesa de mudanças que neutralizassem o poder da força que provocou a morte de Mirela e Daniela. Elas se agarraram aos motivos que restaram.

A justiça precisa ser feita. Mas não se trata de uma justiça que se ocupe somente do seu caso particular, do motivo das suas dores. Trata-se de justiça com força solidária, capaz de tocar as mulheres que já sofreram pelo mesmo motivo que elas e de evitar o sofrimento de outras que possam sofrer o mesmo golpe.

Essas mulheres nos ensinam. Corações machucados podem ser sementeiras de um mundo novo. Sempre que somos machucados pela vida, temos diante de nós uma sementeira. Crescerá o que semearmos.

*A pedra está posta.
O destino de ir e de vir já terminou.
Silenciem as portas e seus umbrais que
esperam por chegadas. Sirvam-me neste
momento de algumas porções de
saudades.
E depois, a coragem. Quero ficar aqui.
Não há lugar nenhum a que eu possa
chegar, senão a mim.
Que meu ficar seja para preparar o
futuro.
Um ficar cheio de silêncio, sem as
dispersões das falas,
sem os absurdos das respostas prontas.
Que o meu sofrer se transmude em atos
de esperança, assim como a noite dá
lugar ao dia.
O meu querer é pouco, cabe em minha
mão. Eu só quero é ser real.*

Fábio de Melo

CAPÍTULO 14

O sofrimento que buscamos

Diante dos sofrimentos, cada um reage como pode. Nossa atitude em relação ao que a vida nos traz é o que nos difere como pessoas. Diante do inevitável e de tudo o que é imutável, é sempre desafiador reencontrar o equilíbrio para prosseguir.

Por vezes a vida nos surpreende com suas realidades impactantes. São os acidentes, as tragédias que fogem ao nosso controle. São os fatos que não podem ser alterados. Muitos sofrimentos são oriundos dessas realidades que não passam por nossas escolhas. Fomos vítimas das escolhas de outros, de descuidos que não foram cometidos por nós.

Mas precisamos ser honestos. Há sofrimentos que buscamos com as mãos. São as escolhas conscientes que fazemos e que, mais cedo ou mais tarde, teremos que enfrentar.

William James, grande psicólogo e filósofo americano, afirmou com muita propriedade: “A maior descoberta de minha geração é que os seres humanos podem alterar sua vida alterando suas atitudes”.

É interessante essa premissa. A vida é um tecido cuja matéria é composta de atitudes. São elas que delineiam o contexto das nossas escolhas. Atitude refere-se ao modo como nos posicionamos diante dos acontecimentos, das pessoas, das situações.

Mudar uma atitude não é tarefa fácil, pois exige disciplina, observância de um determinado comportamento, e tudo isso desperta naturalmente

sofrimento. Ninguém muda de atitude sem a experiência do esforço. As religiões chamam isso de conversão, que é nada mais, nada menos que o processo de modificação da atitude.

O cristianismo trabalha a partir da configuração das atitudes humanas nas atitudes de Jesus. Temos os olhos fixos no jeito de ser e de viver de Jesus, isto é, no conjunto de suas atitudes.

Se conseguimos mudar as nossas atitudes, naturalmente conseguimos também mudar a nossa vida. É interessante refletir sobre esse aspecto, pois não é comum identificarmos isso em nós. Se estamos sofrendo com a vida que vivemos, é justamente porque ainda não nos dispomos a mudar as nossas atitudes.

A vida não poderá ser mudada enquanto permaneceremos do mesmo modo. Só poderemos interferir na raiz do sofrimento que se manifesta na vida prática se tivermos a coragem de modificar as atitudes que estão gerando a prática da vida.

O grande problema é quando não há mais tempo para salvar a vida. Ou quando não é mais possível mudar, porque a vida já chegou ao fim.

Recordo-me de um paciente terminal que encontrei em um hospital no interior de Minas Gerais. Ele tinha câncer no pulmão. A sua sinceridade foi desconcertante. Ele me olhou e disse: “Vou morrer antes da hora! Estou muito arrependido, mas não tenho como voltar atrás!”.

Marcelo tinha apenas trinta e oito anos. Começou a fumar aos treze. Os longos anos em contato com as toxinas cancerígenas do cigarro desenvolveram o câncer que tomou seu corpo por inteiro, começando pelo pulmão.

O que mais doía em Marcelo não era o fato de morrer tão cedo. O que ele mais lamentava era o fato de sua opção pelo tabaco ter consequências na vida dos seus filhos. Se fosse solteiro, teria que enfrentar apenas a dor de deixar a vida ainda jovem. Mas Marcelo tinha uma família bonita que ainda precisava muito dele. Era pai de três filhos: Diego, um garoto de dezesseis; Letícia, uma menina de oito; e Anderson, o mais novo, com seis anos. Aqueles filhos perderam a oportunidade de ter o pai por mais tempo em suas vidas. Marcelo

estava se culpando por deixá-los órfãos tão precocemente.

Ao final da vida, Marcelo estava diante de um sofrimento que foi construído aos poucos. Desde jovem ele tinha consciência dos malefícios do cigarro, mas não adiantou saber. Não mudou de atitude, não se esforçou para se libertar do vício. Ouviu diversas vezes o alerta do pai, da mãe, dos filhos, da esposa e dos amigos, mas de nada adiantou. Marcelo continuou escolhendo a morte em pequenas porções.

Deitado naquele leito de hospital, o seu sofrimento era físico e mental. Além de ter de suportar as dores terríveis do câncer, Marcelo tinha que conviver com a consciência de ter feito a escolha errada.

O sofrimento de Marcelo tinha seus desdobramentos. Sua esposa e seus filhos estavam terrivelmente abatidos pela realidade cruel: a morte iminente. Seus pais estavam inconformados. Marcelo era filho único.

Aquele homem estava enfrentando um sofrimento que nasceu de escolhas infelizes. O câncer é uma doença que pode ser evitada. É claro que há sempre espaço para a fatalidade. Nem sempre somos culpados pelas doenças que desenvolvemos, mas não podemos negar que boa parte das enfermidades que nos acometem são provocadas por nossos hábitos de vida. Nós buscamos tudo isso com as próprias mãos.

Marcelo estava emparedado pelas consequências de suas escolhas. Ele estava diante de um desfecho inevitável e não tinha para onde fugir.

Antes de eu ir embora, ele me olhou e disse: “Filho precisa de pai, não é, padre?”. Eu concordei. Disse que eles seriam bem cuidados, mas ele completou: “Não é a mesma coisa!”.

E não foi mesmo. Após a morte de Marcelo, a família se desestruturou totalmente. As crianças ficaram traumatizadas com a forma como o pai partira. Sua ausência foi muito sentida. Ele era o centro da casa. Pai atuante, marido dedicado — tudo fez com que sua ausência doesse dobrado. Mia Couto, no mesmo romance que já citei, escreve de maneira tão sensível: “Morto amado nunca mais para de morrer!”.

E assim foi com Marcelo. A cada dia ele morria novamente na vida daquela

família. O câncer é uma doença cruel. E aquela crueldade não terminou no corpo que se foi, mas continuou nas vidas que restaram, como metástases invisíveis com o poder de adoecer de outras formas.

A enfermidade de Marcelo continuou doendo naqueles corações tão jovens e tão cheios de insegurança. Matou não somente o corpo que sofreu na carne, mas despejou as consequências da morte nos filhos, que não sabiam não ter pai, e na esposa, que não sabia não ter marido.

O sofrimento dessa família precisa nos ensinar. É preciso que nós também estendamos os olhos na direção desse calvário e nos perguntemos, com sinceridade, se nossas atitudes de hoje não estão construindo calvários futuros.

Será que as consequências de nossas escolhas de agora, em um futuro próximo, poderão doer no coração dos que amamos?

Chegará o momento em que não nos restará muita coisa. Mais cedo ou mais tarde a vida nos cobrará. As escolhas de hoje repercutirão em breve nesse tempo que costumamos chamar de futuro.

Viver é como gritar no abismo. Há um retorno. É impossível não sofrer com os desdobramentos de todas as escolhas que fazemos. O eco é uma resposta natural do abismo.

Escolhas são como sementes. O que plantamos hoje será fruto amanhã. A qualidade do fruto depende do que semeamos. Não há milagre que possa reverter o que foi semeado. Se as sementes plantadas eram de limão, não espere colher laranjas. É a regra da vida. É dura, eu sei, mas é a lei!

CAPÍTULO 15

Deus e o sofrimento humano

Já encontrei muita gente que semeou limão pedindo a Deus a graça de colher laranjas. Fico pensando se há honestidade nesse pedido.

Sei que o amor de Deus está acima de tudo, e que Ele nos dá, mesmo quando não merecemos. Mas não podemos compreender o amor de Deus como mão que nos livra das consequências das escolhas que fizemos. Deus é amor, mas é também justiça. E o pai que é justo não priva o filho do aprendizado que virá ao pagar o que se deve.

Recordo-me que, nas oportunidades que tive de estar com o padre Léo⁵ em sua enfermidade, ele sempre me dizia: “Nunca pedi a Deus que me curasse. Só peço a Ele que me ensine a viver este momento de dor!”.

Já o admirava por tantos motivos, mas esse o tornou ainda maior diante dos meus olhos. Léo sabia que estava doente devido às escolhas que fez. Ele mesmo o reconhecia. O seu câncer começou da mesma forma que o de Marcelo. Antes do Léo adoecer, muitas vezes ouvi de sua boca: “Vou morrer cedo”. Eu perguntava: “Por que, Léo?”. E ele respondia: “Já fumei muito na vida!”.

Acompanhei sua mudança. Léo deixou o cigarro e empenhou-se em ter uma vida regrada e com muita disciplina alimentar, mas infelizmente não deu tempo. Os anos em contato com as toxinas da nicotina falaram mais alto.

Diante de Deus ele resolveu ser inteiro e honesto. Não pediu que Ele revertesse o destino de suas escolhas, mas apenas pediu ajuda para saber viver bem o tempo da enfermidade. E assim o fez. Escreveu muito e fez do período

que passou no hospital um tempo de profundo aprendizado e ensinamento.

A última vez em que apareceu em público, ele nos agraciou com uma pregação que nunca sairá do nosso coração. Ele disse: “Não sei por que estou doente. Mas sei para que fiquei doente. Fiquei doente para ser mais padre, mais amigo, mais filho”.

Naquele momento, padre Léo nos ensinou, mais uma vez, um jeito bonito e responsável de crer em Deus. Uma crença que nos coloca na busca das coisas do alto. Uma busca que se desdobra em atitudes concretas de conversão diária. Mudança que passa pelo que comemos, o que dizemos, o que ouvimos, enfim, mudança que abarca a totalidade da vida humana.

Nossa conversão não é mostrada somente no momento em que dobramos os joelhos no chão para rezar, mas também no momento em que apagamos o cigarro de forma definitiva.

Nossa conversão não acontece somente no momento em que confessamos os nossos pecados e deles nos dizemos arrependidos, mas também no momento em que retiramos de nossa casa os litros e litros de álcool que costumamos ingerir socialmente.

Conversão também passa pela cozinha, pelos alimentos que preparamos para os nossos filhos, por aquilo que os ensinamos a comer, aquilo que lhes damos para beber. Refeição saudável é um jeito honesto que temos de pedir a Deus que nos conserve com saúde. É a parte do milagre que só nós podemos realizar.

Conversão também precisa atingir nosso cuidado com o corpo. Gorduras acumuladas podem ser sinônimo de falta de disciplina. Respiração ofegante após subir uma escada pode ser também sinal de que precisamos nos converter a Jesus e ao seu projeto tão audacioso de um mundo novo.

Não tenho notícias da existência de uma novena para emagrecer, a não ser que seja rezada correndo. Crer na intervenção de Deus só é honesto se houver ao mesmo tempo a experiência da atitude comprometida.

Não podemos ser infantis a ponto de acreditar que Deus nos emagrecerá e nos livrará dos perigos do infarto mediante orações e exercícios de piedade.

Orações não podem nos livrar das responsabilidades que se desdobram em atos concretos, tampouco podem estar a serviço da nossa preguiça. Não podemos justificar a nossa falta de iniciativa com essa história absurda de que Deus fará por nós.

A crença na providência divina consiste em considerar que do Dom que vem de Deus sempre nasce uma responsabilidade humana. O Dom exige uma resposta. É preciso reagir diante do que recebemos. Deus nos deu saúde, mas agora somos nós que precisamos cuidar dela para continuarmos saudáveis.

Muitas vezes a gênese do ateísmo está no jeito como rezamos. Se pedimos a Deus que cuide dos pobres do nosso bairro e não fazemos nada para que os pobres sejam cuidados, expomos Deus ao ridículo. Aos olhos dos que não creem, tudo o que pedimos não acontece. Mas é claro que não acontecerá. Cuidado humano é responsabilidade humana. Os pobres só serão cuidados por Deus se nós, movidos pelo amor concedido por Ele – que nos move para o cuidado –, cuidarmos.

Deus não descerá do Céu para fazer o que é responsabilidade humana. Da mesma forma como não subiremos ao Céu para realizar o que é divino. O nosso lugar é a história, é o concreto do chão. É a vida, a carne, o sangue, a terra.

Se a nossa prece não se transformar em atitude, Deus ficará desmoralizado, e o mal continuará prevalecendo sobre o bem.

Esse é o grande ensinamento da parábola do samaritano, que está em Lucas 10, 29-37. Nessa parábola, o protagonista é o próprio Deus.

Diante de seus olhos está um de seus filhos, em condições de abandono. Ferido, ele espera por ajuda, carece de misericórdia, de cuidados que lhe curem as dores.

Deus já está nessa história, sofrendo naquele que está ferido. Sua presença na interioridade do ferido o anima e o apoia para que viva da melhor forma possível aquele momento doloroso.

Deus está com o caído em sua total integridade. É da experiência do sofrimento da carne que Deus precisa libertá-lo. Há um risco de vida, um sangramento que precisa ser estancado, mas esse gesto redentor só poderá

acontecer na vida do sofredor se uma atitude humana for tomada.

O desejo de Deus para a vida do sofredor está nas mãos dos humanos que passam por ali, na cena do acontecimento. Deus e o ser humano são complementares na solução do problema.

A parábola nos fala justamente desse embate entre o desejo de Deus e a atitude humana. É nessa perspectiva que o texto é construído. O desejo de Deus é que o homem seja socorrido, mas para isso Ele precisará de braços humanos.

O primeiro a passar pela cena é um sacerdote. Apressado com seus afazeres, vê o necessitado, mas não o ajuda. Naquele momento, Deus experimenta a impotência do amor ferido. O sacerdote não sente como Deus, e Ele não pode forçá-lo ao amor. O corpo caído era o apelo, mas ele não quis responder.

O mesmo se dá com o escriba, e mais uma vez não há resposta humana diante do sofrimento exposto. O ferido continua sangrando, e Deus perde mais uma vez. Quem o derrotou? A indiferença do escriba. Finalmente passa um samaritano que resolve tomar uma atitude. Deixa-se guiar pela inspiração salvífica de Deus, experimenta a liberdade que o potencializa para o amor e concretiza o desejo de Deus na vida do homem ferido.

Por meio do samaritano e do dono da pensão onde o homem ferido foi acolhido, Deus finalmente pôde agir.

O samaritano e o proprietário do estabelecimento se prestaram a ser a mão de Deus. Mão que foi estendida mediante a solicitação divina, porque o amor com que amaram o homem ferido nasceu da inspiração que veio do próprio Deus.

A intervenção compreendida dessa forma tira de Deus a responsabilidade pelo não amor. Se aquele homem continuasse ali e não recebesse os cuidados necessários, certamente morreria.

Depois de morto, uma pergunta desconcertante poderia ser feita pelos que não creem: “Onde estava Deus no momento em que aquele homem necessitava de ajuda? Onde estava a misericórdia que vocês costumam pregar?”.

Teríamos que responder: “Deus estava sufocado no coração indiferente do sacerdote. Estava gritando, mas não foi ouvido. Estava amarrado na indiferença

do escriba. Ele insistiu para que parasse, mas não conseguiu. Deus estava de mãos atadas diante do desamor humano. Ele estava perdendo, porque não pode nos forçar a amar. Ele estava indignado, abatido, do mesmo jeito que certamente ficou no dia em que mataram o Filho Dele!".

*Muitas vezes, na tentativa de responder
aos absurdos do mundo, nós nos
equivocamos em absurdos ainda
maiores.*

Fábio de Melo

CAPÍTULO 16

Deus e os absurdos do mundo

Não temos o direito de pedir a Deus que faça um círculo ser quadrado. Como vimos, as regras da vida precisam ser consideradas. Se compreendermos essas regras, certamente vamos alcançar uma fé madura e crescer como pessoas responsáveis.

A psicologia nos ensina que um dos elementos que acenam para a maturidade da pessoa é justamente sua capacidade de assumir as responsabilidades e responder pelos erros.

O nosso jeito de praticar a religião nem sempre é maduro, isso porque acreditamos com muita facilidade que Deus vai resolver todos os nossos problemas. Insistimos em acreditar que Ele vai nos livrar de todas as consequências das nossas escolhas erradas, e que uma vida em Deus é uma vida sem problemas.

Engano. Quanto mais crescemos em Deus, maior é a necessidade que temos de purificar os nossos excessos. Esses excessos se dão em todos os detalhes da nossa personalidade, desde as nossas compreensões mais simples até as compreensões mais elaboradas.

O jeito como reagimos diante de uma determinada situação depõe contra ou a favor do que consideramos maduro em nós. A maneira como interpretamos as coisas ruins que nos acontecem é um modo interessante de medir o nosso grau de maturidade.

Um exemplo simples. Um rapaz embriagado atropelou uma menina de seis

anos no centro de uma cidade no interior da Bahia. Para livrar-se da responsabilidade do acontecido, recorreu ao absurdo de dizer que estava possuído pelo diabo e que por isso matou a menina.

Ao se utilizar de um argumento como esse, o rapaz demonstrou ser realmente vítima de uma única possessão: a ignorância.

Responsabilizar o diabo por sua irresponsabilidade? É simples demais. Não é problema nenhum reconhecer que o álcool é um instrumento diabólico no mundo, mas culpar o diabo por nossas escolhas? Isso não podemos fazer.

As estatísticas comprovam que muitos acidentes são provocados pelo uso abusivo de bebidas alcoólicas, mas a escolha de tudo o que desencadeia o mal no mundo é sempre humana. Assim como somos capazes de escolher o bem, também escolhemos as coisas ruins.

Ao culpar o demônio pelo absurdo de sua displicência, o rapaz tenta se eximir de forma imatura e vergonhosa da responsabilidade de pagar pelo crime cometido.

A maturidade também se expressa no que pedimos. Outro exemplo simples. Uma pessoa fumou a vida inteira, nunca se esmerou em lutar para deixar o vício e, em um determinado momento, descobre que tem câncer. Então começa a pedir a Deus um milagre.

É justo? A doença não nasceu das escolhas que fez? Será que Deus tem como mudar o destino das nossas sementes? Ele não estaria desrespeitando a nossa liberdade? Tenho o direito de querer colher o que na verdade não plantei?

Acho pouco provável. Há um jeito mais interessante de pedir a Deus um milagre: mudar de atitude antes que surjam as doenças.

O milagre é realizado a quatro mãos. As mãos de Deus e as mãos humanas. Aquilo de que cuido hoje, por meio da experiência de minha disciplina, é o milagre que Deus já me reservou. O que deixo de fazer, ou o que negligencio agora, poderá comprometer o bem que Deus já me destinou.

Deus não quer as tragédias do mundo. Sejam sinceros: as tragédias humanas são construídas aos poucos, por nós mesmos. É preciso maturidade para assumir. Jogar a culpa das nossas desgraças nas costas de Deus é muito

simples. Assim nos eximimos de qualquer responsabilidade ou comprometimento.

Grandes acidentes começam com pequenos descuidos. Minha irmã morreu de maneira absurda porque uma regra simples foi desconsiderada. Um detalhe pequeno, que foi determinante para que ela não sobrevivesse ao acidente.

A regra que deveria ter sido obedecida muitos de nós já conhecemos. Em bagageiros de ônibus, desses que ficam logo acima das poltronas, não é permitido que sejam transportadas bagagens que excedam cinco quilos.

Quando o ônibus em que minha irmã viajava tombou, uma barra de ferro que estava sendo transportada em um desses bagageiros caiu sobre ela e perfurou seu peito.

Uma fatalidade, eu sei, mas fruto de uma negligência humana. O responsável pelo ônibus não deveria ter permitido que aquele objeto estivesse ali. Se a regra tivesse sido obedecida, a história poderia ter sido outra, e quem sabe minha irmã ainda estivesse aqui, cuidando do filho dela, afinal, apenas ela morreu naquele acidente. Morreu porque uma irresponsabilidade foi cometida.

Recordo-me que durante o velório as pessoas tentavam nos consolar com frases feitas: “Deus sabe o que faz!”, “Chegou a hora dela!”.

Deus sabe mesmo. Quem não sabe somos nós! Chegou a hora coisa nenhuma. A vida e a morte estão em nossas mãos.

Ao dizer que nem mesmo um fio de cabelo cai de nossa cabeça sem que o Pai do Céu o permita, Jesus não se refere a acidentes absurdos como esse.

A permissão de Deus está sempre conectada à natureza de sua bondade. Deus é bom. Não há variações em sua vontade. O seu querer para a vida humana é sempre a vida, e a vida em abundância. De Deus não nascem tragédias. Os acontecimentos trágicos do mundo não são fruto de permissões divinas, e sim de deliberações da nossa vontade.

Explicações equivocadas como as que foram proferidas durante o velório fortalecem ainda mais o ateísmo no mundo. Não posso conceber que Deus tenha criado minha irmã para que morresse naquele acontecimento tão fatídico. Não posso crer que Deus possuísse um plano que consistisse em vitimá-la no auge

de sua vida, no momento em que lutava para educar o filho, conduzi-lo bem como mãe.

Sei que quem o faz não tem a intenção, mas essas tentativas de consolar os que sofrem atentam profundamente contra a bondade de Deus. Dizer que uma tragédia nasceu da vontade divina é o mesmo que dizer que Deus não é Deus, afinal, com esse discurso nós o reduzimos a um carrasco cruel.

Se nós, que somos humanos, marcados pelos limites do pecado, não somos capazes de destinar à morte trágica os que amamos, Deus muito menos. Ele, que é naturalmente amor, jamais exporia ao risco a vida de uma mulher que trabalhava para sustentar o filho.

Por isso, é inaceitável concordar com a opinião de que Deus permitiu que minha irmã morresse de maneira tão trágica. Ainda prefiro acreditar que a sua morte foi resultado da negligência humana. O Deus a quem conheci desde criança é Amor. Ele não é um monstro que comanda o mundo com sua predileção por paixões trágicas e sangrentas.

No momento em que chorávamos aquela fatalidade, Ele chorava conosco. Ele também sentia muito, porque mais uma vez a irresponsabilidade humana prevaleceu. Deus perdeu, do mesmo jeito que nós.

Você poderia me perguntar: “Mas por que Ele não evitou o acidente?”. E eu responderia: “Porque Ele não desrespeita as ordens que damos ao mundo!”.

Ao permitir que aquele objeto fosse transportado em um local inadequado para aquele tipo de bagagem, o responsável pelo ônibus deu uma ordem ao mundo sobre a qual Deus não poderia interferir. A continuidade da criação depende dos gestos humanos. Ou construímos o que Deus quer para a vida ou o destruímos. Os gestos humanos estão diretamente ligados à dinâmica da continuidade do universo.

O que faço, por menor que seja, sempre repercute, mais cedo ou mais tarde, na sequência do mundo. A negligência prevaleceu sobre a vida da minha irmã, e por isso sua morte aconteceu.

Você poderia, mais uma vez, perguntar: “Ele não poderia ter evitado o acidente?”. E eu responderia de outra forma: “Poderia, sim, se alguém tivesse

agido por Ele; alguém que tivesse percebido aquela bagagem sendo colocada em local indevido e chamasse a atenção do responsável para o perigo iminente”.

Quem sabe assim Ele teria evitado a fatalidade, não por meio de uma intervenção sobrenatural, e sim por meio de um cuidado humano: alguém que tivesse percebido o perigo e, movido por um desejo de reorganizar o mundo, se levantasse de seu cômodo lugar a fim de pedir ao responsável que guardasse aquele objeto no lugar apropriado.

Naquele mesmo momento em que minha irmã morria, milhares e milhares de pessoas no mundo também morriam por causa de outras negligências humanas. Como ficaria a situação dessas pessoas? Deus teria que mudar o destino de todas elas? E a liberdade humana? Deus viveria a nossa vida por nós? Seríamos marionetes em suas mãos? Seria essa uma atitude madura da parte Dele?

Pais que querem ver os filhos amadurecerem não assumem as responsabilidades que são deles. O máximo que fazem é orientar as decisões, aclarar os caminhos, mas nunca viver por eles.

Deus nos orienta por meio da sua palavra, dos ritos religiosos que praticamos, da força da sua presença e do que chamamos de bom senso. O resto é responsabilidade que precisamos assumir.

É muito mais fácil, porém, tentar entender o resultado das tragédias por meio de nossas respostas prontas. Ao dizer frases simplistas como “Deus quis assim! É preciso que a gente se conforme!”, retiramos do acontecimento a sua sacralidade e o transformamos em algo banal.

É uma tentativa de evitar o conflito. É uma forma de calar o choro que nos incomoda, a dor que nos sufoca, pois não queremos ninguém triste ao nosso lado.

A tristeza do outro chama atenção para as nossas tristezas, e nem sempre temos coragem de enfrentar as desarmonias do nosso mundo pessoal.

Muito mais interessante seria se tivéssemos a sabedoria e a coragem de reconhecer as falhas humanas, mesmo que para isso tivéssemos que ficar sem resposta para as nossas questões.

A morte da minha irmã nos abateu muito, mas estamos todos curados. Ninguém em nossa casa quis se entorpecer com as respostas mágicas que nos foram oferecidas. Ainda acreditamos que ela morreu antes da hora. Deus não evitou o acidente, mas nos deu forças para que permanecêssemos de pé.

Não acreditamos na hipótese absurda de que o acidente foi uma permissão de Deus. Não precisamos culpá-Lo para aprender a conviver com a nossas tristezas e com a ausência dela.

Não perdemos a fé nem a esperança. Continuamos a nossa caminhada tão cheia de lutas e desafios. Por vezes a saudade é maior do que nós. Então nos rendemos como se fôssemos crianças pequenas necessitadas de colo, e Deus nos consola. Não escondemos o choro, pois ele nos purifica.

De uma coisa nos orgulhamos: nunca colocamos a culpa sobre os ombros de Deus. Seria injusto demais. Da mesma forma que sofremos quando nos caluniamos, creio que o mesmo acontece com Ele. Não gosto que acusem injustamente os que amo. Defendo-os sempre, porque uma face bonita do amor é a defesa.

Além disso, o ateísmo cresce no mundo, sobretudo no momento em que as pessoas percebem que o Deus anunciado por nós é pior do que nós mesmos. Não mataria a minha irmã, e tenho certeza de que ninguém faria da morte trágica de alguém que ama um destino inevitável. Muito menos, Deus!

A experiência da morte da minha irmã continua nos ensinando. Não buscamos o sofrimento pelo qual ainda passamos até hoje, quando, pela força da saudade, sentimos o desejo de ver chegar na porta a nossa irmã tão cheia de sorrisos. O que não podemos negar é que alguém, mesmo inconscientemente, buscou esse sofrimento por nós. Poderia ter sido evitado, mas não foi.

Assim como o sofrimento de Marcelo e de sua família. As escolhas da vida se transformaram em morte anunciada. Também poderia ter sido diferente, caso Marcelo tivesse levado a sério as inúmeras advertências a respeito dos riscos do cigarro. Mas não foi.

Não culpamos a ninguém. Culpas não resolvem os nossos problemas. Apenas nos tornam mais pesados. Não importa encontrar e olhar nos olhos dos

responsáveis pela tragédia. O que importa é aquilo que recolhemos como aprendizado.

Depois da morte, sempre vem a ressurreição. Não queremos culpas. O que queremos é que o acontecimento continue nos ensinando. Sempre fico de olho nos bagageiros dos ônibus. É um jeito próprio de fazer justiça à morte da minha irmã. Grandes milagres costumam nascer de pequenos cuidados.

Não posso mudar o que aconteceu, então decido permitir que isso me modifique. Quem sabe assim esteja mais preparado para enfrentar a pergunta dramática que a vida costuma nos fazer: E agora?

CAPÍTULO 17

E agora, José?

Existem algumas formas de sofrimento que parecem nos colocar diante de um beco sem saída. Não há para onde fugir. É como se estivéssemos diante da própria vida a nos perguntar: E agora?

O poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade escreveu um poema muito simples, mas de beleza e significados muito profundos. O poema gira em torno de inúmeras perguntas, todas endereçadas a um tal José. A universalidade do nome nos permite pensar que Drummond queria colocar toda a condição humana diante daqueles questionamentos. Ele diz:

*E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?*

Ao colocar este tal José diante da dureza do “agora”, o poeta parece querer forjar uma reação positiva, como se desejasse acordá-lo de uma espécie de letargia paralisante. O agora está aí, e é preciso reagir. Não há para onde fugir.

O agora parece condensar toda a dureza da vida, de maneira que José não tem para onde ir senão para dentro de si mesmo. José não tem a quem procurar,

senão a ele mesmo.

O poeta e sua sensibilidade tão aguçada parecem fornecer, nesse poema, uma interessante chave para a interpretação do sofrimento.

Já experimentei isso na carne, e creio que você também já tenha experimentado. Por vezes a dor nos coloca em caminhos estreitos. Ela nos tira as ilusões, porque é crua como a carne que nos prende aos ossos. Por isso pode nos fazer crescer quando administrada do jeito certo.

Nas histórias das mães que perderam os filhos, Wânia escolheu a redenção, e Maria Clara escolheu a pergunta infértil. Diante de agoras semelhantes as reações foram diferentes. A vida a emparedou da mesma forma que Drummond a José. Minha mãe também sofreu o mesmo golpe. Viveu o inferno de ter que sepultar uma filha, alterando assim a ordem natural da vida, cuja regra deveria ser os pais jamais sepultarem os filhos.

Diante de um fato tão cruel, a pergunta da vida foi feita: E agora, Ana? E agora, Wânia? E agora, Maria Clara? E agora, você?

O poeta continua a mostrar a realidade a José.

*Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia,
e tudo acabou,
e tudo fugiu,*

*e tudo mofou,
e agora, José?*

A dinâmica das palavras parece construir um labirinto, como se José fosse jogado para o lugar onde ele verdadeiramente deveria estar naquele momento. As palavras se encaminham para uma única possibilidade, como se o poeta oferecesse a José uma única estrada, que se mostra sempre na última pergunta: E agora?

O poeta realiza o mesmo caminho que o sofrimento realiza na vida humana. Encaminha para a pergunta fundamental: E agora?

As estradas que eram tantas foram reduzidas. É preciso escolher o que faremos. Não temos mais tudo o que tínhamos. O filho está morto. O desastre aconteceu. O rio prevaleceu. O muro está no chão. E mais uma vez a pergunta: E agora, Wânia? E agora, Maria Clara? E agora, João? E agora, você?

O poeta continua retirando o mundo de José.

*E agora, José?
Sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio — e agora?
Com a chave na mão,
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,*

Minas não há mais.

José, e agora?

A insistência da pergunta do poeta é para acordar José. Diante do sofrimento, não temos o direito de dormir. É preciso velar, buscar o caminho; mas não o caminho fácil das fugas, e, sim, o mais exigente, o mais tenebroso, o mais cruel — o que nos leva a nós mesmos.

Recordo-me que, depois de receber a notícia da morte de sua filha Heloísa, minha mãe não quis tomar nenhum medicamento que a deixasse mais calma. Ela me dizia, olhando nos meus olhos: “A gente tem que viver tudo, não tem, meu filho? Não podemos fugir de nada, não é mesmo? Deus está comigo. Ele vai me dar força!”.

E assim aconteceu. Em nenhum momento ouvi uma blasfêmia saindo da boca daquela mulher. O choro silencioso, calmo, profundo, em nenhum momento cedeu lugar aos gritos de desespero.

*Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse,
mas você não morre,
você é duro, José!*

É justamente essa dureza que precisa cair por terra. Sofrimento é experiência de humanização. José precisa se humanizar. Ao perder todo o contexto de suas possibilidades, não lhe resta muita coisa a não ser o destino de sua humanidade.

José era duro. Não sabia cantar, não sabia gritar, não sabia gemer. O poeta demonstra o quanto sua insensibilidade o impede de vencer as forças do agora.

Nem para morrer José está pronto. A dureza o priva até mesmo da solução mais fácil, a mais covarde.

Minha mãe já estava totalmente imersa na realidade. Desde criança aprendera a sofrer com as perdas. Nasceu muito pobre. Sorveu a vida a partir dos sopros das restrições. Nunca teve seus próprios vestidos e sapatos. Herdava-os das filhas das patroas de minha avó.

Minha mãe nunca foi poupada de sofrimento, por isso aprendeu a sofrer. Mas José, o personagem, e tantos de nós ainda não sabemos.

*Sozinho no escuro,
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?*

O poeta encerra as perguntas a José entregando-lhe a mesma exigência com que começara. E agora, para onde você vai, José?

O agora e o onde são o pano de fundo da interrogação poética. A questão está colocada, e José precisa se encaminhar para dentro de si mesmo.

O personagem de Drummond não pode continuar fugindo. Diante do “agora” tão doloroso, José precisa reagir. O mesmo se dá no horizonte de nossa história pessoal. Às vezes nos deparamos com a vida e sua pergunta tão incisiva: E agora?

Naquele dia 9 de abril de 1996, no agora daquele sofrimento tão agudo, vi a mulher que me trouxe ao mundo viver um dos mais dolorosos calvários já enfrentados por ela até hoje.

Mas, diante da pergunta, ela respondeu com muita sabedoria. Ergueu os

olhos e não quis fugir de nada nem de ninguém. Firmou os pés na certeza de que o sofrimento não era o fim e encontrou o lugar para onde ir.

E é na direção desse ir sem fim que ela continua. Vai envelhecendo, perdendo a vitalidade, mas não perde a ternura e o sorriso tão cheio de simplicidade. Um sorriso leve, tímido, mas encorajado por uma autoridade de quem soube chorar do jeito certo. É o sorriso de Ana, o mesmo que a faz ganhar mesmo quando tudo parece ser perda, tristeza e desolação.

O menino e sua mãe ao colo
Descansa no meu colo
tua cabeça de mulher.
Deixa que eu seja o teu pai,
ainda que por um instante.
Vivamos o parto às avessas.
Eu, que sou teu filho,
por ora quero ser teu pai.
Só para ter o prazer de
te ver menina tão cheia de sonhos.
Só para puxar os teus cabelos
e neles colocar laços bordados de
alegrias.
Cores de tempos antigos, distantes,
quando nem imaginavas
que um dia eu seria o teu filho.
Fica quietinha por aqui.
Permite que eu cuide de tuas coisas,
teu guarda-roupas tão cheio de
desordens,
não importa.
O remédio eu te trarei,
teu alimento eu plantarei, e ajeitarei
o teu travesseiro de um jeito que gostes.
Só para descobrir a alegria
de reverter os poderes do tempo,
inverter a ordem dos fatos.
Só pra ter a graça de te chamar de
minha filha,
minha menina,
minha Aninha.

*Só para ter a graça de evitar teus
choros futuros,
tuas dores constantes,
teus medos tão delicados.
Medo de me perder,
de que eu morra antes da hora,
e de que não estejas por perto no
momento em que eu precisar de
tua mão, como no passado,
quando me conduziás contigo,
como se fôssemos um só,
um nó de gente,
amarrado e costurado
no amor que sobrava do teu peito.
Amor que Deus esqueceu no mundo
e que eu vi de perto,
quando o sofrimento entrou pela janela
de tua casa,
e mesmo vendo partir as carnes que
nasceram do teu ventre,
o teu olhar me encorajava a não
desanimar da vida.
E, juntos, seguimos atados pela estrada,
que é feita de sonhos,
de tristezas e de risos.*

Fábio de Melo

CAPÍTULO 18

A velhice e as perdas naturais

A juventude é um período que favorece muitas fugas. A vitalidade do corpo, a vida agitada, os muitos compromissos, as múltiplas possibilidades, tudo faz com que esse período da vida seja naturalmente dinâmico. A impulsividade é a marca dessa fase.

Com o passar do tempo, essa dinâmica vai se transformando. Vamos ficando mais lentos, mais criteriosos, e o leque que antes era formado de inúmeras possibilidades vai se tornando mais estreito.

São as estações da vida e suas mudanças constantes. São os encaminhamentos naturais do tempo a nos conduzir ao lugar da pergunta: E agora? O tempo passou e a velhice chegou. E agora?

A escritora mineira Adélia Prado fala, de forma muito interessante, dos impactos da velhice na vida humana. No poema “Pedido de adoção”, a escritora identifica na personagem a saudade de ter mãe. Essa orfandade é reconhecida no auge da velhice, momento da vida em que os limites a aprisionam e a fazem querer os mesmos cuidados que as crianças. Veja com que beleza e simplicidade a autora faz a leitura desse sentimento.

*Estou com muita saudade
de ter mãe,
pele vincada,
cabelos para trás,
os dedos cheios de nós,*

*tão velha,
quase podendo ser a mãe de Deus
— não fosse tão pecadora.
Mas esta velha sou eu,
minha mãe morreu moça,
os olhos cheios de brilho,
a cara cheia de susto.
Ó meu Deus, pensava
que só de crianças se falava:
as órfãs.*

O sentimento de orfandade lhe dá a coragem de querer voltar no tempo, de driblar a crueza de sua idade e reivindicar o direito de ter um colo no qual deitar a cabeça e receber os cuidados maternos.

A personagem manifesta o desejo de voltar a se enrolar no tecido da descendência, como se quisesse suturar sua carne já envelhecida à carne jovem da mãe, que só existe em suas saudades e, assim, rejuvenescer.

É a personagem diante do fato inevitável de que o tempo passou e agora, velha, como um dia estivera sua mãe, reconhece em sua alma a mesma condição em que costumamos classificar as crianças órfãs.

A personagem e a velhice. Destino inevitável que os pés humanos encontrarão ao longo da existência.

Não há outro jeito. É regra da vida. Envelhecer é um processo natural. O corpo, que antes possuía uma vitalidade extraordinária, aos poucos, bem aos poucos, vai se curvando aos ditames do tempo. Estamos expostos aos efeitos do *chronos*, o tempo que passa.

Desde o nascimento, o corpo se encaminha para o seu processo final. Nasce direcionado para o fim, uma vez que o seu percurso terá como meta a desmaterialização.

Durante esse percurso viverá as diversas fases da vida, extraindo de cada uma suas possibilidades e seus limites.

O corpo é território da realização humana. Nele a subjetividade está encarnada. Gostaríamos de salientar, mais uma vez, que essa distinção corpo e alma é meramente didática, e que se por vezes parecer haver dicotomia, ela terá como único objetivo facilitar a reflexão. Cremos na unidade do ser. Somos corpo e alma.

O corpo é a casa das possibilidades, mas também é a casa dos limites. O sofrimento físico é experimentado desde as nossas primeiras horas de vida. Como vimos anteriormente, nascemos em processo de dores. O recém-nascido é exposto à violência do mundo externo. Deixa o lugar aconchegante de sua primeira morada para enfrentar as variações de temperatura que são próprias do nosso ambiente.

Ao longo da infância, adolescência e parte da juventude, sofremos o processo do crescimento. Ossos e músculos se avolumam. Formas vão sendo modificadas, a vida que vai encaminhando o corpo para as diferentes etapas. Quedas, joelhos esfolados, braços e pernas quebrados fazem parte do histórico feliz de muitas infâncias.

Por ser constituído de matéria frágil, durante toda a vida o corpo experimenta o sofrimento da dor física. Como já mencionado, a dor é uma resposta do corpo cujo objetivo é anunciar que algo não vai bem. A dor parece fazer parte do instinto de preservação da vida. Ela tem o ofício de denunciar que algo está errado. É o corpo dizendo a ele mesmo que há uma desordem a ser considerada. Algum detalhe do seu funcionamento está em desarmonia, e alguma atitude precisa ser tomada.

A dor é uma forma de anúncio. É uma reação natural do corpo que não quer sofrer, do corpo que carece de ser socorrido. Ao demonstrar a ameaça do limite, o corpo reivindica tratamento, atenção.

Interessante, mas a dor parece ser uma fala do corpo que não quer morrer. É como se ela se tornasse representante do medo que sentimos do destino final.

Dessa forma, a dor se configura como denúncia de uma fragilidade inegável, mas ao mesmo tempo como desejo de que essa fragilidade seja suplantada pela força de alguma forma de tratamento. A antropologia do cuidado tem aqui uma

força surpreendente.

Sofrer é sempre um processo penoso. Toda vez que somos expostos a situações dolorosas, acentua-se dentro de nós a condição de fragilidade. A dor fragiliza ainda mais o que já é frágil. É como se acendêssemos uma luz bem potente em um canto da casa que não gostamos de ver. A dor nos expõe à dura verdade de que somos finitos, de que somos passageiros e de que em algum momento a aventura da vida deixará de ser possível para nós.

Ao sentirmos os limites de nossa fragilidade física, é como se a consciência de nossa morte se estabelecesse, mais uma vez, com todo o seu poder de verdade. Morreremos, e a velhice é comumente considerada a antessala da morte.

Talvez seja por isso que esse período da vida cause tanto medo e sofrimento a tanta gente. Não é fácil para ninguém pensar na ideia de destino final. Não é fácil ter que articular dentro de nós a certeza de que o nosso tempo de partida está chegando. A velhice nos sinaliza para a proximidade desse porto final. Será o fim da viagem humana. Essa finalização acentua ainda mais as perdas que chamamos de necessárias, porque são inevitáveis.

Envelhecer consiste em sofrer um universo de perdas, e aí está o que nos inquieta. Volto a citar Adélia Prado, que fala de forma bonita dessas perdas em um verso do poema “Salve Rainha”.

Ela diz: “A vida é assim, Senhor?/ Desabam mesmo pele do rosto e sonhos?”. A autora, em sua sensibilidade poética, percebe que no cair da pele do rosto há também a queda de inúmeras realidades que não são materiais. Desabam pele e sonhos. Na pele que desaba está a metáfora de uma vida que é modificada por inteiro.

As perdas se configuram como uma espécie de dissolução do mundo. É a desagregação de estruturas que antes nos davam sustento, nos concediam alegrias. É a decomposição de uma série de significados que só se adequavam às estruturas vitais do corpo.

Somos um organismo vivo que se encaminha no tempo. Sofre os seus efeitos, pois a ele está exposto e condicionado. O que antes nos era possível deixa de

ser. É a nova fase que surge; é o novo que se configura diante dos nossos olhos com toda a sua gama de limites e restrições.

Sofrer de velhice é destino inevitável. Os velhos de setenta anos sofrem com os malefícios das sete décadas, mas os não tão velhos de quarenta também já sofrem com as mazelas que próprias das três décadas a menos. Isso porque a velhice é um acontecimento gradual, avança aos poucos, de maneira que não é possível saber quanto dela já está nos atingindo.

O tempo todo estamos perdendo. O tempo não para, não dá tréguas. É claro que as perdas vão se acentuando com o acúmulo de anos, mas em cada fase da vida há perdas e danos. O inegável é que a velhice começa em nossa vida quando nos prendemos às perdas.

Epiteto, filósofo grego, dizia de maneira muito sábia que “as pessoas não são perturbadas pelas coisas, mas pela visão que têm das coisas”. A visão que temos da velhice, isto é, a forma como olhamos para os limites desse tempo, é determinante para que saibamos, ou não, viver bem essa fase final da vida.

A vida não é apenas perda. Há sempre uma forma de lucrar com o que perdemos. Discurso simplista e ingênuo? Não creio. Olhe para a regra dos vegetais. Uma árvore, quando submetida ao rigor do inverno, desprende-se totalmente da vaidade de tudo o que nela é aparente. As agruras próprias do inverno não lhe permitem perder tempo com folhas, flores e frutos.

A sabedoria vegetal a conduz para uma ação muito sugestiva. Diante do sofrimento a que foi submetida, a árvore direciona todas as suas forças para as raízes. Prende-se ao que é essencial naquele instante. Se insistir em manter sua seiva, para não perder a vitalidade das folhas, das flores e dos frutos, certamente acabará por morrer, pois faltará o essencial para fazê-la ficar de pé: as raízes. Inverno é um tempo em que a árvore vive para dentro. Interessante.

A planta ultrapassa as pontes das estações justamente porque se adapta às diferentes fases para viver. Para cada tempo, um jeito de ser, uma forma de ganhar, uma forma de perder, uma maneira de permanecer de pé.

Gosto da mística dos construtores de pontes. Eles estão sempre prontos para estabelecer estruturas de ligamento. Pontes são mecanismos que favorecem

travessias. Os que estão do outro lado poderão chegar ao ponto em que estamos e vice-versa. Talvez possamos encontrar na mística dos construtores de pontes alguma intuição, alguma sabedoria que possa ser aplicada aos últimos anos de nossa experiência humana.

Creio que uma forma interessante de minimizar os sofrimentos da velhice seja construir pontes entre as fases da vida, assim como as árvores constroem pontes entre as estações do ano.

Há pessoas que não conseguem ultrapassar a fase dos quarenta. Ficam fixadas naquilo que já não podem e assim constroem uma estrutura de sofrimento infértil. Em vez de buscarem o outro lado que a ponte da idade lhes proporciona, preferem fixar-se no que não podem mais. O lamento torna-se sua expressão. Em vez de concentrarem sua essência nos benefícios e possibilidades da nova estação, preferem lamentar a estação que se despediu, que já terminou, que não existe mais.

Saber finalizar uma fase da vida requer tanta sabedoria quanto para iniciá-la. Exemplo disso é o artista que sabe sair de cena no momento certo. Não permite o desgaste da sua imagem, mas constrói uma carreira sólida, insistindo constantemente no aperfeiçoamento de sua arte. Chegado o tempo de deixar de exercer o ofício, ele o faz com a tranquilidade de quem compreende ter cumprido bem a responsabilidade que lhe coube.

A exposição excessiva é sempre desgastante para a imagem de qualquer artista. Há que se cumprir bem as fases da construção da imagem. Ser visto para ser lembrado, mas nunca se deixar massificar a ponto de saturar a sua imagem e torná-la indesejada e cansativa.

O mesmo ocorre com os profissionais do esporte. Eles passam pelos momentos iluminados dos pódios e das conquistas, mas já se preparam para a fase em que os holofotes serão apagados. Perdem a vitalidade que os tornou destaque no mundo dos esportes, mas passam a investir em outras formas de vitalidade que são próprias da experiência adquirida.

É o caso de tantos bons atletas que se transformaram em excelentes empresários do mundo dos esportes. Eles descobriram que tão importante

quanto saber ganhar é saber perder, pois só assim poderão ganhar de outro jeito, em outras modalidades.

O pódio muda de lugar. Já não serão os pódios olímpicos ou dos grandes campeonatos esportivos, e, sim, os da realização pessoal, cujas medalhas não brilham no peito, mas podem ser percebidas no brilho dos olhos — fruto da satisfação de ter se construído como profissional, mas sobretudo como pessoa que soube lidar com as pontes do tempo.

Essa sabedoria precisa ser incorporada. Muitos sofrimentos na nossa vida são resultado de não sabermos perder, não sabermos atravessar a ponte, não sabermos mudar de estação. Não seremos eternamente jovens, mas nem por isso estamos fadados a viver a condenação da infelicidade.

A realização humana é possível em todas as etapas da vida. O importante é saber viver bem o que é específico de cada tempo, pois essa é uma forma interessante de construir os alicerces da próxima etapa.

Perder, perderemos sempre, mas as perdas são tão necessárias quanto os ganhos. É só olhar de uma maneira diferente para elas. Se assim o quisermos, elas se configurarão como portas para muitas outras possibilidades.

É tão comum encontrar idosos de bem com a vida, felizes, rindo dos próprios limites. Não se deixaram paralisar pelos limites impostos pelo tempo, mas fizeram deles motivo para encontrar novas formas de ser e viver. Não colocaram idade na sua vida, e, sim, vida na sua idade. Cruzaram as pontes, quiseram pisar do outro lado.

*Quem foi que assim nos fascinou para
que tivéssemos um olhar de despedida
em tudo o que fazemos?*

Rainer Maria Rilke

CAPÍTULO 19

O sofrimento da travessia

Uma história interessante que pode ilustrar bem essa necessidade de travessia é a história de Áurea, uma mulher muito bem-sucedida profissionalmente que não soube encarar o tempo de deixar o trabalho.

Áurea sempre foi competente. Desde os primeiros anos de escola já demonstrava sua inegável aptidão para os números. Aluna brilhante em todas as fases da vida acadêmica, cursou faculdade de contabilidade e nessa área se tornou doutora. Trabalhou, desde o tempo do colégio, em setores administrativos de pequenas empresas, até conseguir uma oportunidade em uma grande multinacional, onde fez carreira brilhante. Só nessa empresa foram vinte e oito anos de serviços altamente bem desempenhados.

O tempo de aposentar-se chegou. Áurea pensou que viveria o sossego que sempre sonhou, mas estava enganada. Já no primeiro mês, sem a obrigação do trabalho diário, apresentou sintomas evidentes de ansiedade e depressão.

Conheci-a casualmente. Ela ajudava sua irmã, que gerenciava um hotel, em uma questão administrativa. Eu estava hospedado lá. Muito educadamente ela chegou, apresentou-se, e juntos tomamos o café da manhã. Em rápidas palavras, resumiu um pouco de sua vida e do sofrimento que enfrentava naquele momento. Disse-me que não sabia não trabalhar.

Aprendera desde muito cedo que o trabalho é a chave da realização humana e que agora, já aposentada, não conseguia mais enxergar nenhuma possibilidade de realização para sua vida.

Áurea era muito sincera em sua confissão. Os olhos demonstravam uma verdade envolvente, aptidão de quem já fez pacto com a verdade e agora não consegue mais descobrir motivos para evitar a transparência. Áurea não se casou. Tinha uma excelente condição financeira, fruto de uma vida inteira de intensa dedicação, mas não sabia nem mesmo o que fazer com o dinheiro que acumulara.

Administrou muito bem a empresa na qual trabalhara durante boa parte de sua vida. Uma administração marcada pela excelência e pela postura naturalmente corporativa. Era competente no que fazia, eu não tinha dúvida. O seu rosto demonstrava tudo isso.

Áurea estava diante de um impasse cruel. Precisava administrar a própria vida, mas lhe faltava competência para isso. Ela não tinha diante de si o desafio de articulações financeiras complexas. Não estava lidando com os riscos da bolsa de valores, tampouco com um cliente que precisava de segurança para investir em sua proposta.

Áurea estava diante da miudeza dos seus dias, da necessidade simples de descobrir um motivo para continuar a percorrer as pequenas distâncias de seu novo mundo.

O impasse estava estabelecido. A contradição também. A mulher forte e segura do mundo dos negócios estava absolutamente fragilizada diante do desafio de ser feliz naquela nova fase da vida.

Áurea estava diante de seu fim de história, dos últimos anos de sua vida, e corria o risco de finalizar sua jornada de forma absolutamente contrária à maneira como se conduzira a vida inteira. Não era capaz de valorizar o novo tempo que surgia. Ela, que sempre fora uma mulher de qualidade, estava entregando os pontos na reta final.

Depois de terminar a fase de trabalho intenso, aquela mulher tão dotada de competência administrativa não sabia como atravessar a ponte que se estendia a seus pés. Em seu sofrimento concreto, Áurea experimentava diariamente uma desolação profunda, logo pela manhã, ao perceber-se inapta para a vida sem muitas exigências que agora experimentava.

Ela não sabia programar o seu tempo. Não sabia não ter que ir para a empresa. Sentia-se inútil, como se a aposentadoria fosse uma declaração pública de que o seu tempo estava findando.

Áurea precisava inaugurar um novo tempo em sua história. Precisava descobrir um novo jeito de aplicar a vitalidade que era tão própria de sua atuação profissional. Precisava abrir um leque de novas possibilidades.

É interessante, mas não é raro encontrar pessoas que se prendem ao passado por esse mesmo motivo. Gente que trabalhou a vida inteira e que ao final não sabe descobrir os benefícios de uma rotina mais leve, sem agenda pesada a ser cumprida.

O grande problema é que, diante da necessidade de mudar a rotina, a pessoa não enxerga o novo e amplo horizonte de possibilidades oferecido pela nova fase. É nesse instante que ela precisa mergulhar nos seus sonhos.

Enquanto conversava com Áurea, perguntei-lhe sobre os sonhos da juventude. Ela me contou alguns. Insisti em saber se havia algum que ainda não tinha sido realizado. Ela sorriu e confessou que sempre quisera aprender a tocar piano. Foi então que a desafiei a começar a estudar. Ela disse que estava muito velha para isso.

Naquele momento, recordei-me de uma canção mineira, uma das tantas nascidas do frutuoso movimento que conhecemos como Clube da Esquina, que diz assim:

“Porque se chamavam homens/ também se chamavam sonhos, e sonhos não envelhecem”⁶. O verso se tornou a pauta de nossa conversa.

Áurea era jovem demais para se entregar ao sossego. Ainda que não tivesse mais a vitalidade para comandar uma grande empresa, como no passado, poderia muito bem viver para administrar os seus pequenos sonhos.

Vi naquela ponta de corda, o sonho de aprender a tocar piano, alguma coisa que me permitisse puxar para fora a grande mulher que ainda existia por trás daquela aparência tão desanimada.

Homens e sonhos se confundem e se completam em fusões constantes. Somos a mistura de sonhos e realidades. Há uma inegável conexão entre os dois

pontos, e o que Áurea precisava descobrir era um jeito de fazer com que os sonhos da juventude cumprissem, agora, o papel de lhe devolver a vitalidade aparentemente perdida.

Sonhos não envelhecem. Eles sobrevivem, mesmo com o acúmulo dos anos, e por isso podem funcionar como fórmula para rejuvenescer a alma, enchendo-a de novas e surpreendentes perspectivas.

Áurea aceitou a proposta. Comprou um piano e contratou uma professora. Foi uma descoberta fantástica. Descobriu no novo aprendizado um jeito de ocupar o tempo. Naturalmente afeita a desafios, tornou-se aluna extremamente dedicada.

Em poucos meses, Áurea já estava bastante inteirada da linguagem musical e com uma excelente habilidade com as mãos. Decidiu que o mesmo tempo que antes dedicava à empresa agora seria dedicado ao estudo do piano. A iniciativa lhe fez muito bem. As aulas lhe trouxeram novos amigos. Com eles vieram também os novos interesses. Conheceu outros mundos e outras humanidades. Saiu do círculo empresarial em que estava mergulhada e agora experimentava outros valores de vida.

Áurea tem consciência de que nunca será uma pianista profissional. Não é esse o seu objetivo, mas o sonho de juventude — aquele que parecia velho e que não fora realizado — estava agora emprestando sentido à sua nova fase de vida.

Um sonho que parecia envelhecido, mas que com o movimento criativo, fruto de uma necessidade de superação, tornou-se a chave para que ela pudesse enfrentar os limites que a idade trouxera.

A música a tomou pelas mãos no momento em que se sentia só. O sonho envelhecido foi acordado. A arte a redimiu, e o tempo não foi um empecilho para a sua superação.

CAPÍTULO 20

O sofrimento de saber-se inútil

Assim como Áurea, muitas pessoas sofrem na carne o desafio de viver as formatações que a velhice faz nascer. Estamos naturalmente condicionados a estabelecer um pacto com a vida a partir de nossa utilidade.

As relações humanas são fortemente marcadas pelas regras da utilidade. Somos o que fazemos. Boa parte do nosso tempo é investido em aprimoramento técnico, profissional. Coisas que estão ligadas ao nosso desempenho como profissionais.

Não há nenhum problema em buscar a excelência profissional; pelo contrário, é muito importante que estejamos preparados para as exigências do novo mercado de trabalho.

O grande problema não é investir no aprimoramento técnico, mas sim não saber viver as transições naturais do processo da vida. Não seremos eternamente jovens, competentes e úteis. Haverá um momento em que alguém nos substituirá porque cumprirá melhor as exigências do que fazemos.

Chegará o dia em que teremos que sair de cena. É nessa hora que precisamos assumir uma outra forma de competência. Teremos que lidar com a nossa inutilidade e esbarrar na nossa humanidade, sem os atrativos de tudo o que foi útil em nós.

Será o momento de redescobrir os significados antigos, as coisas para as quais não tivemos muito tempo, mas que condensam possibilidades bonitas que precisamos explorar.

Quando pautamos nossa vida a partir da nossa utilidade, corremos o risco de nos desprendermos dos nossos verdadeiros significados. É muito comum as pessoas se ocuparem de constantes aperfeiçoamentos técnicos. Mas é raro encontrar pessoas cuidando do futuro a partir de outras preocupações, como o cultivo de laços fecundos.

Precisamos, ao longo da vida, fazer a nós mesmos a pergunta cruel: Depois que perdermos a utilidade, quem vai querer continuar ao nosso lado? Será que estamos bem posicionados entre o horizonte da utilidade e o horizonte dos significados?

Muitos sofrimentos nascem desse desequilíbrio. Foi o caso de Augusto.

Mineiro, nascido na zona rural da cidade de Lavras, Augusto foi o caçula dos nove filhos de Manoel e Ana.

Quando terminou o ensino fundamental e chegou o tempo de deixar os estudos para ajudar o pai e os irmãos na lida da roça, Augusto recebeu da tia o convite para morar com ela na cidade. O objetivo era que ele continuasse a estudar.

Perto de completar quinze anos, deixou a família e foi morar em Lavras. Diferentemente dos oito irmãos, Augusto recebeu da tia a oportunidade de um futuro diferente.

Com o tempo, o pequeno e tímido garoto foi mostrando sua grande aptidão para o mundo acadêmico. Os resultados eram surpreendentes. Terminado o segundo grau, Augusto foi morar em Belo Horizonte e, para a surpresa de todos, conseguiu ser aprovado para o curso de direito da Universidade Federal de Minas Gerais.

Assim que concluiu o curso, mudou-se para São Paulo e fez sólida carreira como advogado. A partir dos desdobramentos de sua profissão, pôde viajar o mundo. Estudou no exterior, especializou-se em direito internacional e construiu um currículo invejável.

Depois de toda uma vida dedicada ao direito, Augusto se viu diante da necessidade de desacelerar o passo. Não tinha mais a mesma disposição nem os velhos anseios da juventude.

Quase não tinha contato com a família. Os mundos eram muito diferentes. Os pais já haviam falecido e dos irmãos restavam apenas cinco. Todos moravam no interior, como no passado.

O mundo de Augusto começou a ruir com a morte da esposa, vítima de um câncer. Tiveram dois filhos. Um dos rapazes morava na Inglaterra, o outro fazia carreira como executivo de uma grande montadora de carros e dividia o seu tempo entre a Alemanha e o Brasil.

Augusto não tinha ninguém ao seu lado. Restara-lhe apenas o prestígio conquistado ao longo de sua vida, mas prestígio não é capaz de preencher um coração solitário.

Conheci Augusto por meio de amigos em comum. O assunto que nos uniu foi o fato de eu também ter estudado em Lavras. Seus olhos brilharam quando soube que eu conhecia a sua terra. Falou-me com eloquência do seu tempo de estudante, do antigo colégio, de seus velhos professores e da tia que o acolhera tanto tempo atrás e o tratara como um filho.

Augusto parecia mergulhado em uma espécie de nostalgia misturada a arrependimento. Sua voz parecia embargada pelo desejo de reencontrar o que, pela força da vida, deixara de possuir. Contou sem receios que os seus filhos nunca tinham ido a Lavras. Não chegaram a conhecer a sua terra, as suas raízes.

Quando os pais morreram, ele não pôde ir ao velório. Os dois morreram na época em que morava na Espanha. Augusto falava de tudo isso publicamente, como se quisesse conviver melhor com suas escolhas e ao mesmo tempo ser punido por elas.

Recordo-me da reação de todos. O seu tom era de discurso. O silêncio era absoluto. Apenas ele falava. Sua fala parecia imersa em uma atmosfera de coragem e ao mesmo tempo de medo e vergonha. Era como se ele tentasse reconciliar o seu coração com o tempo passado e pedisse uma oportunidade de refazer suas escolhas.

Augusto rompeu com o seu mundo. Sua competência proporcionou-lhe oportunidades importantíssimas. Experimentou realidades que não cabiam nos sonhos de um menino nascido na roça. Tornou-se diplomata. Falava várias

línguas e conhecera boa parte do mundo. Mas tudo isso teve um preço. Ele ficou órfão. Perdeu a família.

Perdeu porque permitiu que os vínculos ficassem cada vez mais fragilizados, menores. À medida que surgiam as oportunidades, Augusto se desprendia de sua antiga realidade, até o momento em que perdeu toda e qualquer forma de identificação com ela.

Depois de tantos anos sem reencontrar os irmãos, ele não sabia mais voltar. Desaprendeu os caminhos. Esmerara-se em aprender sobre os relacionamentos que requerem diplomacia, mas desaprendera sobre os encontros que requerem apenas um pouco de simplicidade.

Disse em um tom de desabafo e justificativa: “Eu não tenho o que fazer lá. Não vou ter nem assunto com eles!”. Na frase de Augusto havia uma tristeza imensa. Naquele momento da vida, depois de perder a esposa, ele estava sem raízes. Os filhos estavam distantes e o que lhe restara eram alguns poucos amigos.

Seus familiares continuavam no interior, mas ele não sabia como encontrar no seu interior as forças necessárias para ir revê-los. Talvez tivesse receio de receber deles a mesma indiferença com que os tratara a vida inteira. Talvez tivesse medo de descobrir que fora injusto, ingrato, ao não encontrar em sua agenda cheia de compromissos importantes um tempo para ir tocar de perto suas raízes, suas origens.

Augusto tinha tudo, mas não tinha ninguém. O seu sofrimento era concreto, duro, mordaz.

Depois do discurso, ele se levantou e disse que precisava ir embora. Disse que já estava alterado por causa do vinho e tinha medo de falar muita bobagem.

Augusto não dissera nenhuma bobagem. Apenas deixou transparecer uma dor muito comum entre nós. Todos podemos ser vítimas desse mal. É muito comum nos dias de hoje perdermos os vínculos. Nesse mundo de tantas oportunidades, nem sempre conseguimos estabelecer a ponte entre a novidade e o que é velho.

Cuidar das nossas raízes é um jeito interessante de preparar a velhice. As

raízes pertencem ao início, mas são imprescindíveis para o fim, pois estão diretamente ligadas ao que verdadeiramente nos dá sustento. Nas raízes estão condensadas todas as verdades da planta.

Nelas estão os nossos significados primeiros. E significados são realidades que dão sustento ao nosso mundo. Eles é que parecem costurar de sentido tudo o que somos, por isso são para a vida toda. Diferentemente das utilidades, que são tão passageiras.

Augusto certamente tivera a oportunidade de pautar sua vida a partir das utilidades. Ele foi útil e serviu-se de muita gente útil para abrir os seus caminhos. Ao ocupar-se de pessoas úteis, deixou de ter tempo para as pessoas que de fato tinham significado em sua vida. Quando precisou reverter o quadro, não sabia mais como fazê-lo.

Isso me faz recordar os versos de Cecília Meireles, que, diante da certeza de ter colocado suas esperanças em uma pessoa passageira, fugaz, torna-se consciente até mesmo da obrigação de não chorar diante da queda.

Augusto sabia que todo o seu mundo era fugaz e passageiro, mas em nenhum momento pensou que sofreria amargamente com as consequências dessas passagens.

Valem para ele os versos tão cheios de beleza e de tristeza que a poetisa escreveu:

Encostei-me a ti, sabendo que eras somente onda.

Sabendo bem que eras nuvem, depus a minha vida em ti.

Como sabia bem tudo isso, e dei-me ao teu destino, frágil,

Fiquei sem poder chorar quando caí.⁷

Por vezes, encostamo-nos a alguns moldes de vida que são semelhantes às ondas. São oportunidades cheias de encanto, mas sem nenhum sustento futuro. São fogos de artifício, fugazes e de rápida passagem.

Grandes sofrimentos experimentados no tempo da velhice costumam estar ligados à contabilidade das nossas escolhas. Quanto maior for o número de

realidades fugazes escolhidas e incorporadas, maior será a possibilidade de frustrações futuras.

A vida é como uma equação matemática. Salvaguardando o espaço para o mistério, ela pode ser administrada. O cálculo é possível. O que somamos e subtraímos, o que multiplicamos e dividimos um dia serão o resultado final, em nossas mãos.

As escolhas da juventude costumam repercutir no modo como envelhecemos. O que construímos no dia de hoje será fundamental para as realidades futuras.

Augusto desconsiderou o futuro. Não previu que perderia a esposa para o câncer e os filhos para os mesmos interesses que o afastaram de seus familiares. Naquele momento da vida, Augusto experimentava uma solidão que ele mesmo construía. Não tinha para onde voltar. Os amigos que fizera ao longo da vida eram poucos, muito poucos. Os dedos de uma das mãos eram suficientes para numerá-los. Sua atividade profissional polarizou totalmente os seus interesses. Seu núcleo de relacionamentos tinha sido estabelecido pelas regras da utilidade, e não dos significados.

Os filhos eram indiferentes ao seu sofrimento. Augusto experimentava na carne o fruto da educação que dera aos seus meninos. Eles não aprenderam a valorizar laços familiares. O pai nunca os levava para conhecer o contexto em que havia nascido. Os meninos não conheciam os irmãos de Augusto. Seus pais morreram sem conhecer os netos.

A vida em sua casa devia ser marcada pela frieza. Ele era um homem de negócios. Sua mulher também era uma empresária bem-sucedida. O núcleo familiar não preparou os filhos para o cultivo de laços fecundos e duradouros.

A história dessa família tem muito o que nos ensinar. Diante do sofrimento de Augusto, concluímos que laços sanguíneos não são garantia de nada. Não basta ser irmão, pai, filho, mãe. É preciso ter algo a mais. É no cultivo do dia a dia que fortalecemos os papéis atribuídos pelas funções biológicas.

Ter um filho nascido das nossas entranhas não é garantia de nada. A experiência do dia a dia pode distanciar aquele que se desprende de suas

carnes e, com o tempo, ele pode se tornar um estranho que mora na mesma casa que você.

Ser parente não significa muita coisa. O vínculo não sobrevive apenas do destino sanguíneo que nos une. Você já deve ter experimentado isso de maneira muito concreta em sua vida. Há pessoas que são mais importantes em nossa vida que muitos de nossos parentes.

O que houve para que isso acontecesse? O distanciamento. Não há outra resposta. A estranheza que cresce silenciosamente em nossas casas tão cheias de distâncias e indiferenças.

Não há crime em elegermos ao longo da vida amigos que são mais que irmãos. É bonito identificar nas pessoas a capacidade de cultivar laços fecundos. O triste é quando identificamos nessas mesmas pessoas a incapacidade de manterem vivas as raízes dos seus significados.

É por isso que diante dessa história cremos que seja válido fazermos-nos algumas questões.

Não sei o quanto de Augusto existe em você. Também me pergunto o quanto de Augusto há em mim. Talvez as nossas histórias não estejam no extremo experimentado por Augusto, mas é inegável que nem sempre estamos conscientes do poder definitivo que há nas escolhas do nosso agora.

Viver é escolher. A matéria-prima do futuro está diante de nossos olhos hoje. O que é de amanhã no agora da vida está se dando, assim como a mãe dá ao filho a vida em potencial. A vida cresce, amadurece e se transforma no impulso de nossas escolhas. O contrário também é verdadeiro. A vida atrofia, apodrece e fenece no impulso do que escolhemos cultivar.

O que hoje ensinamos ou motivamos pode, mais cedo ou mais tarde, se voltar contra nós.

*O futuro da vida está preso nesta
plataforma em que hoje nossos pés se
firmam.*

É dela que partimos.

*Os sabores de amanhã estão sendo
preparados na terra de nossas escolhas.*

*Ações humanas seguem as mesmas
regras das causas e dos efeitos.*

*O que escolhemos hoje é matéria-prima
que será transmutada em vida futura.*

*Se escolhermos amar, restarão boas
saudades. Se escolhermos a indiferença,
restarão remorsos.*

Fábio de Melo

CAPÍTULO 21

Sufrimentos que nascem de defeitos cristalizados

Escolhas conscientes e benfeitas hoje podem evitar sofrimentos futuros. A vida é experiência que exige preparo constante. A regra é clara. Se quisermos frutos saborosos amanhã, não poderemos abrir mão do cultivo e do empenho que são as exigências do dia de hoje.

Envelhecer bem consiste em não perder tudo isso de vista. A psicologia nos ensina que os defeitos da juventude ficarão ainda mais acentuados na velhice. É simples. O tempo tem o poder de agravar ainda mais os limites. Podemos experimentar isso no momento em que somos honestos com nosso processo humano e reconhecemos o que, pela força do tempo, tornou-se mais doloroso e pesado em nós. A esse processo a psicologia chama de cristalização.

Cristalizar, por derivação de metáfora, é o mesmo que se tornar fixo, imóvel. Portanto, cristalizar defeitos consiste em perder a possibilidade de mudá-los, superá-los.

Veja bem. Defeitos geram sofrimentos. Cada vez que nos experimentamos defeituosos, de alguma forma tocamos e identificamos nossa condição de homens e mulheres limitados. Defeitos são experiências concretas do limite.

O limite, quando não assumido como impulso para a mudança, será sempre uma porta para a dor. Se no tempo da juventude não atentamos para os nossos defeitos e com eles trabalhamos, desejosos de minimizar a sua atuação sobre a nossa personalidade, na velhice eles vão se tornar ainda mais penosos.

Isso não significa que pessoas idosas não podem ser transformadas. Não se trata disso. Acredita-se na possibilidade do humano viver e sofrer constantes transformações. O que quero salientar é que os defeitos da juventude podem se transformar em pesos extremamente torturantes ao final da vida, justamente porque, depois de cristalizados, ficam mais duros, mais difíceis de modificar.

Foi o que aconteceu com Ermelinda, uma senhora que certa vez me escreveu uma carta para desabafar sobre seus descontentamentos.

Ermelinda nasceu em uma família bastante abastada. Filha de fazendeiros, nunca precisou de muito esforço para realizar os seus sonhos. Menina dotada de muitas capacidades, sempre se destacou na pequena cidade em que nascera, no interior do estado do Paraná.

Em sua carta, Ermelinda confessou sofrer muito por causa do ciúme. Tinha ciúmes de tudo: de sua casa, de seus filhos, de seus netos e até mesmo de sua funcionária, uma senhora muito simples que havia mais de trinta anos desempenhava a função de cozinheira da família.

O ciúme de Ermelinda não era normal. Tinha sintomas de patologia, isto é, de doença. Certa vez, por ocasião de uma viagem de um de seus netos aos Estados Unidos, Ermelinda passou exatos dez dias sem conseguir dormir, enciumada porque a viagem tinha sido um presente da outra avó, e não dela. O seu sofrimento era real e tinha o poder de adoecê-la.

Aquele fato era apenas um detalhe do quadro geral. Com muita honestidade em suas palavras, aquela senhora assumia que nunca conseguira ser amiga das noras. Estava brigada com todas, devido às suas inúmeras tentativas de interferir na vida dos filhos.

Ermelinda não sabia perder. Não queria que os filhos se casassem, não queria que os netos namorassem, pois compreendia tudo isso como experiência de perda. Ela queria que todos estivessem, o tempo todo, agarrados a sua saia.

A mesma resistência que demonstrava nos relacionamentos afetivos dos seus filhos, agora também manifestava em relação aos netos.

Seu sofrimento era muito concreto. Ela estava mergulhada no ciúme doentio e não sabia mais o que fazer. O interessante foi que resolveu assumir diante de

si mesma o problema que enfrentava. Deixou de negar a situação, como sempre fizera ao longo de sua vida.

O quadro não era nada animador. Aos setenta e quatro anos, Ermelinda parecia uma adolescente mimada e necessitada de atenções constantes. O grande problema era que quanto mais ela manifestava o seu ciúme, mais afastava as pessoas. Quanto mais se esforçava para manter as pessoas presas em sua teia de ciúme, mais as perdia.

O que vemos aqui é um caso clássico de personalidade cristalizada. O sofrimento que essa senhora enfrenta não é devido apenas ao fato de detectar o ciúme que sente, mas também à incapacidade de mudar os seus sentimentos.

Ela não estava feliz por perder noites e noites de sono alimentando um sentimento tão mesquinho. O motivo de sua amargura era justamente não aceitar, no seu coração, o fato de que o neto continuava lhe querendo bem mesmo ao receber da outra avó um presente interessante. Ermelinda sofria de insegurança crônica.

A raiz do seu sofrimento estava ali. A insegurança provocava atitudes estranhas. Perceba. O ciúme nasce da insegurança e do desejo de posse. Possuir o outro é um jeito de neutralizar a insegurança afetiva. Esse era o desejo de Ermelinda: possuir tudo e todos com o objetivo de preencher suas lacunas afetivas.

Seu jeito de ser não era fruto do acaso. Ermelinda deve ter tido essa dificuldade desde os mais tenros anos de sua vida. Por ter nascido em uma família muito rica, deve ter desenvolvido uma consciência de que o seu mundo não tinha limites. Ela podia tudo. Cresceu sem necessidade de dividir nada. Aprendeu desde muito cedo a colher os louros sozinha, sem ninguém com quem reparti-los.

Ao ser poupada da experiência do limite, Ermelinda perdeu a oportunidade de amadurecer. Ao possuir a tudo e a todos, polarizando sempre a atenção dos que a rodeavam, ela perdeu a oportunidade de possuir a si mesma.

Interessante, mas esse tipo de educação que ela recebeu tem um forte poder de fragilizar. Quem muito recebe corre o risco de não aprender a estabelecer

limites para as suas necessidades. É como um poço sem fundo. Mesmo que joguemos nele porções imensas de terra, nunca o preencheremos.

Ermelinda era assim. Ela não era desprezada pelos filhos, pelas noras ou pelos netos. O grande problema é que tudo o que eles podiam oferecer não bastava. Embora se esforçassem para que ela se sentisse feliz, o esforço nunca era suficiente aos seus olhos. Ermelinda continuava uma menina mimada, mas agora com o agravante de ser velha.

Os defeitos da juventude não foram cuidados. Se os seus pais tivessem atentado para esse detalhe da personalidade de Ermelinda e tivessem trabalhado de forma adequada para a reorientação da conduta, Ermelinda não sofreria tanto na velhice.

Se ao longo de sua vida ela tivesse sido desafiada a melhorar o seu jeito de ser, certamente estaria mais leve para enfrentar o fim da vida. As pequenas doses de modificações ao longo da juventude evitam as violentas interferências da própria vida quando a pessoa está na reta final da existência.

Por isso o que desconsideramos no início da vida, isto é, o peso de defeitos leves, pode se tornar extremamente penoso com o passar dos anos.

*Nosso tempo de ser útil terminará.
Já não teremos mais a destreza da
juventude. Nossos passos lentos já não
nos permitirão chegar tão longe.
Nossos braços se despedirão das
agilidades de antes.
Experimentaremos a vida a partir de
uma outra vertente.
O tempo de utilidades se despedirá de
nós
e o que vai nos restar será o tempo dos
significados.
O que vamos alcançar não dependerá
mais de nossas destrezas
nem tampouco de nossos atributos
técnicos.
Será o tempo da simplicidade e nele será
preciso sobrevivermos.
Nesta contabilidade final já não haverá
espaço para supérfluos.
A vida nos encaminhará para o estreito
caminho final e o que teremos nas mãos
será o resultado do que amamos.*

Fábio de Melo

CAPÍTULO 22

Quebrando o cristal

A superação é o destino de quem se empenha. Mesmo na velhice, quando a vitória se torna mais difícil, a superação será sempre possível. O ser humano, quando estimulado, é capaz de reações surpreendentes.

Não sei o que Ermelinda fez com seu ciúme. Fiz o que pude. Orientei, aconselhei, mas não posso viver por ela. O que sei é que aquela mulher tinha diante de si uma lição de casa muito exigente. Ou ela reorientava o seu comportamento ou ficaria cada vez mais solitária em seu egoísmo desumano.

Quebrar o cristal é possível, mas requer esforço. É arte de lapidação. Tudo depende da disposição daquele que precisa enfrentar o desafio. Quanto mais duro e resistente estiver o cristal, maior terá que ser o empenho.

Há pessoas que não se intimidam diante dos desafios. Foi o caso de Hélio, um senhor que conheci por acaso. Esperava minha mala na esteira de um aeroporto quando ele se aproximou. Disse-me que sempre assistia ao programa apresentado por mim e que, mesmo sem saber, eu o tinha ajudado a superar um defeito da juventude.

Hélio era um senhor que já aparentava idade avançada. Disse-me de maneira muito bem-humorada que ao longo da vida sofreu muito com a incapacidade de finalizar os projetos que iniciava.

Muitos foram os projetos iniciados, mas o único que ele conseguira levar adiante fora o casamento de cinquenta e seis anos.

Iniciou três faculdades e não concluiu nenhuma. Perdeu as contas do número

de vezes que se matriculou em um curso de inglês e abandonou as aulas logo depois dos primeiros dias.

Certa vez, me ouviu falar de pessoas que eram mestras em “iniciativas”, mas péssimas em “acabativas”. Perdoem-me o neologismo, mas foi a expressão que usei para me referir às pessoas que não sabem concluir os projetos iniciados.

O senhor Hélio disse que o discurso lhe caiu como uma luva. Segundo ele, dei uma pequena receita para trabalhar o exercício da vontade no dia a dia.

Segundo ele, eu sugeri a iniciativa de pequenos projetos e sua consequente finalização. Ele seguiu à risca uma simples sugestão minha. Começou arrumando as gavetas. Disciplinou-se a arrumar uma por uma. Depois, passou para o sótão, lugar onde guardava suas ferramentas. Alguns meses depois, ousou entrar em um curso de inglês e logo em seguida em uma aula de hidroginástica. Desde a primeira iniciativa já somava um ano de projetos iniciados e devidamente mantidos em andamento.

O senhor Hélio me parecia muito feliz. Sua fala foi pouca, mas despertou em mim uma satisfação muito intensa. Ele me agradeceu pela mudança e se foi.

Aquele homem me fez pensar. Umas poucas palavras foram o suficiente para fazê-lo refletir sobre uma vida inteira. Diante da provocação das minhas palavras, ele assumiu um compromisso de mudar sua conduta.

Não tive muito tempo de ouvir quais foram as consequências de sua falta de determinação na vida, mas de uma coisa não tenho dúvida: elas o privaram muito. E se houve privação, então houve sofrimento.

Há muitos sofrimentos que nascem de nossa indisciplina. Indisciplina é uma forma de negligência que atinge diretamente a nós mesmos. O que deixo de fazer hoje e que seria importante para o meu crescimento, de alguma forma, repercutirá como consequência desagradável.

Um exemplo simples é o cuidado com o corpo. Quem não tem disciplina com a atividade física diária sofrerá muito mais na velhice do que aquele que tem. As estatísticas comprovam que meia hora de exercício aeróbico por dia evita problemas cardíacos. Mas não adianta saber. O grande desafio é transformar a informação em atitude concreta. Estar consciente do valor do exercício não livra

ninguém do infarto.

Outra informação preciosa que desconsideramos é a importância de cultivar a nossa massa magra, isto é, a massa muscular. Estudos comprovam que o indivíduo que conseguiu construir uma boa estrutura muscular na juventude sofrerá menos com as dores próprias da velhice.

É simples. Massa muscular fortalecida ajuda a manter a coluna no lugar. Consequentemente, sofreremos menos de dores nas costas.

O fortalecimento do corpo não é só uma questão estética, como tantas vezes pensamos em nossa reflexão superficial. É questão de inteligência. Ter uma musculatura exercitada e fortalecida nos ajuda a enfrentar os limites da velhice. O corpo é sábio, mas se a mente não o comandar de forma inteligente, ele sofrerá dobrado no futuro.

Há um detalhe, porém: músculos não caem do céu. Eles só crescem e se fortalecem mediante a experiência do estímulo e do esforço. Se não os exercitamos, a musculatura fica flácida e consequentemente é substituída por tecido adiposo, isto é, gordura. Altos índices de gordura corporal são sinônimo de doenças e envelhecimento.

A gordura visceral, por exemplo, a conhecida barriga acoplada de pneus laterais, é um sinal de diabetes futuras. É possível perder a gordura, mudar o quadro? Claro que sim. Mas essa mudança não será simples. Sabemos, na prática, que mudar hábitos requer muita disciplina. Converter um comportamento ruim em um comportamento bom e saudável exige uma observância constante.

É o desafio da continuidade. Iniciar é sempre mais fácil. Difícil mesmo é levar adiante o empreendimento que foi começado.

Quantas vezes você já começou um programa de atividades físicas e não levou o propósito adiante? Certamente uma infinidade de vezes. Muitas pessoas se matriculam nas academias, pagam planos semestrais e deles usufruem por no máximo quinze dias.

Começam com todo vigor. Compram tênis, roupas adequadas e em pouco tempo tudo está abandonado. O problema é que não temos como comprar

disciplina no mesmo estabelecimento comercial em que compramos os tênis.

Há um elemento-chave que precisa mover tudo isso – a motivação. Os motivos funcionam como mola propulsora. Uma vez bem internalizados, são capazes de despertar em nós a dose diária de disciplina requerida pelo projeto.

Sei que não é fácil abandonar o sofá, o balde de pipocas, a sessão da tarde e ir trocar de roupa para exercitar o corpo. Sei que é muito mais fácil ficar no computador, conectado à internet e participar de bate-papos intermináveis.

Também sei que não é fácil encontrar um tempo na agenda do dia, tantas vezes lotada. Também enfrento os desafios de encontrar a chave da minha disciplina, mas uma coisa é certa: quanto mais me entregar ao caminho fácil das desculpas, mais difícil será iniciar o processo de transformação.

Nossas desculpas funcionam como um mecanismo de defesa. Nelas a gente se esconde para evitar a mudança e o esforço que ela exigirá. Mudar requer esforço, por isso disciplina é sinônimo de dor.

Mas essa dor tem caráter redentor. Essa dor é positiva. É a dor de forçar o corpo a um esforço que o fará sentir-se melhor. É um sofrimento que nos renderá benefícios futuros.

O senhor Hélio descobriu esse valor. Aplicou-se de forma disciplinada em duas atividades com as quais certamente deve ter tido problemas durante toda a vida: o inglês e a atividade física. Ele quebrou o cristal. Desafiou-se a não permitir que o defeito, expresso em sua falta de perseverança, o vencesse definitivamente.

Diferente de Ermelinda, Hélio conseguiu reverter o quadro. O defeito da juventude não o acorrentou. Ele descobriu, por meio das palavras que o incomodaram, um motivo para se desafiar.

Apesar de já ter sofrido tanto com sua falta de persistência nos projetos iniciados, aquele senhor redescobriu a força de sua juventude. E por meio da disciplina sua de cada dia, conseguiu livrar-se de algo que o fazia sofrer.

É interessante, mas acontecimentos como esse costumam servir como um elixir para nos manter jovens. O senhor Hélio experimentou isso na carne. Redescobriu-se como pessoa, embora em idade já avançada. Encontrou nele

mesmo um motivo para mudar. Mudar para melhor. Experimentou, ainda que tardiamente, o valor de estabelecer regras.

Conseguiu descobrir dentro de si um valor que até então ele desconhecia possuir. Já estava acostumado a morrer nas iniciativas. Foi além. Venceu e sentiu-se mais feliz por ter descoberto que ainda poderia ser disciplinado e persistente.

O destino do corpo é inevitável. Ele envelhecerá e perderá a vitalidade. Consequentemente, seremos privados de muitas possibilidades. Mas uma coisa é certa. A alma não precisa envelhecer. Sempre será tempo de superar os limites de nossa personalidade e assumir um comportamento mais harmônico e sereno. Este é o propósito dos sábios.

*O tempo não é um detalhe.
O pequeno descuido de hoje pode se
transformar em sofrimentos futuros.*

Fábio de Melo

CAPÍTULO 23

Lidando com os sofrimentos

Quebrar o cristal não é simples. Requer disciplina. Quando falávamos do sofrimento do corpo, apontávamos para uma realidade interessante. A dor é um sinal do corpo de que algo não vai bem.

É interessante perceber que as inadequações relatadas por Hélió e Ermelinda, de alguma forma, cumprem o mesmo papel que a dor cumpre no corpo, ao anunciar a necessidade de alguma intervenção.

Ermelinda sofria com o ciúme doentio. Hélió sofria com a incapacidade de terminar o que começava. Ambos eram vítimas de uma espécie de doença da alma, um sofrimento que não tem causa material, mas nem por isso é menos verdadeiro. Sofrimento diretamente ligado ao mecanismo mental, isto é, ao modo como eles interpretavam e consequentemente viviam a vida.

A mente nos faz sofrer. Ela é um sistema organizado que se refere ao conjunto dos processos cognitivos. Nela está toda a nossa atividade psicológica e é nela que se processam os nossos sentimentos e entendimentos. A mente é também o território do sofrimento. Boa parte da dor que dói no mundo tem na mente o seu local de origem.

A origem do sofrimento de Ermelinda, por exemplo, era o fato de não saber lidar com os seus sentimentos. Ao sentir-se insegura, Ermelinda assume uma postura ciumenta. Mas qual é a causa da insegurança que a desestrutura tanto a ponto de afastá-la das pessoas que lhes são especiais?

Não temos como aprofundar aqui as questões geradoras dos problemas de

Ermelinda, mas podemos adiantar que boa parte dos problemas dessa senhora seriam resolvidos se ela se empenhasse em reorientar o seu jeito de lidar com suas inseguranças. Quando a doença é na mente, a cura só pode vir mediante a reorganização do pensamento.

Temos uma convicção simples, mas que se mostra muito eficaz na prática. Muitos sofrimentos provenientes da mente podem ser resolvidos ao substituirmos um pensamento ruim por um bom.

Ao sentir-se insegura, Ermelinda precisa mentalizar:

“Não tenho razão para me sentir assim! Tenho uma família que me ama! Pronto. Essa já é uma pequena tentativa de conter a insegurança que desencadeará o ciúme”.

Ao ocupar a mente com um pensamento positivo, Ermelinda afastará um pensamento que poderá deprimi-la.

No caso concreto do neto que ganhou a viagem, o que deprimiu Ermelinda foi o pensamento: “Meu neto não gosta mais de mim, afinal a outra avó está em vantagem. Ela lhe deu uma viagem de sonhos!”. Ao pensar assim, Ermelinda se fecha em seu mundo mesquinho e perverso. Passa a sofrer por uma realidade que não existe, afinal, o neto não deixará de amá-la só porque está feliz com o presente recebido. Mas, por causa do ciúme que sente, esse é o único raciocínio do qual Ermelinda é capaz.

Mas ela poderia pensar diferente: “Que bom que meu neto ganhou essa viagem. Quando ele voltar quero que me conte tudo sobre como foi”.

Ao tirar da cabeça a ideia de que está perdendo, ela passa a nutrir pensamentos positivos em relação ao que está acontecendo.

Ermelinda não pode mudar o fato, pois a viagem já está acontecendo. Mas pode mudar o jeito como o encara. Em vez de pensar de maneira egoísta no que está perdendo no momento em que o neto a ganha, passa a focar somente no ganho do neto.

Ela se distancia do que considera uma perda e aprende, pela força do pensamento modificado, a se alegrar com o acontecimento que antes a deprimia. A viagem vai dar a ela oportunidades bonitas de estar ao lado do neto.

Partilharão as alegrias vividas, verão as fotos tiradas, e o que antes era perda torna-se um ganho.

Mas agora vamos falar de você. Quantas vezes enfrenta sofrimentos terríveis justamente porque não consegue mudar o jeito como olha para as coisas?

Quantas vezes perdeu noites e noites de sono só porque se deixou levar por sentimentos mesquinhos como o de Ermelinda?

Muitos sofrimentos nascem dos nossos pensamentos. Como eu disse anteriormente, a mente gera os nossos entendimentos. Entender é perceber, compreender, captar pela força da inteligência. Entender é também perceber a razão, isto é, ir mais a fundo.

Mudar o jeito de pensar sobre determinada realidade ou situação requer que a gente vá mais fundo. É como tentar ver uma realidade do avesso. Não posso enxergar apenas o ciúme que sinto. Preciso descobrir no ciúme que me atormenta a chave para a minha superação. Foi justamente o que Ermelinda não fez, e é também o que muitos de nós não fazemos.

Somos facilmente tentados a ficar no lugar comum. É mais simples. Não dá muito trabalho. Sentimos ciúme e não fazemos nada para mudar isso. Os outros que sofram com a nossa forma desordenada de querer bem.

É geralmente assim que resolvemos os conflitos, porque nem sempre estamos dispostos a esbarrar nos sofrimentos que eles poderão desencadear.

Mas se tratarmos a questão honestamente, identificaremos nesse comportamento uma forma de aniquilamento de nossas possibilidades. Quando me recuso a mudar, de alguma forma estou me privando do crescimento necessário e merecido.

Estabelecer esse embate é uma forma de minimizar os sofrimentos da vida. Sofremos muito, eu sei, mas também não podemos negar que sofremos por questões insignificantes. Com todo o respeito, sofremos por falta de inteligência. Sofremos por não sermos capazes de analisar com profundidade os problemas que nos afligem. Sofremos por falta de entendimento. Sofremos por falta de iniciativas. Sofremos por falta de perseverança. Sofremos por inércia, por comodismo.

Queremos que a vida nos caia pronta do céu. Queremos fugir da necessidade do esforço e da disciplina. Queremos que os outros se adequem ao nosso jeito mesquinho de ser só porque não queremos ter o trabalho de pensar nas nossas atitudes com um pouco mais de responsabilidade e comprometimento.

Muitos sofrimentos serão extirpados de nossa vida apenas se lançarmos um olhar diferente sobre eles. Pensamentos positivos podem aliviar a alma de sofrimentos tortuosos.

A psicologia nos ensina que o processo terapêutico tem o poder de reorientar uma pessoa. Mas no que consiste um processo terapêutico? Não é um retorno no tempo, pela força da palavra e da lembrança, com o objetivo de ressignificar, isto é, atribuir um novo significado a uma realidade antes incompreendida?

Pois bem. Um novo significado, ou uma nova interpretação de um fato, só poderá acontecer mediante o exercício do pensamento.

O bom terapeuta é aquele que consegue nos encaminhar para uma nova interpretação de tudo aquilo que nos oprime. Uma realidade passada não pode ser modificada. Ninguém pode fazer voltarem os acontecimentos e transformá-los em outros. O acontecido é definitivo. Mas o que não precisa ser definitivo é o jeito como olhamos para o acontecimento. Nisso consiste a terapia. Reorganizar os efeitos do passado.

Muitos sofrimentos nascem da nossa interpretação dos acontecimentos passados. A matéria vivida se transforma em opressão para a mente. É uma peça que não se encaixa no todo, dando-nos a sensação de que algo está fora do lugar.

Foi justamente isso que aconteceu com Lia. Nascida em uma pequena cidade no interior de São Paulo, Lia viveu um inferno terrível por dois longos anos.

Tudo aconteceu quando ela voltava, acompanhada de três amigas, de uma festa realizada em um sítio próximo à sua cidade. Lia dirigia o veículo quando uma caminhonete em alta velocidade veio em sua direção. Não houve tempo para nada. Ao ser atingido pela caminhonete, o carro foi violentamente arremessado para fora da estrada e bateu contra uma árvore.

O resultado daquele acidente foi trágico. As três amigas de Lia morreram na hora. Depois de mais de seis meses no hospital, Lia voltou para casa com uma sequela que lhe paralisou as pernas. Não havia um motivo físico para não andar. Lia não conseguia ficar de pé porque estava sob efeito de um trauma terrível. As razões de sua paralisia não estavam nos músculos ou nas articulações de suas pernas, e, sim, na culpa que sua mente lhe atribuía.

Presa a uma cadeira de rodas, Lia perdeu totalmente o sentido da vida. Tornou-se inapta para conviver com aquela verdade. Suas amigas perderam a vida enquanto ela conduzia o veículo que as transportava. Lia não era capaz de suportar aquele peso.

Conheci-a no momento em que o trauma já estava superado, mas tive oportunidade de ouvir todo o admirável processo pelo qual ela precisou passar para recobrar o movimento das pernas.

O primeiro grande desafio de Lia foi encarar a dura realidade de que ela não poderia mudar aquele acontecimento. A pedra do tempo já estava posta. A matéria da vida não podia ser mudada. O acidente havia acontecido e suas amigas estavam sepultadas.

Lia precisava aprender a repetir aquela verdade, pois, no ímpeto de resolver a culpa que se atribuía, Lia tentou se livrar da realidade por meio da negação. Passou longos meses apática, dormia boa parte do tempo, como se quisesse apagar os dolorosos efeitos da realidade.

Não comentava absolutamente nada sobre o acontecido. Vivia como se nada tivesse ocorrido. Reduziu sua experiência humana a uma espécie de vida vegetativa. Não falava, não chorava, não sorria. Apenas recebia os cuidados de que necessitava, mas sem dizer absolutamente nada sobre o fato que a deixara naquela condição.

Mas Lia não podia fugir de sua própria vida. Havia um gigante que precisava ser enfrentado. Com o tempo, a terapeuta conseguiu ter acesso à dor de Lia.

Ao interromper a medicação para dormir e assim ficar mais tempo consciente, ela se permitiu chorar e falar sobre a morte das amigas. O tempo de negação estava chegando ao fim.

O processo terapêutico de Lia a ajudou a recolocar o acontecimento na sequência de sua vida. A grande necessidade era livrar Lia do sentimento de culpa. Na culpa estava a origem de sua paralisia física e mental.

Foi o que aconteceu. Com muito esforço, a terapeuta conseguiu que Lia começasse a olhar para aquele acontecimento como uma fatalidade da qual ela não teve culpa. Ela estava fazendo tudo certo. Estava dirigindo com cautela, na velocidade permitida, e não estava alcoolizada. O condutor da caminhonete fora o responsável pela tragédia. Foi ele quem avançou na direção do carro em que Lia estava com as amigas. Ela não teve o que fazer. Não havia acostamento para desviar o carro. E, por estar em alta velocidade em uma estrada estreita e de terra, o rapaz perdeu totalmente o controle da caminhonete. Lia foi passiva no acontecimento. Não lhe restava nenhuma possibilidade.

Essa era a reflexão que Lia precisava fazer. Somente essa racionalização poderia libertar sua mente do duro fardo da culpa. Ela tinha todo o direito de lamentar a fatalidade, mas jamais poderia alimentar nenhuma espécie de culpa pelo acontecido.

E assim foi. Ao conseguir substituir a culpa pela reflexão, Lia se permitiu trilhar um novo caminho, um caminho de reconstrução da própria vida. É claro que essa substituição de perspectivas não a poupou da dor de ter perdido as amigas de maneira tão trágica. A substituição proporcionou a ela a continuidade da vida, mediante uma forma menos penosa de lidar com a tragédia.

Ao ser capaz de olhar para o acontecimento sem a culpa dos primeiros meses, Lia foi aos poucos retomando os movimentos das pernas. Era como se a reconciliação com a mente lhe proporcionasse uma reconciliação com o corpo. O avanço da mente favoreceu o avanço das pernas. Lia voltou a andar. Aos poucos, bem aos poucos, foi retomando a vida e suas atividades.

O interessante, nesse caso, é que Lia precisou reinterpretar o seu passado. Não tinha como mudar os acontecimentos, mas podia mudar o jeito como olhava para eles. Ao eliminar o peso da culpa, ela pôde organizar o luto das amigas. Sofreu, como é próprio de quem precisa organizar uma tragédia desse porte, mas seguiu. Encontrou forças e desafiou sua paralisia.

O fascinante é que os familiares das amigas falecidas estavam todos muito empenhados na recuperação de Lia. Cuidar da única sobrevivente era um jeito de manter viva a memória daquelas que se foram.

Ao encontrar Lia, fui impactado pela força que havia em seus olhos. Mesmo antes de conhecer sua história, tinha certeza de que estava diante de uma grande sobrevivente, uma grande mulher. Os olhos estavam revestidos da sabedoria adquirida pelo sofrimento. Ela não era uma mulher comum. Estava sacramentada nos sinais que a dor criativa pode gerar. Lia se transformou em uma mulher espetacular depois daquela tragédia.

A transformação só foi possível porque ela aceitou o desafio de olhar de uma forma diferente para a tragédia que não podia ser mudada. Ela não transformou o fato, mas permitiu que ele a transformasse para melhor.

CAPÍTULO 24

Racionalizar para viver melhor

“A vida que não é examinada não vale a pena ser vivida.” Esse pensamento é de Sócrates. Ele tinha razão. Examinar a vida é revesti-la de qualidade.

Boa parte dos nossos sofrimentos são frutos de pouca reflexão. Muitos dos nossos conflitos sobrevivem da nossa ignorância. Isso nos identifica como a causa primeira das nossas mazelas, pois somos os primeiros a processar as informações recebidas, que se transformarão em fontes de dor e desencanto.

A reflexão é um atributo humano. Nossa capacidade de pensar a realidade nos diferencia dos demais seres. Embora possamos identificar uma forma de inteligência nas realidades criadas, somente a condição humana está capacitada para atribuir sentido aos acontecimentos.

Essa capacidade cognoscitiva é desenvolvida ao longo da nossa vida. À medida que crescemos, aperfeiçoamos nossa capacidade de refletir sobre a vida que vivemos e interpretá-la.

Uma criança, por exemplo, tem menos condições de compreender uma realidade e atribuir-lhe sentido do que um adulto. Apesar de sabermos que existem adultos mais infantis do que as próprias crianças. O inegável é que a vida adulta deveria ser o auge da nossa compreensão das coisas. A isso chamamos de maturidade. Uma pessoa é madura na medida em que consegue estabelecer o sentido das coisas.

A primeira fase desse processo cognoscitivo é a dos “porquês”. Você já deve ter experimentado a descoberta do mundo por uma criança. É uma época

marcada por uma infinidade de perguntas. Ela quer saber a causa de tudo.

Aprendi na universidade, com um professor de filosofia antiga, que esse é o início da nossa vocação filosófica. Vocação esta que pode ser sufocada, caso não tenhamos adultos que estimulem ainda mais os nossos “porquês”. Se não somos estimulados pelos “porquês” da vida, corremos o risco de viver sem perguntar e, conseqüentemente, viver sem aprender.

No início da vida, somos naturalmente filosóficos. A criança tem um interesse natural em desvendar o mundo em que vive, conhecer suas regras e desvelar o sentido das coisas.

Essa fase pode ser continuada ou não. Tudo depende dos estímulos e das escolhas que cada um faz ao longo do crescimento. Uma pessoa será sempre dotada de capacidade reflexiva, mas o desenvolvimento dessa capacidade dependerá dos estímulos de que ela necessita para crescer e ser aprimorada.

Refletir é um atributo humano. Somente nós podemos descobrir o oculto que está por trás de tudo. A arte, por exemplo, é um jeito interessantíssimo que o ser humano tem de desvelar o sempre oculto, o sentido mais profundo. Talvez seja por isso que as pessoas de natureza artística sejam tão afeitas ao contexto das reflexões. Muitos artistas mudaram os destinos do mundo.

No entanto, a reflexão é possível em qualquer ocasião. Se não refletimos, é porque não queremos ou perdemos o hábito, mas uma coisa é certa: a reflexão é necessária em todas as nossas decisões, afinal, ela qualifica o nosso jeito de ser e estar no mundo.

Quanto mais uma pessoa é capaz de pensar a vida, suas escolhas e o jeito de encaminhar suas decisões, maior será a possibilidade de uma experiência harmônica e equilibrada consigo mesma e com os outros.

Por isso, corroboramos o pensamento do grande escritor norte-americano Lou Marinoff ⁸, que diz que um pouco de filosofia não faz mal a ninguém e que boa parte dos nossos sofrimentos podem ser resolvidos com o simples ato de pensar um pouco mais sobre eles.

Há uma proposta interessante, nos dias de hoje, de estabelecer um processo terapêutico através da filosofia. É a filosofia clínica. De acordo com os

estudiosos dessa área, o sofrimento será sempre mais suportável conforme formos capazes de racionalizar as causas que o movem. É simples. É como cortar o mal pela raiz. Se descobrimos o pensamento que nos faz sofrer e o reinterpretemos, de alguma forma já estamos iniciando a superação. A reflexão pode minimizar os efeitos dos sofrimentos.

A vida continua penosa mesmo quando refletimos, mas é inegável que a reflexão consegue dar um sustento muito interessante ao nosso processo humano, afinal, ela abre portas que até então estavam fechadas. Ao vislumbrar novas possibilidades de interpretar um fato, o ser humano descobre um jeito interessante de neutralizar o pensamento que antes o oprimia. E nisso há um poder curador.

Marco Aurélio, grande imperador e pensador, dizia que “a felicidade da vida depende da qualidade de nossos pensamentos”. A serenidade é fruto da mente esclarecida e norteadada por um pensamento saudável.

Em muitas situações, o sofrimento nasce da irreflexão. Nós é que o alimentamos. Nós decidimos por ele.

Mas se mudarmos o jeito de pensar por meio de uma reflexão, naturalmente poderemos extirpar o que antes nos atormentava.

Vou citar um exemplo que vai nos ajudar a entender.

Magno sempre foi um funcionário brilhante no banco em que trabalhava. Desde os primeiros meses de trabalho, se esmerou para aprender bem o ofício que exercia. Com o tempo foi conquistando a confiança de seus superiores e em um prazo de dois anos alcançou excelentes promoções.

Magno despertou a inveja de muitos que já trabalhavam no banco havia mais tempo que ele. O inevitável aconteceu. Por ter se destacado em um curto espaço de tempo, começou a sofrer perseguições mesquinhas de alguns de seus colegas de trabalho.

Ele me procurou justamente no momento em que estava recebendo cartas anônimas. O conteúdo das cartas era muito estranho. O anônimo o acusava de roubos. Dizia saber tudo o que ele fazia de errado no cargo que ocupava. Nas cartas havia a ameaça de que, mais cedo ou mais tarde, ele seria denunciado,

para que pagasse pelos crimes que estava cometendo.

Magno estava desesperado. Temia perder o emprego e a confiança dos seus superiores, caso o conteúdo das acusações viesse a público. Estava mergulhado em um sofrimento terrível. Aquelas cartas acabaram com a sua qualidade de vida. Ele já não conseguia ser o mesmo. Perdera a vitalidade, estava apático e visivelmente abatido pela falta de segurança.

Aquele jovem rapaz era de uma honestidade admirável. O conteúdo das cartas era um absurdo. Magno jamais faria as coisas de que o anônimo o acusava. Era um homem de caráter, honesto, e nunca foi capaz de enganar alguém. Tudo o que alcançou foi fruto do seu esforço e do seu trabalho.

Depois de ouvir todo o sofrimento de Magno, perguntei a razão de ele estar tão abatido com as cartas. Se tinha consciência de que nada do que estava escrito era verdade, por que estava se deixando abater tanto?

Magno temia a vergonha das acusações. Disse que tinha medo de ter sua imagem denegrida no local de trabalho.

O sofrimento dele era concreto. Apesar da certeza de sua inocência, Magno permitiu que o conteúdo daquelas cartas comandasse os seus dias. Ele não conseguia se desligar das acusações. Vivia em função delas.

O que faltava a Magno naquele momento da vida era um pouco de reflexão. O que lhe faltava era a dinâmica dos “porquês” da primeira infância.

Magno precisava analisar a sua situação por um outro prisma. Primeiramente precisava reconhecer que a causa de seu sofrimento era uma calúnia. A matéria-prima de seu tormento era uma mentira. Ele não estava diante de uma verdade. Não estava sendo acusado de um erro que realmente havia cometido, portanto não tinha o que temer.

Quando somos ameaçados por algo que realmente fizemos, então temos um motivo para nos preocupar. Erramos e alguém ameaça revelar nosso erro. Nesse caso, temos uma realidade que verdadeiramente merece nossa preocupação. É natural que diante desse fato a gente sofra. Se erramos, temos que pagar pelo erro. Sofrimentos nascem desses pagamentos. Não teremos outra opção a não ser enfrentar as consequências dos nossos erros. Adiar

costuma ser a pior escolha.

Mas Magno era ameaçado por uma calúnia. O que ele realmente precisava fazer era racionalizar o seu sofrimento. Vale aqui a premissa popular que diz: Quem não deve não teme!

Por que continuar sofrendo por ameaças sem fundamento? Cartas anônimas só nascem de pessoas covardes, que não têm coragem de assumir o que pensam ou o que denunciavam. Se as acusações partiam de uma pessoa covarde e eram infundadas, por que dar atenção a elas? Por que perder a paz por algo tão mesquinho?

Foi justamente o que propus ao rapaz. Não havia absolutamente nada naquela situação que merecesse de fato a sua atenção.

Magno não poderia continuar dando autoridade àquele discurso mesquinho e mentiroso. Ao permitir que sua mente se ocupasse de todas aquelas acusações, Magno conferia autoridade e poder ao desconhecido e mentiroso que o atormentava.

O que Magno fazia consigo mesmo era cruel. Tudo o que ele sabia de si valia menos que o conteúdo das cartas. Era preciso mudar o jogo. Ele estava permitindo que os adversários minassem o seu campo de atuação. Ao sofrer daquele jeito, entregava a vitória nas mãos dos adversários.

Depois da nossa conversa, Magno se comprometeu a não abrir mais as cartas, além de destruir todas as outras já lidas. Sempre que sua mente quisesse se preocupar com o conteúdo das acusações, ele se esforçaria para substituir a acusação pela certeza de que não devia nada a ninguém. Assim poderia voltar a dominar o seu pensamento.

Com a mente mais organizada, o sofrimento perde o seu poder opressivo. Ao substituir uma ideia ruim por uma boa, ele reconquistaria a tranquilidade e a competência, marcas de sua atividade profissional.

E assim o fez. Quando percebia que ficava acabrunhado com as lembranças das acusações, Magno se esforçava para desempenhar com ainda mais vigor suas atividades. Além disso, encorajou-se e resolveu se abrir com o seu superior. Contou-lhe tudo o que estava sofrendo e colocou-se à disposição para

que todo o seu trabalho fosse criteriosamente avaliado.

Mais uma vez o rapaz cresceu no conceito de seus superiores. Ao substituir uma ideia opressiva por uma ideia boa, Magno não só se livrou dos sofrimentos provocados pelas acusações como também alcançou uma nova promoção.

*Os grandes espíritos sempre sofreram
oposição violenta das mentes medíocres.
Estas últimas não conseguem entender
quando um homem não se submete sem
pensar aos preconceitos hereditários e
usa a inteligência com honestidade e
coragem.*

Albert Einstein

CAPÍTULO 25

Administrando os sofrimentos

Um dos grandes problemas que o sofrimento acarreta é justamente a nossa falta de capacidade de lidar com ele. O primeiro desafio que temos diante de uma dor que acabou de chegar é continuarmos no comando da nossa vida.

Magno perdeu o controle da sua vida. As cartas anônimas comandavam os seus dias. Em vez de administrar o problema, acontecia o contrário.

Diante dos problemas da vida e dos sofrimentos originados deles, temos duas possibilidades: ou os administramos ou seremos administrados por eles.

No mundo dos negócios, os bons administradores são geralmente pessoas reflexivas. Uma boa administração só pode ser realizada se a realidade administrada passa constantemente por processos de análise. É por meio da análise de uma situação que podemos encontrar o melhor caminho a seguir.

A gênese dos sofrimentos de Magno era justamente sua incapacidade de analisar as ameaças. Por vezes os medos nos roubam a capacidade de reflexão. Somente quando neutralizar o poder das ameaças sobre sua mente é que ele retomará a serenidade.

Analisar é purificar. É retirar os excessos. Muitos sofrimentos nascem de nossas confusões mentais. A análise tem o poder de reordenar as ideias. É como se acendêssemos luzes em um quarto escuro.

Ninguém consegue se localizar em um ambiente sem luz. Por isso as saídas de emergência dos aviões são sinalizadas com caminhos de luz. Caso haja um acidente, os passageiros poderão se orientar pelas luzes. A saída de emergência

é o destino final da luz.

Interessante isso. Muitas vezes também necessitamos de saídas de emergência em nossa vida. São aquelas situações que fogem ao nosso controle. Nesses momentos, a calma da reflexão é que nos permitirá encontrar a melhor saída.

A calma é essencial para que sejamos capazes de encontrar o caminho.

Muitos sofrimentos nascem das nossas confusões mentais. Por isso é tão importante desenvolvermos o hábito de refletir sobre a vida e sobre os problemas que enfrentamos. No momento de nossa fragilidade, a reação mais comum é o desespero. Mas o desespero não nos ajuda em nada. Pessoas desesperadas são pessoas em profundo estado de confusão mental.

O desespero é uma resposta espontânea do ser humano quando diante de um grande limite. Mas ele não precisa ser definitivo. Pode ser apenas um primeiro momento do sofrimento. Estender no tempo o estágio do desespero é adiar a solução dos problemas. Pessoas desesperadas não costumam lidar bem com os problemas que enfrentam. A razão é simples. O desespero é o oposto da análise. A análise requer calma, paciência e lucidez. Tais atitudes geralmente não são observadas em pessoas tomadas pelo desespero.

Administrar os sofrimentos no momento do desespero é tarefa árdua. É nessa hora que precisamos de alguém que nos ajude a contornar a força do pensamento opressivo. Desesperos nascem e são nutridos a partir de fatos e ideias que nos oprimem. Voltamos à questão que já tratamos anteriormente. Fatos não podem ser modificados, mas as consequências deles em nós sim.

Quando estamos desesperados, precisamos fazer a triagem das causas. Se não temos mais como alterar o fato, teremos então que investir nas consequências.

É nesse momento que deveremos nos fazer a pergunta fundamental a partir de várias perspectivas: Por que estou desesperado? Qual é a raiz do que me faz sofrer? É possível alterar a realidade que me envolve? Por que estou sofrendo?

A formulação dessas perguntas favorecerá o processo de análise. Perguntar o porquê do sofrimento é tão importante quanto sorver o ar para se manter

vivo. É a partir dessa pergunta que descobriremos se temos ou não razões para sofrer. Digo isso porque não é raro encontrar pessoas em profundo estado de sofrimento sem razão.

Sufrimento sem razão é sofrimento infértil. Sofrimentos sem razão são sofrimentos que poderiam ser evitados, caso a pessoa se dispusesse a fazer uso de sua capacidade de reflexão. Exemplo disso são os sofrimentos que nascem dos medos.

É possível encontrar diversas pessoas pelo mundo afora que sofrem terrivelmente com seus medos. Medos muitas vezes infundados, nascidos de bobagens nas quais resolvemos acreditar.

Recordo-me que, quando eu era criança, meu pior medo era o medo de pessoas mortas. Fui criado em um contexto cultural no qual os rituais de morte eram pavorosos, como velórios prolongados dentro de casa.

Não existiam os locais especializados em rituais fúnebres. O morto era velado no mesmo lugar em que depois teríamos que continuar a nossa vida.

É natural que após um velório as lembranças fiquem muito vivas na mente dos que viverão no local onde ele fora realizado. A sala onde o corpo ficou estendido por quase vinte e quatro horas era a mesma que atravessaríamos caso tivéssemos que ir ao banheiro durante a noite.

Nada mais apavorante e tortuoso. Por causa de tudo isso, alimentei durante boa parte da vida o medo de quem já estava morto.

Ainda hoje sou tentado a sentir medo dos mortos, mas sempre que me ocorre esse pensamento busco substituir a visão ingênua — essa que reza que os mortos podem nos fazer mal — por uma visão mais real, madura — a que nos diz que aqueles que já morreram não podem nos causar mal nenhum. Medo dos vivos é até justificável, mas medo dos mortos não tem fundamento.

Assim que racionalizo o medo, naturalmente ele perde o poder sobre mim. Mais uma vez a regra da substituição. Uma ideia ruim por uma boa. Quantos desesperos seriam evitados se usássemos mais essa regra. Quantas ideias opressoras deixariam de ser determinante sobre nós caso aplicássemos esse princípio tão cheio de sabedoria.

Nessa perspectiva, a filosofia exerce o mesmo poder que a medicina. A reflexão reconfigura a experiência e proporciona a cura da mente pelo pensamento.

*Vã é a palavra do filósofo que não cura o
sofrimento do homem.*

*Pois assim como nada se ganha na
medicina quando ela não expulsa as
doenças do corpo, nada se ganha na
filosofia quando ela não expulsa o
sofrimento da mente.*

Epicuro

CAPÍTULO 26

Quando o sofrimento merece ser sofrido

Um sofrimento só vale a pena se for verdadeiro. Sofrer por mentiras é um absurdo. Já chega tudo o que temos que enfrentar na vida. Não é necessário criar outros desafios além dos que já são próprios da nossa caminhada.

Quando identificamos um sofrimento verdadeiro, precisamos nos render a ele. Não se trata de assumir uma atitude passiva, sorvendo-o em estado de vítima. Não, nada disso. Render-se ao sofrimento é reverenciar sua sacralidade, reconhecendo todo o crescimento que se depreenderá dele. É como adentrar em um território sagrado, sabendo que pisar aquele lugar é uma oportunidade única que merece ser vivida e experimentada com seriedade.

O sofrimento é verdadeiro quando está costurado na crueza da vida, isto é, não é fruto de projeções imaginárias, tampouco resultado de medos infundados.

Reconhecer o sofrimento verdadeiro, capaz de nos fazer crescer, é reconhecer diamantes em meio ao cascalho. Requer arte de garimpo.

O tempo todo experimentamos os limites que nos fazem sofrer, mas nem sempre conseguimos distinguir o sofrimento cascalho do sofrimento diamante. O cascalho nem sempre nos amadurece, mas os diamantes, sim. Identificar o sofrimento diamante requer sabedoria e calma. O grande problema é quando invertemos os valores.

Certa vez fui surpreendido por uma moça em um choro convulsivo que expressava profundo desespero. Deixei que ela chorasse tudo o que queria. Durante aquele choro, fiquei pensando na possível causa daquele desespero tão

lancinante.

Após acalmar-se um pouco, ela me contou a causa daquele desespero todo. O namorado havia terminado o relacionamento de pouco mais de dois meses.

Quando terminou o relato, ela me pediu um conselho a respeito do acontecido. Olhei-a e, sem nenhum receio, lhe disse: “Querida, ao sair daqui, aproveite a oportunidade para passar no hospital que trata as crianças com câncer!”. Sem dizer mais nada, deixei-a.

Posso não ter agido da melhor forma, confesso, mas não poderia deixar de lhe dar aquele tratamento de choque. Esbarro em sofrimentos muito concretos o tempo todo e sei o quanto a dor é aguda nos subterrâneos do mundo. Não tinha o que dizer a ela. Falaria o quê sobre o namorado que não a queria mais? Pensei que a melhor forma de acordá-la fosse mostrando a ela uma dor concreta, pela qual o choro merecia ser derramado.

Aquela menina elegeu um cascalho como diamante. Ela precisava tocar verdadeiramente as dores do mundo. Quem sabe assim ela reavaliaria o seu desespero e até sentiria vergonha dele.

Certa vez tive a oportunidade de entrar em contato com as crianças do Instituto Pró-Queimados, uma instituição que cuida de pessoas com o corpo deformado por queimaduras.

Eram crianças com histórias diferentes, mas com problemas muito semelhantes. Eram meninos que aprenderam a conviver diariamente com os limites terríveis ocasionados pelas queimaduras. Crianças que tinham praticamente crescido em hospitais e que aos cinco, seis anos já tinham sofrido mais de vinte intervenções cirúrgicas. Seres humanos mutilados.

O contato com aquelas crianças mudou muito o meu conceito de sofrimento. Não se trata de relativizar o sofrimento de ninguém, mas confesso que depois de tê-las conhecido, sequeladas por dentro e por fora, comecei a enxergar com outros olhos os desesperos do mundo.

Foi a partir daquele encontro que comecei a pensar nos sofrimentos a partir da metáfora do garimpo. Aqueles, sim, eram sofrimentos diamantes, pois cumpriam no mundo a mesma função que os diamantes lapidados: nos

enriquecem. Seja aquele que sofre, seja o que sofre ao lado. É impossível não crescer como pessoa diante de uma criança como aquela. É impossível ficar indiferente àquela modalidade de dor tão crua e real.

O mesmo acontece conosco quando nos deparamos com questões que verdadeiramente merecem nossas lágrimas. São fatos que nos deixam atônitos, tamanho o seu poder de nos desestruturar.

Lucimara aprendeu isso na prática. Presenciou sua família ser vitimada por um acidente trágico. O marido e as duas filhas. Todos de uma vez. Sobrou-lhe apenas a filha mais nova. Um mês após a terrível tragédia, morreu também o seu pai, a pessoa que a ajudava a suportar aquele momento tão doloroso.

Quando a conheci, tive uma experiência que comparo à minha ida à Terra Santa. Para mim, Lucimara é como Jerusalém. Nela o calvário foi atualizado, e o mesmo Cristo que hoje anuncio ressuscitado nela também foi crucificado.

As dores que enfrento no meu dia a dia em nada podem ser comparadas às dores e aos sofrimentos de Lucimara. Sempre que me vejo reclamando do que não tem fundamento, das mesquinharias que interpreto como sofrimento, recordo-me dessa mulher. Ao olhar para os cascalhos que me fazem chorar, recordo-me do brilho do diamante que um dia ela me ofereceu. Sua partilha modificou o meu jeito de olhar para a vida.

Sofrer com Lucimara é justo, é verdadeiro. Quando posso, mesmo a distância, recordo-me de seu calvário e com ela sofro. É um jeito meu de humanizar o que em mim ainda teima em não ser humano.

É a minha maneira de compreender o mistério que se esconde na dor. É uma forma interessante de estabelecer comunhão, permitindo que sua dor não seja em vão. Ao permitir que seu sofrimento me afete e modifique, de alguma forma ele se transforma em instrumento de purificação para o mundo.

A dor de Lucimara me purifica também, uma vez que me atinge com seu poder redentor.

Ao aconselhar a moça que sofria com o abandono do namorado para que fosse visitar as crianças no Hospital do Câncer, quis apenas oferecer a ela um motivo para sofrer de verdade.

Talvez no sofrimento de uma dor real ela conseguisse abrir os olhos para o sentimento mesquinho que lhe provocava desespero. Quem sabe assim jogaria fora os seus cascalhos tão miseráveis e se ocuparia daqueles diamantes tão cheios de brilho, resguardados nos quartos daquele hospital.

É preciso sair dos estreitos labirintos de nossas dores mesquinhas para podermos contemplar os amplos e largos espaços das dores transformadoras.

O namorado não a quer mais? Continue a vida. Não faça da curva o final da estrada. Não percamos tempo lamentando o desprezo de quem não nos ama! Descubramos que isso é cascalho, e que por questões tão miseráveis não é justo sofrer tanto.

Nos garimpos da vida, os diamantes ainda permanecem preservados. É preciso buscá-los incessantemente. Carecemos dessa riqueza. Somente ela poderá nos ajudar a organizar os nossos sofrimentos para que possamos sofrer do jeito certo.

CAPÍTULO 27

Sufrimento: do absurdo ao sentido

Garimpar diamantes é arte que exige ciência. O grande desafio do garimpeiro é encontrar a pedra preciosa no barro. É surpreendente, mas saber sofrer é uma arte que exige a mesma ciência.

Assim como a pedra preciosa necessita de lapidação para chegar ao seu formato mais bonito, também o sofrimento carece de ser trabalhado. A esse trabalho podemos chamar de construção de sentido.

Sentido é o alicerce de uma realidade. As ações humanas estão sempre cheias de sentido. O sentido é a coerência da realidade. Tudo o que realizamos, por menor que seja, sempre está amparado por um sentido oculto.

Descobrir o sentido das coisas é um jeito interessante de investigar a vida, deixar a superfície e atingir o lugar menos comum, mais profundo.

O sentido é o motivo das nossas ações. O que faço tem sempre sua raiz no por que faço.

Sempre que me disponho a conhecer as causas das minhas ações e dos acontecimentos, de alguma forma estou entrando no território do sentido.

No contraponto do sentido está o absurdo. Realidades absurdas são aquelas que, aos nossos olhos, parecem incoerentes. Não há lógica no que vemos e por causa dessa incapacidade de decifrar a realidade estabelecida a classificamos como absurda. Desses absurdos nascem muitos sofrimentos, e deles as perguntas.

Toda pergunta é, de alguma forma, a busca por um sentido. No momento em

que sofremos, perguntamos. Queremos saber os motivos que nos infelicitam e compreender as causas do que nos desespera. Nossas perguntas estão sempre a serviço do sentido que buscamos.

A vida humana é cheia de absurdos, mas também cheia de sentidos. Absurdos e sentidos andam lado a lado porque são realidades complementares. O absurdo é o impulso que nos faz querer o sentido.

Sempre que estamos diante de um fato que não tem sentido, isto é, um absurdo, somos desafiados a descobrir o caminho para a construção do sentido. É a partir dessa construção que nos recuperamos. Só assim podemos sanar as consequências que o sofrimento provoca em nós. A construção do sentido favorece a continuidade da vida.

As perguntas mais fundamentais nascem da nossa incompreensão da vida e de seus absurdos. Diante do desastre que vitimou sua família, Lucimara precisou redescobrir o sentido da vida.

O absurdo da tragédia ela não foi capaz de compreender. Ele ainda continua ameaçando com seu poder de sombra. Mas ela não quis ficar presa em suas ramagens. Preferiu ir além. Descobriu que não poderia ficar paralisada nos braços da tragédia e, decidida, se agarrou às mãos de Deus para recomeçar a vida.

Recomeços são sempre dolorosos, pois esbarram o tempo todo nas lembranças daqueles que se foram. Lucimara precisava voltar à sua casa, adentrar os quartos, desarrumar os locais que pertenciam à sua antiga estrutura familiar. Seu mundo estava modificado. O que antes era tão plural agora estava marcado por uma singularidade desconcertante. Da antiga família, só lhe restara uma única filha.

Lucimara precisava abrir as portas, desmontar os guarda-roupas e dar um destino ao que não seria mais usado.

O absurdo precisava dar lugar ao sentido, mas um longo caminho de sofrimento estava estabelecido.

Trilhando o sofrimento de cada dia que aquela mulher resolveu seguir. Ela é um testemunho vivo de que a fé nos coloca de pé, apesar dos mais trágicos

acontecimentos, e que o sentido é possível, mesmo diante do mais cruel dos absurdos. O mesmo aconteceu com Álvaro e Patrícia, um dos sofrimentos que mais afetou meu coração. Diante da morte de Gabriela, a filha tão jovem, esse casal reencontrou o caminho da vida quando conheceu a Comunidade Bethânia, obra assistencial que se esmera em recuperar pessoas que se perderam no vício. Olhar para o sofrimento dos outros foi um modo de promover a ressurreição da filha. Diante do absurdo da tragédia, o sentido pôde florescer.

*Descansa de tua dor por um instante.
Permite que o sofrer encontre pausa,
ainda que por breves motivos de
esperança.
Debaixo da fria laje do absurdo que te
envolve o sentido se prepara para
nascer.*

Fábio de Melo

CAPÍTULO 28

Acolhendo alegrias possíveis

A mulher me surpreendeu com sua capacidade de alegrar-se. O sorriso iluminado parecia segredar motivos grandiosos. Uma alegria natural, capaz de mover o sorriso na direção da intenção que reza, embora as palavras não sejam pronunciadas.

Quis saber a razão de tanta alegria. Queria também receber, ainda que em pequena parte, os motivos que a tocavam com profundidade. Ela me contou. Era uma razão miúda, quase nada diante dos motivos que costumam mover nossas alegrias. O filho conseguira comer pela manhã uma fatia de mamão.

Um acontecimento simples demais para ser comemorado, não fosse o fato de o filho ser vítima de um câncer que lhe retirou a vitalidade e até mesmo a capacidade de se alimentar.

O que antes era comum, trivial, tornou-se acontecimento raro, digno de ser comemorado. Sua fala estava impregnada de gratidão. Seu olhar feliz parecia extrair diamantes de pedra.

Diante de tão agudo sofrimento, ela olhou para o mundo naquele momento e nele quis descobrir uma única flor no meio de um deserto imenso. E conseguiu.

Corpo e alma mergulhados em um motivo único. Comemoração que tem o poder de reunir o que antes estava em pedaços, como se o fato possuísse o poder de suturar as partes, devolvendo a inteireza, a harmonia.

Acolhi a alegria daquela hora em um silêncio demorado. Abracei aquela mulher e pedi a Deus que me transformasse naquele momento. Pedi a Ele que

reacendesse em mim a capacidade perdida de alegrar-me com as pequenas coisas. Pedi que me concedesse a sabedoria que reside nos que sofrem, nos que olham a vida debruçados nas janelas da dor.

Aquela mulher vivia um processo constante de perdas. Seu filho ia embora aos poucos. Ele, que um dia viera ao mundo pela força dos movimentos lentos, sendo tecido demoradamente em seu seio, agora parecia viver o processo contrário. Aquele que artesanalmente fora construído, agora, aos poucos, bem aos poucos, experimentava o duro golpe de ser desconstruído pela força de uma doença silenciosa.

A mulher acompanhava o filho. Via de perto, via devagar aquela partida anunciada. Mas enquanto a partida não se cumpria de forma definitiva, enquanto ainda existia florescimento de razões, mesmo que menores, a mulher quis comemorar o aparentemente insignificante fato de o filho ter comido uma fatia de mamão, e isso lhe provocava alegria. Diante de tantas perdas, ela quis deixar de perder e, ainda que por um instante, resolveu descobrir um ganho, uma rosa no meio do deserto.

Por meio dos sofrimentos é necessário redescobrir o valor das pequenas alegrias. Redescobrir a graça de celebrar o nascimento de uma única flor no deserto da existência.

O movimento natural é prender os olhos no deserto. A secura imensa, o desconforto do calor e o cansaço trazido pelo sol são infinitamente superiores à pequenez de uma flor teimosa. Lamentavelmente, tudo o que é grandioso pode nos cegar para a percepção de coisas menores, ainda que mais belas.

No absurdo do deserto, a flor é um sentido a ser encontrado. A mulher se ateve ao sentido que descobriu. Não permitiu que o sofrimento e seus braços imensos vedassem seus olhos para a descoberta de uma beleza miúda.

Ela quis comemorar o pouco que possuía. Era um jeito de distrair os poderes da morte com aqueles poucos detalhes de vida. Ela conseguiu. Só por uma tarde. Mas conseguiu.

Há dores que parecem reunir todos os motivos humanos em um só lugar. A dor de perder um filho é assim.

O acontecimento daquela tarde ainda não terminou dentro de mim. Às vezes me recordo dos efeitos daquela alegria miúda. Sempre que posso recolho no altar das minhas celebrações as intenções daquele sorriso.

O contexto da celebração eucarística é muito significativo. É a celebração de um sacrifício, mas revestido de alegria. A matéria a ser celebrada é a vida representada no vinho e no pão. As duas espécies expressam a totalidade da vida humana. Dores e alegrias condensadas em duas oferendas que abarcam a vida inteira.

As oferendas são frutos do sacrifício humano, pois são forjadas pelo suor do nosso trabalho. Porém, pela força da ação do Espírito Santo, a oferenda humana é santificada e transforma-se em corpo e sangue de Cristo.

É o milagre da transubstanciação. Transubstanciar é mudar a substância. Uma mudança substancial consiste em fazer uma realidade ser outra. Mudar substancialmente é mudar totalmente.

O que faz o pão se transformar em corpo e o vinho em sangue é o sacrifício de Cristo. A eucaristia é a continuidade histórica da vida de doação de Jesus. Ele ainda se doa nos dias de hoje, atualizando no hoje da vida o sacrifício daquele tempo.

Mas a eucaristia não termina no rito que celebramos. Ela se estende e se derrama sobre a vida humana. Ela não cabe no rito, mas se estende por onde deixamos.

Cada vez que somos tocados pelos braços do sofrimento, de alguma forma podemos tocar o altar da celebração, onde o Cristo é imolado.

O sorriso daquela mulher estava tocado pelas forças eucarísticas. Nele estavam escondidos os segredos da transubstanciação, quando pela força da ação divina uma realidade se transforma em outra.

O que nela era transformado os olhos humanos não conseguem ver. É algo que extrapola nossas compreensões humanas, porque há dores que não cabem na nossa compreensão.

Com a alegria que sentia, com o pequeno detalhe de felicidade que ela elegeu como motivo de realização, ela fez o mesmo que fazemos quando colocamos

uma pequena gota de água no vinho que consagramos em sangue de Cristo. A gota se mistura ao vinho. Ela se transforma. É o motivo humano sendo colocado no motivo divino, para que nele seja transformado.

Uma coisa é certa: ver um filho morrer é experiência eucarística. Disso não tenho dúvidas. Essa teologia foi a Patrícia quem me ensinou.

CAPÍTULO 29

Transformados pelo sofrimento

É muito significativo aproximar o sofrimento humano do significado eucarístico. A teologia nos ensina que o altar é o lugar privilegiado do encontro de Deus com a humanidade. No altar, tudo o que é humano se diviniza.

Divinizar é recolher e reconhecer a sacralidade. É retirar do profano, isto é, retirar o que está fora do templo e colocar sobre o local sagrado.

Cada vez que somos capazes de colocar o nosso sofrimento diante da mística do altar, de alguma forma estamos aprendendo a superá-lo da melhor forma. Sacralizar o sofrimento é reconhecê-lo como oportunidade de transformação.

O que sofremos passa a nos transformar, pois nos coloca no altar da vida, para que Deus nos recolha como oferenda agradável aos seus olhos. Somos como o pão e o vinho, e em Cristo seremos transformados.

Dessa forma, o sofrimento nunca será em vão, porque sempre haverá nele uma oportunidade de transformação. É só descobrir.

É claro que se pudéssemos escolher, escolheríamos não sofrer. Mas não há como mudar essa regra — o sofrimento humano é natural, inevitável. Em algum momento da vida, ele nos tocará.

O importante é não nos rendermos ao seu possível espírito destruidor. Para isso, é preciso manter viva a chama da esperança. Sofrer sim, mas sofrer apenas por causas que mereçam o nosso sofrimento. Sofrer, mas buscar o sentido oculto que está por detrás das profusas ramagens dos absurdos.

Sofrer, mas nunca esquecer que depois da tempestade há sempre um sol

preparado, pronto para brilhar e nos dourar com sua luz envolvente.

Porque tão importante quanto não fechar a porta para os sofrimentos é não impedir, depois, a entrada das alegrias...

*E é nisto que se resume o sofrimento: cai
a flor — e deixa o perfume no vento!*

Cecília Meireles

¹ Carne e osso”, de Zélia Duncan e Paulinho Moska.

² Trecho do poema “Do amor”, que faz parte da obra *Oráculos de maio*.

³ Trecho da música “Se eu não te amasse tanto assim”, de Herbert Viana.

⁴ Trecho do livro *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (São Paulo: Companhia das Letras, 2003).

⁵ Léo Tarcísio Pereira, membro da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, foi um dos maiores comunicadores da Igreja Católica no Brasil. Morreu de câncer em 4 de janeiro de 2007.

⁶ “Clube da Esquina 2”, de Milton Nascimento e Lô Borges.

⁷ “Epigrama n. 8”, de Cecília Meireles.

⁸ Filósofo norte-americano que publicou duas importantes obras sobre a importância da reflexão filosófica como instrumento terapêutico para as neuroses humanas. São elas: *Mais Platão, menos Prozac* e *Pergunte a Platão*, ambas publicadas no Brasil pela editora Record.